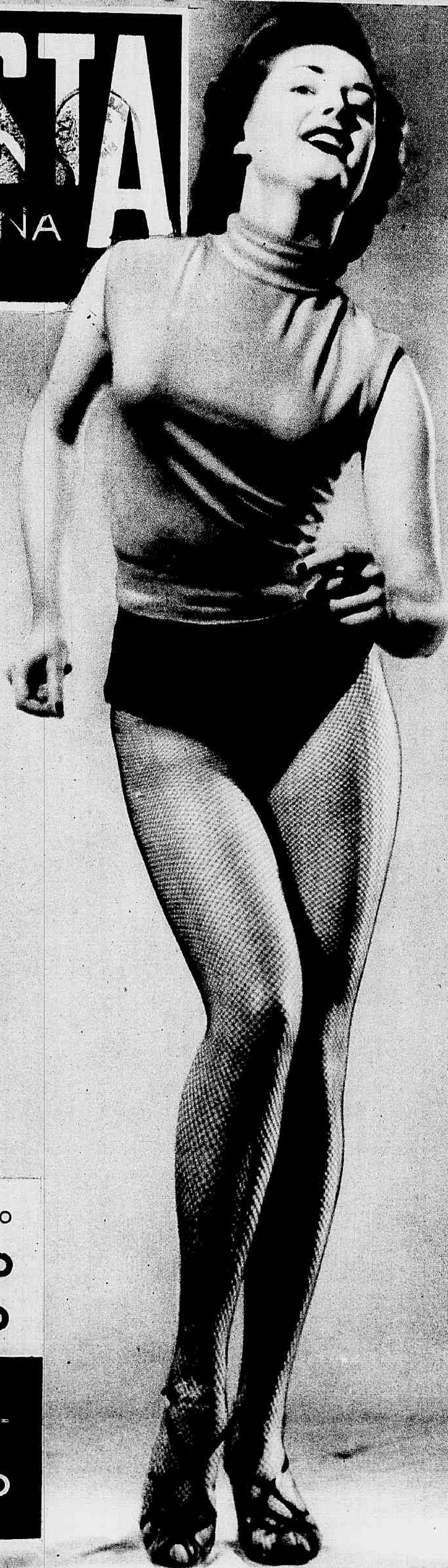
REVISTA DA SEMANA



A televisão tornou maiores os quadris da mulher moderna

OVAS REVELAÇÕES DO
CRIME DO
COSME VELHO

AS PIORES PRO-
ISSÕES DO RIO

de paris

a expressão máxima para o verão

"Silhouette Agile"

Organdi

PARAMOUNT

Paris se expressa na linguagem sutil das flôres... na leveza dos tecidos... numa sil ágil, que passa pelos olhos como dádi divina. Assim é a moda parisiense a primavera e o verão. Vaporosa, irradiante de vida e de côres, na posição de uma elegância única, q só um tecido de fina textura, leve, arm como o Organdi Permanente Paramount pode compôr. Organdi Permanente Paramount em côres desenhos modernos, mais um motivo de encanto para o verão brasileiro.



ORGANDI PERMANENTE PARAMOUNT

Um produto da **INDÚSTRIA DE TECIDOS PARAMOUNT S.**

À venda nas boas Casas do Ramo — Exija na ourela a marca Paramount

EVISTA DA SEMANA

NO LI ★ Nº 49 ★ 5-12-53

SUMÁRIO

s perguntas a Afonso Arinos 6/7
as rainhas disputam uma coroa 8/9
festival de cinema escolhe os melhores 10/11
platéias dos teatrinhos de bôlso 13/15
erreiros famosos voltam ao B-A-BA 16/18
rnando Lôbo responde a perguntas indiscretas 20/21
televisão tornou maiores os quadris da mulher 28/29
a e meiga a moça de Vênus me estende a mão 30/31
paraibanos federais 42/44
piores profissões do Rio 48/50
pressionante a dupla personalidade do major 52/53
êsse mundo de Deus 4/5
sh Baiano 19
mana Literária 24/25
ema 45
mana em revista 54/55
mana Política 56
imo Flash 58

CAPA: A televisão e a mulher (Reportagem págs. 28/29)

Redator-Chefe: **Joel Silveira**
Assistente: **Hélio Abreu**
Paginação: **Victor Tapajós**
Desenhos: **Alberto Lima**
Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

decana das revistas nacionais. Preda com medalha de ouro na Expoão de Turim de 1911 e os Grandes mios nas Exposições de Sevilha e tuérpia, em 1939, e na Feira Internaal de São Paulo em 1933. — Propriee da **CIA. EDITORA AMERICANA.**

Diretor: **Gratuliano Brito**
Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15 dação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Africa Oriental Portuguêsa: D. Spas, Caixa Postal, 434, Lourenço Mares. Em Portugal: Helena A. Lima, aveda Fontes Pereira de Melo, 34, 2º diso, Lisboa. No Uruguai: Moratório & ., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na entina: Interprensa, Florida 299, telee 32, Avenida 9509, Buenos Aires. m agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569 Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

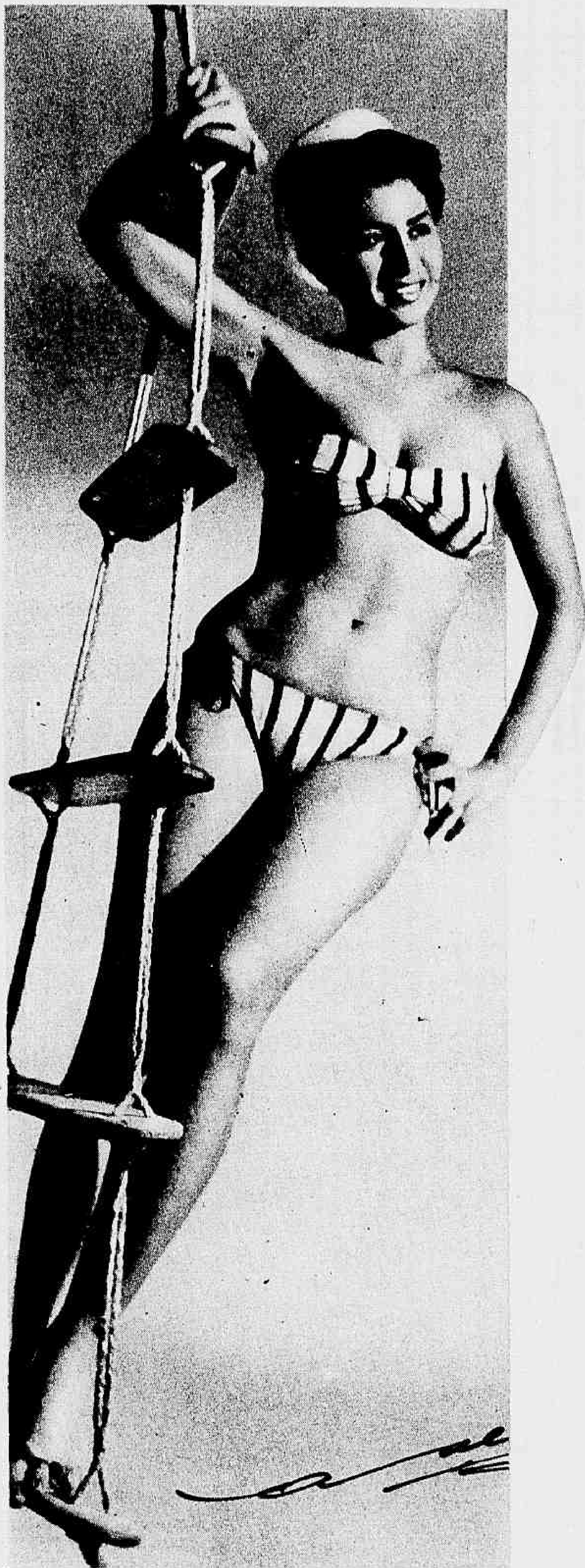
rte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
is meses ... Cr$ 125,00
gistrada — Um ano ...... Cr$ 280,00
is meses ... Cr$ 140,40

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

gistrada — Um ano ...... Cr$ 400,00
is meses ... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

da correspondência deve ser endereça ao Diretor. O corpo de colaboradores REVISTA DA SEMANA está organiza. Só publicaremos colaboração solicida pela redação. Não devolvemos oriais, mesmo quando não publicados. trabalhos assinados são de responsaidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.



Fernando Lôbo responde a perguntas indiscretas

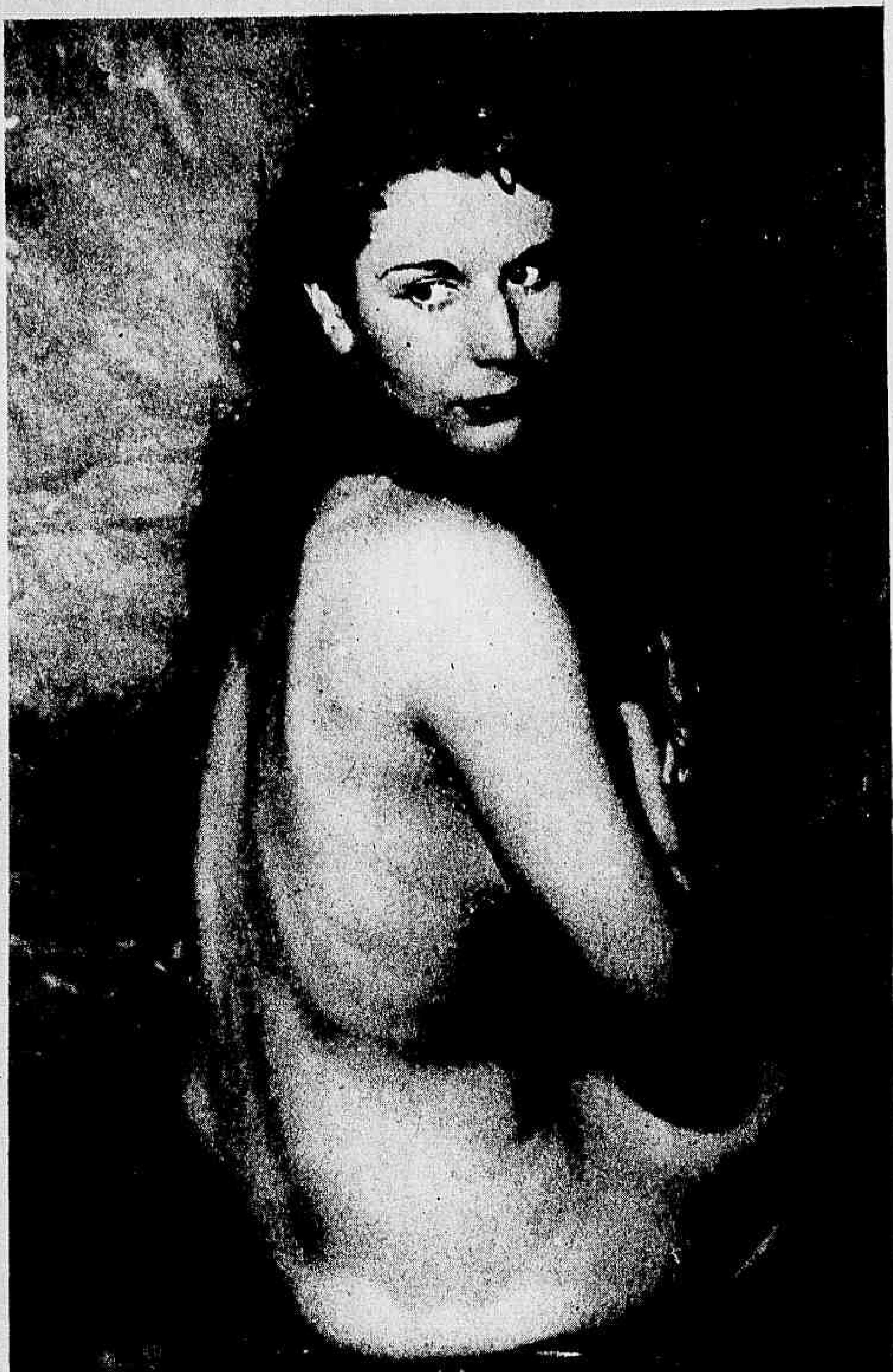
OS PARAIBANOS FEDERAIS

Guerreiros famosos voltam ao b-a-ba

AS PLATÉIAS DOS TEATRINHOS EXIGEM SEMPRE O MELHOR

6 PERGUNTAS A AFONSO ARINOS

Por êsse MUNDO DE DEUS



KATTY, célebre modêlo dos pintores de Montparnasse, acab- de conquistar, em renhido pleito, o título de «O mais be- modêlo do ano». O júri que a escolheu era composto de famo- sos pintores e escultores de renome internacional. (Foto Ag

ATORES O Instituto Cinematográfico Inglês classificou os maiores atores da tela em diversas categorias: os românticos (Rodolfo Valentino, John Barrymore, Leslie Howard e Charles Boyer); os feios (Clark Gable, James Mason e James Cagney); os aventureiros (Errol Flynn, Douglas Fairbanks, Stewart Granger); as divinas (Greta Garbo, Marlene Dietrich, Arletty); as sedutoras (Gloria Swanson, Clara Bow, Jean Harlow e Diana Dors); as fatais (Theda Bara, Bette Davis, Barbara Stanwyck e Margaret Lockwood).

●

TEM 80 ANOS A IDÉIA DO ATUMÓVEL — Henry Ford tinha dez anos quando teve uma idéia: construir uma carruagem sem cavalos. Vinte e três anos depois, ei-lo aqui, com um sorriso orgulhoso, pilotando o seu 1º automóvel.



A CARICATURA DA SEMANA







O futebol, a mais popular de nossas instituições, à frente do jôgo do bicho e da cachaça, não é comentado pelos nossos artistas plásticos. No entanto, uma partida de futebol, quer no campo, quer nas arquibancadas, apresenta uma riqueza de movimentos que encantaria um Degas ou um Toulouse-Lautrec, para falar apenas em dois artistas que tiveram a paixão dos gestos humanos. Na Inglaterra, vários pintores e escultores vêm procurando fixar as atitudes dos jogadores de futebol. A fotografia da esquerda mostra uma escultura em arame de Hamilton Woods; a escultura em gêsso da direita, é um goleiro, feito por Stephen Rickard.

INSTANTÂNEOS

★ O bibliotecário da prisão de Gloucester, Inglaterra, faz uma comunicação à imprensa: os detentos preferem os livros de viagem.

★ Segundo o **Office Général des Statistiques** — o I.B.G.E. francês — o motorista mais perigoso é um homem de 20 a 24 anos de idade, e o motorista mais prudente é a mulher de 41 a 53 anos.

★ Segundo Léo Tover, fotógrafo de cinema em Hollywood, é ao meio-dia que as mulheres atingem o máximo de beleza. A beleza cai com a tarde. Às 18 horas, volta à mulher um novo brilho, que decresce duas horas depois. Às 22 horas, enfim, a mulher torna a ser maravilhosa.

★ Uma viúva de 71 anos, moradora em Yonkers, EE. UU., pediu proteção à polícia contra um desconhecido que lhe vem enviando diàriamente uma carta ardente e dezesseis magníficas rosas rubras

★ Jacqueline du Bief, que estrela em Paris o espetáculo «Hollyday on Ice», é apresentada no «Palais des Sports» com um poema de Paul Valéry, datado de trinta anos atrás, musicado por Erik Satie, compositor que se vaiava naquela época.

★ «Raimu intterprète de Pagnol» é o nome de um filme de montagem, com as seqüências mais famosas do grande ator francês.

★ Em «Les Trois Mousquetaires», novo filme de André Hunebelle, diz o narrador a certa altura: «Dizendo-se homem da espada, proibindo porém os duelos, dizendo-se amigo das letras, mas fundando a Academia francesa; Jean du Plessis, cardeal de Richelieu era um personagem cheio de contradições».



O «Tarzan nº 1», JOHNY WEISMULLER, ex-campeão olímpico de natação, ofereceu uma recepção a seus amigos e admiradores por motivo de seu retôrno ao cinema. Vemo-lo, acima, num flagrante durante a festa, carregando a mulher nos seus ainda robustos braços. — (Foto Agip).



Nas águas do rio, muitos pereceram afogados, fugindo do incêndio

A TRÁGICA RECEITA DA BOMBA ATÔMICA

● Às 8.15 de 6 de agôsto de 1945, a primeira bomba atômica era experimentada sôbre uma cidade. Alguns dias depois o imperador Hirohito se informava dos seguintes dados: dos 245.000 habitantes de Hiroshima, 100.000 haviam morrido sob o impacto da bomba, e outros 100.000 estavam feridos; dos 92.000 prédios, 62.000 estavam destruídos, e 6.000 outros não podiam ser reconstruídos; o calor produzido pela bomba havia atingido 6.000 graus centígrados; a pressão exercida pela explosão tinha variado de 5 a 8 toneladas por metro quadrado; dos 150 médicos que havia na cidade, 65 morreram, os outros todos ficaram feridos; das 1.780 enfermeiras, 1.654 morreram, as outras tôdas ficaram feridas.

Outros resultados obtidos com a bomba: blocos de pedra atirados a centenas de metros; pessoas esmagadas; sangue espalhado por tôda parte; os cabelos e pêlos dos sobreviventes ficaram calcinados; os desenhos das roupas ficaram impressos sôbre a pele de inúmeros homens e mulheres; ouviram-se gritos e gemidos, pedindo socorro e água; um estranho odor andava no ar; no rio da cidade, boiavam os cadáveres dos que tentaram escapar aos incêndios; a pele das mãos desprendia-se como se fôsse uma luva; no parque Asano, vinte soldados a implorar, os rostos queimados, as órbitas vazias, em vez de bôca, uma ferida purulenta; perto de uma ponte, uma mulher se consumiu como uma brasa; etc. etc. E' sôbre essa indescritível desgraça que uma associação de professôres japonêses decidiu fazer o filme que agora se apresenta nos cinemas de Tóquio. Durante dois anos, êsses professôres se privaram de 1/3 do salário para realizar **Hiroshima**, recordação de um dia que nem os americanos nem os japonêses jamais poderão esquecer.



Os mortos, os moribundos e os semi-vivos se misturaram.



[illegible] "Estado Novo", que correspondeu a uma certa fase do predomínio fascista na História Moderna, fase hoje superada"

REVISTA DA SEMANA faz

Seis perguntas a AFONSO ARINOS

Entrevista de MARINA SALES

Fotos de ARNALDO VIEIRA

● Talvez faltem a Afonso Arinos êsses dotes, ou engenhos, de arrebatamento oratório que tanto ajudam a um líder parlamentar na sua tarefa cotidiana. O deputado mineiro exerce suas funções de mando, no Congresso, com a precisão fria e correta de um «scholar». E, como a de um «scholar», a sua argumentação é exata, corrente, e mesmo implacável.

Alie-se essa precisão oratória a uma indisfarçável vocação literária, outro atributo que marca a personalidade do líder da minoria, e teremos o retrato do perfeito orador parlamentar desta época: simples, exato, enxuto, sem arrebatamentos e sem vacilações. Em resumo, nunca poderíamos ver o líder Afonso Arinos, na tribuna, sacudido pelos ardores da eloqüência [illegible] ou condoreira; mas dificilmente também o teríamos impreciso e reticente, difuso e latente.

Dando início a um rápido inquérito entre os líderes partidários no Congresso, a propósito de assuntos do momento político, REVISTA DA SEMANA fêz seis perguntas ao deputado Afonso Arinos, comandante da UDN na Câmara Federal. Perguntas e respostas vão aí embaixo.

1

P — Acredita na existência, proclamada por alguns, de fatôres de ordem política ou econômica que estariam a ameaçar a continuidade do regime?

R —Penso que os fatôres de ordem econômica, por êles mesmos, não podem ameaçar a continuidade do regime democrático, mas, apenas, os de natureza política. Quanto a êstes, minha opinião é a de que a ameaça que parece pesar sôbre o futuro da democracia brasileira, não decorre da prática das instituições políticas concebidas na Constituição de 1946, mas, ao contrário, na irregularidade do seu exercício e, principalmente, na intenção de subvertê-las demonstrada por alguns grupos existentes no Govêrno.

2

P — No caso da existência dessa ameaça, de que armas dispõem os partidos para enfrentá-la e vencê-la?

R — Os instrumentos de que dispõem os partidos são, em resumo, a sua capacidade para exercitar e defender as instituições políticas estabelecidas na Constituição. Na medida em que, por motivos de desordem interna dos seus agrupamentos, ou pela sua impotência diante dos grupos governantes acima mencionados, êles não puderem se desincumbir da sua missão, estarão depondo as armas que a Constituição lhes entregou.

3

P — Acredita no sucesso de um "golpe" político que tente novamente impor ao país uma ditadura do tipo do "Estado Novo"?

R — Não acredito no êxito de uma ditadura do tipo do "Estado Novo", que correspondeu a uma certa fase do predomínio fascista na História Moderna, fase hoje superada.

4

P — Qual a contribuição melhor, por parte do Legislativo, para que o regime democrático se fortaleça ao ponto de anular as investidas dos seus inimigos?

R — A contribuição do Legislativo no fortalecimento democrático consiste, principalmente, na demonstração de que aquêle poder, que tão diretamente representa êste regime, é capaz de atender às necessidades populares por meio de providências adequadas e de combater os vícios administrativos, mediante uma severa e contínua vigilância. Quanto à primeira missão, urge construirmos um sistema de interpretação e prática da Constituição que nos habilite a traçar os grandes rumos da política econômica e social moderna, deixando os pormenores da aplicação para o Poder Executivo. O mito da delegação de poderes precisa ser combatido na parte em que estorva o funcionamento do Legislativo moderno, que perde a sua eficiência e, conseqüentemente, a confiança do povo à proporção que se revela demasiado vagaroso e inoperante na tarefa legislativa.

Assim, sou um convencido da necessidade de uma radical mudança nos processos de elaboração das leis, de forma a habilitar o Poder Legislativo a, como diz a pergunta, contribuir melhor para o fortalecimento do regime.

5

P — Qual, no seu modo de ver, os mais relevantes serviços prestados ao regime democrático pelo atual Legislativo?

R — Penso que a legislatura a extinguir-se no próximo ano prestou ao país históricos serviços, tanto no que concerne à aprovação de numerosas e complexas leis no campo econômico e social, como e, talvez principalmente, com a prática continuada das suas comissões de inquérito que vieram, na verdade, restituir ao Congresso o prestígio de que êle hoje indiscutìvelmente desfruta na opinião.

A tradição de todos os países democráticos é a de que o Legislativo, entre os três poderes do Estado, é sempre o alvo das maiores críticas. De resto, isto é natural por se tratar do poder mais diretamente em contato com o povo e os seus interêsses. Porém hoje, no Brasil, não poderíamos negar que esta tradição encontra uma exceção na forma pela qual sentimos o apoio do povo para a nossa tarefa. Espero, ardentemente, que possamos concluir a Legislatura sob o estímulo dessa confiança.

6

P — Como entende deva funcionar o mecanismo da liderança?

R — O mecanismo da liderança funciona, na minha opinião, de forma muito diferente, segundo as agremiações partidárias. Posso falar no que concerne ao meu Partido. A União Democrática Nacional é uma bancada de representantes que saíram todos das lutas contra a ditadura e que têm, por isso mesmo, a preocupação constante de defender a sua liberdade de opinião. Por outro lado, é um partido que se baseia muito fortemente nos interêsses políticos estaduais e que, principalmente em função dêsses interêsses, se poderá desenvolver. Porém, ao lado disso, a União Democrática tem um certo grupo de doutrinas e princípios nitidamente ligados uns a outros: a defesa da liberdade democrática e da organização jurídica. Portanto, a liderança udenista é um trabalho permanente, contínuo e, muitas vêzes, árduo, no sentido do equilíbrio dessas fôrças nem sempre convergentes: trabalho de respeitar a liberdade de opinião dos Deputados, trabalho de atender aos legítimos interêsses políticos estaduais, mas, também, trabalho de submeter sempre todos êsses fatôres à orientação de defesa democrática e de oposição ao govêrno federal, que foi traçada pela Convenção Nacional. Isto é o que procuro fazer com as deficiências que reconheço em mim, mas com a maior aplicação e boa fé.





Na batalha das curvas

DUAS RAINHAS DISPUTAM UMA COROA

Ester Tarcitano (que foi coroada) ainda não respondeu ao desafio de Thais Bellini (que não foi, mas estrila), enquanto a Associação dos Repórteres Fotográficos tenta impedir seja o título novamente disputado.

Reportagem de JOÃO ALVARENGA — **Fotos de ARNALDO VIEIRA**

ESTER TARCITANO, a Miss Objetiva de Não aceitou o desafio de Thais Bellini e por déste mundo quer colocar o título em jôgo. E' p ta e tem 23 primaveras. Estudou em vários co desta capital, inclusive no «Sagrada Família», estéve internada, e no «Ginásio Santa Cecília» São Cristóvão, que lhe deu o diploma do cur cundário. E' artista do teatro e televisão. Estreo alguns anos, na revista de W. Pinto, «Momo na que lhe valeu relativo sucesso e fêz com que notada nos meios artísticos da capital. Tra atualmente na «boite» «3 BBB» e na televisão. Falando à reportagem sôbre a conquista do título, declarou:

«Estou de malas prontes para ir a Paris, meu de sonho que agora vejo tornar realidade. Ga o concurso, já tenho a coroa, por que então co la novamente num pleito?» Quando nos desped disse: «Não se esqueçam que sou devota de Co e Damião...»

Aí vão as medidas de:

ESTHER TARCITANO

Busto	*71 cms.*
Coxas	*52 cms.*
Quadris	*86 cms.*
Cintura	*53 cms.*
Altura	*1,57 cms.*

Tudo isto em 23 anos de idade e 45 quilos de pêso.

COM A FAIXA DE HONRA E A COROA MÃO, Ester Tarcitano parece dizer: «Esta? — E, enquanto a «torcida» (por esmagadora quer Bellini), reza, fazendo as mais difíceis pr sas, Tarcitano sorri, olhando a refulgente peç adornará (ou não) a sua cabecinha em Paris protestos da Bellini, ao que tudo indica, ainda chegaram ao coração de «Miss Objetiva», por coisa não pode ficar assim. Embora os fotógrafos jam contra, a opinião geral do público tende uma nova disputa entre as duas mais votadas ca datas do movimentado certame.



THAIS BELLINI (do Flamengo) NÃO FOI COROADA, MAS SE DIZ RAINHA. Na foto, aparece com D. Tília (sua mãe) quando se submetia à fita métrica, implacável... Thais Bellini é, sem sombra de dúvida, uma moça bonita. Jovem, (22 anos) culta, bailarina do Municipal (Cr$ 5.000,00 ao mês), fala diversas línguas e tinha como certa sua eleição. Encarou a vitória de Tarcitano como uma autêntica surprêsa (como ela mesma diz) e se considera a genuína «Miss Objetiva» do Rio de Janeiro. Admira, no cinema, José Lewgoy e Eliana, além do canastrão Anselmo Duarte, e faz uma referência tôda especial a Dóris Monteiro. Pertence a uma respeitável família de Minas Gerais e não dá um passo sem que «mama» Tília esteja por perto. Sôbre o pleito que deu a coroa a Ester Tarcitano, declarou: «Nada tenho contra a candidata vitoriosa. Discordei, isto sim, da forma pela qual se processou a escolha da Rainha dos Fotógrafos do Rio de Janeiro, razão pela qual proponho uma nova competição».

Estas são as medidas de:

THAIS BELLINI

Busto	*90 cms.*
Coxas	*57 cms.*
Quadris	*96 cms.*
Cintura	*58 cms.*
Altura	*1,70 cms.*

Tudo isto em 22 anos de idade e 60 quilos de pêso.



O VESTIDO DE THAIS IA FAZER SUCESSO. 53 metros de organdi e milhares de «plissés». E' vermelho, porém, não berrante, e custou respeitável soma. Um detalhe: «Miss Objetiva» (como ela se proclama) Thais Bellini não gosta de «maillot» tipo «bikini». Acha que o traje de banho comum, inteiriço, é suficiente para mostrar tôdas as formas do corpo, sem necessidade de exageros. Thais possui vários cursos (todos completos) e fala inúmeros idiomas, entre os quais o espanhol, o italiano, francês e inglês. Seus pais só a custo permitiram a inclusão de seu nome entre aquêles que disputariam o título.



A eleição para a escolha de Miss Objetiva de 1953, como se sabe, foi uma das mais movimentadas que já tiveram lugar na capital da República. Esther Tarcitano recebeu a vitória debaixo de pancadaria (em pleno Hotel Glória) e os partidários de Thais Bellini («Entra Flamengo!») sòmente foram aquietados depois de vários «rounds» nos quais levaram a melhor, de ponta a ponta.

No dia seguinte aos acontecimentos, Thais denunciou a maneira pela qual se realizaram as eleições e colocou em cheque o título, a coroa e a própria Esther Tarcitano, através de um desafio, no qual, novamente seria escolhida, entre as duas, a verdadeira «Miss Objetiva», pelo processo de Júri simples, ao invés de voto adquirido, como fôra feito anteriormente.

O local para a competição, segundo a própria Thais, poderia ser um teatro ou um campo de futebol, com ingressos pagos e cuja renda se reverteria em favor do Natal dos meninos pobres. O desafio ainda permanece no ar ... e, da Tarcitano, nem notícia.

Em que pese a responsabilidade da Associação dos Repórteres Fotográficos do Rio de Janeiro, (que se manifestou contra o desafio) no que tange a possíveis falhas no sistema pelo qual se processou o pleito, nada nos autoriza duvidar da lisura dos propósitos dos colegas que presidiram o movimentadíssimo certame. Talvez que, depois dos acontecimentos que empanaram o brilho de uma grande festa, resolvam os fotógrafos do Rio de Janeiro instituir no próximo pleito, um outro sistema para a escolha de sua rainha.

DISTRIBUÍDAS "DULCÍDIAS" DE 1953

Lewgoy, o melhor ator, já botou os 50 mil cruzeiros no banco; e Amleto Daissé vai gastar o dinheiro comendo «massas» na Itália ★ Dóris Monteiro, já consagrada pelo rádio, vira rainha no cinema.



Texto e fotos de EVANDRO MENDONÇA

O FESTIVAL DE CINEMA CONSAGRA OS MELHOR

UMA comissão constituída dos srs. R. Magalhães Júnior, Alfredo Pessoa, Manuel Bandeira, Pedro Gouveia Filho, Ahmes de Paula Machado, Francisco Moreno, Juraci Camargo e Luís Alípio de Barros (foto ao lado), que se reuniu diàriamente durante cinco manhãs (assistindo a mais de uma dezena de filmes produzidos no Rio nos últimos tempos), escolheram os premiados do «Primeiro Festival de Cinema do Rio de Janeiro». O Festival foi instituído por um projeto apresentado na Câmara Municipal pelo vereador Magalhães Júnior, que também instituiu a importância de 500 mil cruzeiros que deveria ser distribuída para o melhor ator, a melhor atriz, o melhor fotógrafo, o melhor diretor, o melhor autor, o melhor produtor de curta metragem e o melhor filme de longa metragem.

Depois de todo o trabalho (sigiloso e justo), a Comissão esc **melhor ator:** José Lewgoy (pelo seu trabalho em «Amei um bi a **melhor atriz:** Dóris Monteiro (pelo seu trabalho em «Agulha lheiro); a **melhor direção:** Jorge Ileli e Paulo Vanderlei (pelo filme um Bicheiro»; o **melhor fotógrafo:** Amleto Daissé (em «Amei um ro»); o **melhor autor:** Alex Viany (pelo argumento de «Agulha lheiro»); o **melhor produtor:** Alexandre Wulfes (pelo seu docum «Rio de Janeiro). Todos receberam, além de uma estatueta, a «D um cheque de cinqüenta mil cruzeiros. Ao melhor filme, «Amei cheiro», coube um prêmio (dado pela produtora Atlântida) no v 200 mil cruzeiros



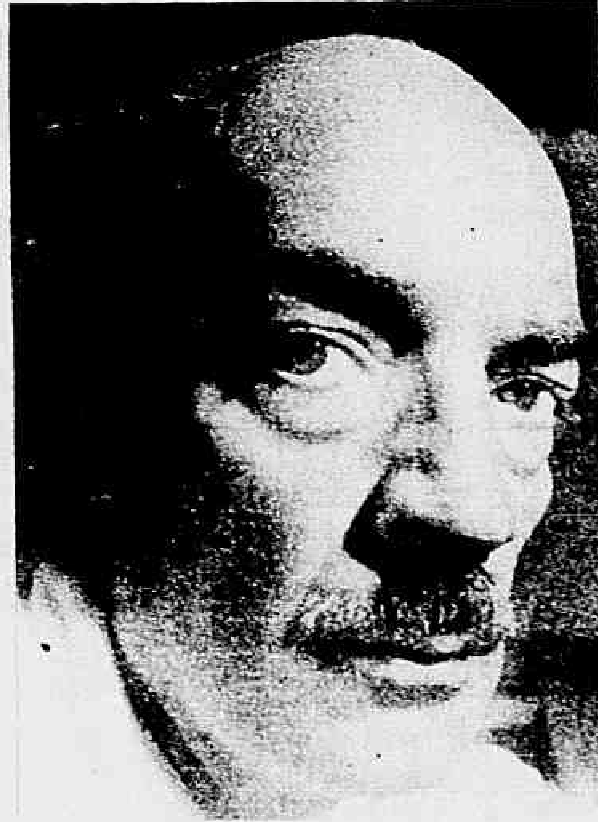
JORGE ILELI

Um dos diretores premiados, Jorge Ileli, forçando um pouco, poderia ser chamado de brôto. Tem 27 anos, é carioca, jornalista profissional, escreveu em «Diretrizes», fêz crítica para o «Jornal do Brasil» e atualmente é o dono da página de cinema da revista «Cigarra». Inicialmente, não teve sorte. 2 filmes dos quais participou, «Aglaia» e «Sonho de Outono» (no primeiro como roteirista, e no segundo, como assistente de direção) ficaram inacabados. Entrou firme mesmo foi no premiado «Amei um bicheiro», onde, além de adaptar a história, foi o diretor do filme, juntamente com Paulo Vanderlei. Bom boêmio que não bebe.



ALEXANDRE WULFES

Cinqüenta contos pelo melhor filme de curta metragem. Um documentário intitulado: «Rio de Janeiro — natureza, turismo e cultura». E' um gaúcho, mas poderia dizer a qualquer pessoa que é alemão. Foi fotógrafo, depois se meteu na Expedição Rondon, filmou índios muitos anos, fêz um documentário sôbre a Retirada da Laguna (aproveitando os lugares históricos, e foi, numa hora de má inspiração, o lançador de Anselmo Duarte, num filme sem maior importância. Nem menor. E' uma das mais tradicionais figuras do cinema brasileiro, que teve nêle um pioneiro teimoso e cheio de fé.



AMLETO DAISSÉ

O italiano Amleto vai com os cinqüenta contos dar um passeio pela terra natal, comer umas «massas», tomar bons vinhos e depois voltar para enfrentar a «camera» dia e noite. Foi premiado como o melhor diretor de fotografias (filme «Amei um bicheiro»), tem muito bom gôsto e é cavalheiro de muita simpatia pessoal. Acha que só há no mundo, no máximo, cinco ou seis bons diretores de cinema e nesse time inclui De Sica, Blasseti, Ford e Hitchcock. Não considera «Amei um bicheiro» seu melhor filme. Prefere as fotografia de «Areias Ardentes». E' conversador, inflamado, mas de boa paz. Gosta de falar dos planos futuros.



ALEX VIANY

Foi teórico do cinema antes d meçar a dirigir. «Agulha no P foi seu primeiro filme, recebido siàsticamente pela crítica e com do pelo público. No filme, ent tras coisas, revelou a figura de Monteiro, a melhor atriz bra nos cinqüenta anos de cinema na Mas não foi como diretor que é premiado. Abocanhou os cin contos como argumentista, aut história de seu próprio filme. F rante muitos anos correspondent revista «Cruzeiro», em Hollywoo de conheceu e conviveu com as p mais importantes do cinema ame e onde aprendeu os mistérios d

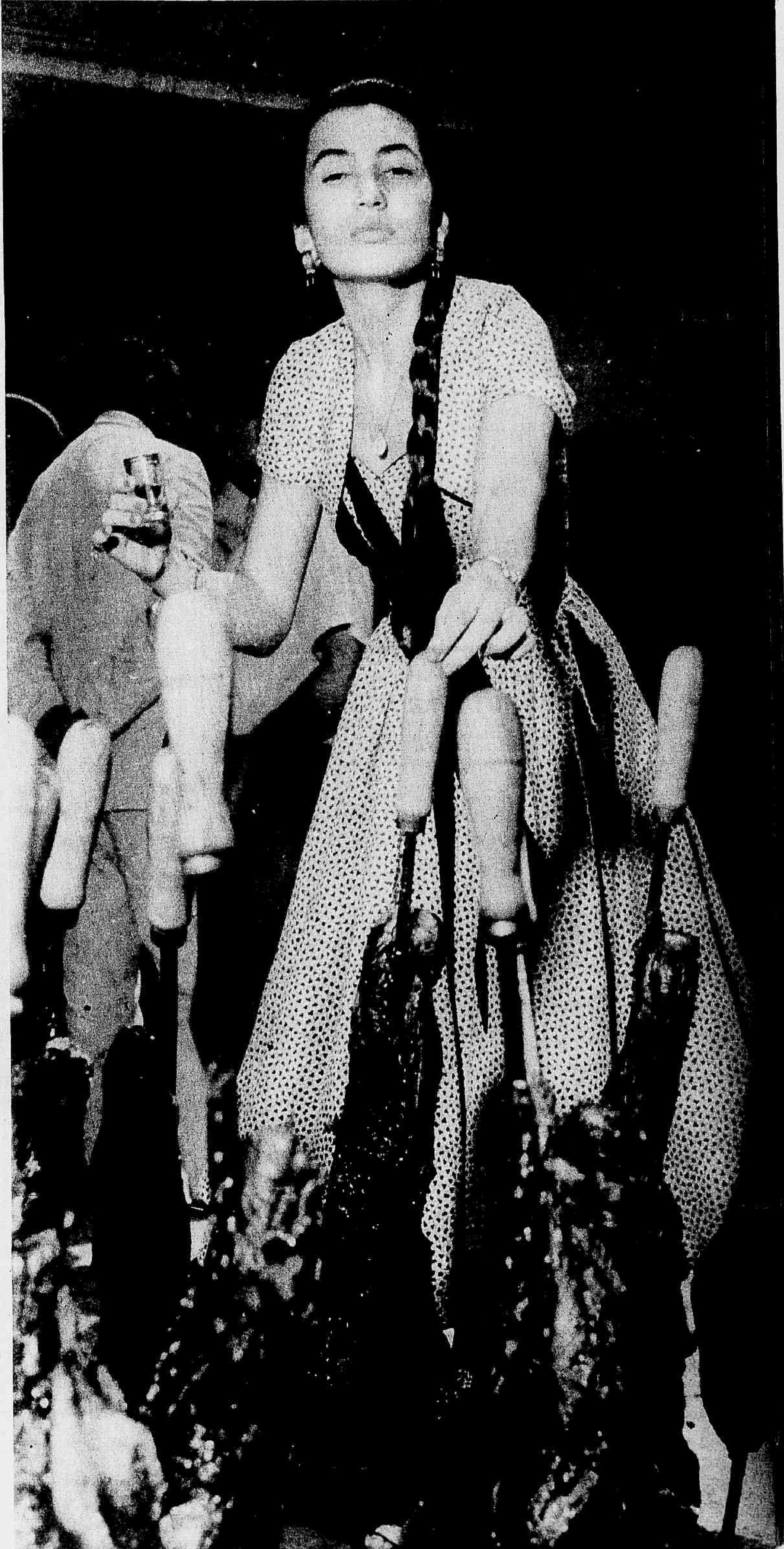


JOSÉ LEWGOY

Dos cinqüenta contos que ganhou como melhor intérprete, José Lewgoy mandou 10 para Pôrto Alegre. O resto depositou no Banco da Prefeitura e é possível que venha usá-lo brevemente para um passeio a Cannes. Antes, porém, irá em visita a terra natal, cidade de Lagoa Vermelha, no interior do Rio Grande do Sul. Na entrega dos prêmios, Lewgoy foi o dono da festa, sendo o mais aplaudido dos premiados.

DÓRIS MONTEIRO

Cantora de rádio, inteligente, simples, sem artifícios, Dóris chegou ao cinema, viu e venceu. E apesar de, na tela, ter conquistado os mesmos fãs e o mesmo «cartaz» que antes já conquistara no microfone, continua a ser a menina de sempre: veste-se sem espalhafatos, usa tranças e não se pinta. Durante muito tempo foi sucesso no «Meia Noite», mas um dia o juiz proibiu a menina de cantar à noite. Saiu pra outra, entrou na televisão.





PAULO VANDELEI

De bilheteiro do Cinema Pátria (1917) a laureado do cinema nacional, Paulo Vanderlei passou por tôdas as escalas de uma carreira cinematográfica. E' um dos mais sérios e honestos profissionais brasileiros. Errou muito menos por culpa sua do que pelas circunstâncias e injunções do angu de caroço que sempre foi o cinema brasileiro. E', talvez, o mais antigo crítico de cinema do Rio: a sua primeira crônica traz a data de 1918. E' advogado, nascido no Rio e trabalhou como extra em «A Carne», ao lado de Carmen Santos. Foi também maquilador, é funcionário público, tem automóvel, mulher e filhos.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome Ventre-Livre hoje, à noite

• • •

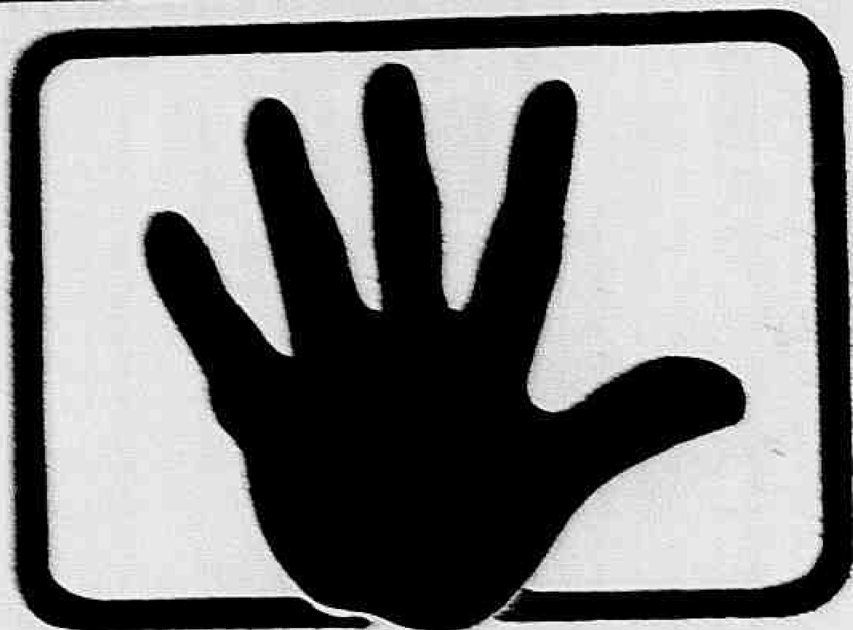
Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de Ventre-Livre

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

PUXE PELO CÉREBRO



NOSSA COLUNA DE TESTES

1 A capital do México fica:

— No litoral do Pacífico?
— No Atlântico?
— Ou é cidade central?

2 Em que país, depois do Brasil, há uma região chamada A

— Em Israel?
— Na Turquia?
— Na Sibéria?

3 Em que país se encontra o famoso lago Balaton:

— Na Hungria?
— Na França?
— Na Argentina?

4 Em que capital do Brasil foi fundada uma sociedade li
denominada «Padaria Espiritual»:

— No Recife?
— Em Pôrto Alegre?
— Em Fortaleza?

5 Que quer dizer a palavra Calvário:

— Suplício?
— Caveira?
— Ressurreição?

6 Como se chama o rio que banha a cidade de Roma:

— Danúbio?
— Tibre?
— Sena?

7 Em que cidade do Brasil se proclamou a República pela 1ª

— No Crato?
— No Recife?
— Em Olinda?

8 A Calábria fica:

— Na península da Itália?
— Na Sicília?
— Na ilha da Sardenha?

9 De quem é êste conceito: «Nada faz tanto bem, como
o bem:

— D. Pedro II?
— Legouvé?
— Sêneca?

10 Que significa, em árabe, o nome Gusmão:

— Homem Livre?
— Atirador?
— Religioso?

11 Qual a maior estátua de bronze, do mundo:

— A da Liberdade, em Nova York?
— A de Victor Emanuel, em Roma?
— A do Daibutsu de Kamakura, no Japão?

12 Qual era o Deus supremo dos gregos e romanos:

— Júpiter?
— Netuno?
— Apolo?

(Respostas na página 46)



Elvira Pagã estêve nos Estados Unidos, mas foi nos teatros da zona sul que ganhou fama.

FORMOSURA, MAS TAMBÉM (E PRINCIPALMENTE) TALENTO

AS PLATÉIAS DOS "TEATRINHOS DE BÔLSO" EXIGEM SEMPRE O MELHOR

Nas pequenas casas de espetáculos do Rio, verdadeiras vocações já passaram pelo arriscado "test" de enfrentar com sucesso um público pequeno, mas difícil de contentar.

Reportagem de SOUTO DE ALMEIDA

Em Londres há o «Bolton's», o «Arts», o «Gate» e o «Embassy», entre outros; em Paris, há o «Théâtre de Poche», o «Théâtre du Quartier Latin», o «La Huchette», o «Oeuvre». Todos pertencendo à categoria de pequenas casas de espetáculos, com lotação reduzida, e quase todos com a missão de realizar espetáculos de elevada expressão através de experimentos e encenação de peças que, dificilmente, seriam representadas nos grandes teatros pela sua própria natureza não-comercial.

No entanto, no Rio os teatrinhos surgiram com a finalidade de suprir uma deficiência: a da falta de casas de espetáculos porque o movimento de renovação teatral, em bases animadoras, não foi acompanhado pela visão e o interêsse dos capitalistas tupiniquins. Por isso, lojas e sobrelojas de Copacabana e Ipanema, que poderiam estar vendendo «whisky» ou bugigangas douradas para a moda feminina — tiveram destino diferente. Levam ao público diversão e colaboram eficientemente para o entusiasmo popular pelas coisas de teatro.

Os teatrinhos de bôlso cresceram inicialmente na zona sul. Foi assim que surgiu o «Jardel». Foi assim que o «Follies» começou a funcionar. Foi assim que Ipanema também recebeu a sua diminuta casa de espetáculos. É o incansável Pascoal Carlos Magno, depois de realizar um serviço de inegável mérito como o «Teatro do Estudante do Brasil», não vacilou em construir a menor casa de espetáculos do Brasil — o «Teatro Duse» — em sua própria residência.

O TEATRO DE BÔLSO — Seus construtores, os arquitetos Lauro Lessa e Humberto Santos, também não pensavam em converter a sua loja da praça General Osório em teatro. Achavam que o cinema era mais cômodo e essa era a idéia inicial. Mas, naquela ocasião Silveira Sampaio estava representando a sua primeira peça, «Inconveniência de ser espôsa», no Teatrinho Íntimo do Leme (já desaparecido). Lauro viu-o, entusiasmou-se com o estilo novo de Sampaio e dêsse entusiasmo resultou mais um teatro para a cidade e um convite para que Silveira lá estreasse. Na visita que fêz ao teatrinho, Sampaio ficou satisfeitíssimo: 150 lugares e um ambiente muito acolhedor, valorizado por uma decoração a calhar e um bonito mural de Aldary Toledo. Opor-

FORMOSURA, MAS TAMBÉM (E PRINCIPALMENTE) TALENTO



VIRGINIA LANE



LOURDINHA BITENCOURT



CARMEN RODRIGUES



RENATA FRONZI

tunidade que Silveira Sampaio não perderia. Bem no seu estilo, Sampaio acabou aposentando o avental de médico e dedicou-se de corpo e alma ao «show business»: em quinze dias escreveu «Da Necessidade de ser Polígamo», ensaiou e, no dia 30 de março de 1949, o Teatro de Bôlso era inaugurado, com grande êxito, tanto que a peça bateu um verdadeiro «record» de permanência em cartaz: cinco meses e meio.

Aliás, em matéria de permanência, Sampaio também detém outro «record» com a sua peça «Paz entre os bichos de boa vontade», cuja estréia, não tendo agradado nem à crítica, nem ao público nem ao próprio Silveira Sampaio, foi o próprio enterro da peça: no dia seguinte, na seção de anúncios fúnebres dos jornais, saía a notícia, tarjada de luto, da sua retirada imediata de cartaz.

Tendo Sampaio viajado para S. Paulo, o Teatro de Bôlso andou sendo ocupado por outras companhias. Foi nêle que Záquia Jorge estreou na comédia, num espetáculo que revelou um novo autor, Leoni Machado (As Pernas da Herdeira) e um novo galã (Jorge Dória). Por lá também andou a companhia Branca Mauá-Nuripê Bittencourt que não foram bem sucedidos. Já Ziembinski realizou um espetáculo bem interessante com «Assim Falou Freud». Aliás, o próprio Freud entrou novamente em função em fins de 1952, em «Deu Freud contra», peça inaugural da nova fase de Silveira Sampaio no Teatro de Bôlso, agora não apenas como ator, diretor, autor, empresário mas também como proprietário do teatrinho de Ipanema. Deve-se a Sampaio também crédito na renovação de valores. Foi êle quem lançou Luís Delfino, Flávio Cordeiro, Teófilo de Vasconcelos, Nanci Vanderlei (revelação de 1951), Vanda Oiticica e recentemente Teresinha Austregésilo (forte candidata a revelação de atriz de 1953), todos gente nova de valor cuja oportunidade se ofereceu no pequeno palco do Teatro de Bôlso.

O TEATRO JARDEL — Situado num ponto magnífico de Copacabana, (esquina de Bolivar com Avenida Copacabana) o Jardel é, digamos assim, o pioneiro do gênero. Por acaso, acrescentemos, por que seu objetivo inicial — como nos contou Geysa Bóscoli — era realizar cinema para crianças, exclusivamente. Foi assim que nasceu, em 1948, o «Cineminha das Crianças». Mas, surgiram alguns problemas quanto ao fornecimento regular de películas adequadas. Daí a idéia de fazer teatro, também para crianças, que se concretizou, inicialmente, com a inauguração das atividades de palco a 31 de maio do mesmo ano, pela «Companhia Vienense de Espetáculos Infantis», de passagem pelo Rio.

O êxito da temporada para a gurizada entusiasmou Geysa. Se o bairro podia sustentar, com sucesso, o funcionamento de diversos cinemas, porque não comportaria um teatro com espetáculos regulares para adultos? E assim, no dia 6 de junho, estreava Procópio Ferreira com Suzana Negri na peça «Ciúme», com espetáculos realizados em duas segundas-feiras.

Foi, porém, com «FIU-FIU» que o Teatri[nho Jar]del iniciou suas atividades de teatro musicado[. A re]vistinha de bôlso reuniu um elenco de primeir[a gran]deza: Grande Otelo, Mara Rúbia, Juan Dani[el, ...] Berti e Rosita Rocha, entre outros. Nos pl[anos de] Geysa Bóscoli «Fiu-Fiu» deveria ficar em cart[az ape]nas 10 dias, mas a experiência foi tão bem [sucedi]da que permaneceu dois meses.

Outros êxitos foram «BROTINHOS E TUBA[RÕES»] (que marcou a estréia de Renata Fronzi; na [crí]tica, Pascoal Carlos Magno ressaltou as virtud[es an]ti-alérgicas da nova estrêla) e «MISS FRANÇA» [com] Mara Rúbia e o «ballet» Pigalle (um conju[nto de] brotos que fêz grande sucesso com a rapazi[ada do] bairro).

No gênero revista já passaram pelo Jardel a[s com]panhias de Colé, Derci Gonçalves e Renata F[ronzi-] César Ladeira, além dos espetáculos produzido[s pelo] próprio Bóscoli.

A comédia também já se fêz representar n[o tea]trinho da rua Bolivar. Quando Geysa Bósco[li se] achava em Buenos Aires, Alda Garrido ficou [fazen]do as honras da casa. Por lá também passaram [...] Flora (que está representando em Portugal pr[esen]temente) e Odilon, com a peça «Hipocampo».

Vale a pena dizer que Geysa Bóscoli no se[u tea]tro tem sido uma espécie de Ziegfeld verde-am[arelo,] pois foi o lançador de alguns dos nomes qu[e an]dam brilhando no nosso teatro de revista, alguns [...]



ZÁQUIA JORGE



SÍLVIA FERNANDES



VALÉRIA AMAR



JANE GREY

um transbordamento plástico digno de «pin up girl» de conceito. Entre estas Jane Grey, Sílvia Fernanda, Renata Fronzi, Valéria Amar, Diana Morel e Nélia Paula.

Ankito e Evilásio Marçal devem a Geysa as suas melhores oportunidades. Enquanto isso, Cupido também andou fazendo das suas pelo Jardel: nêle Carlos Grill (grande imitador de Carmen Miranda e outras beldades) conheceu Rosa Rondeli, por ela se apaixonou e com ela se casou. E foi também no Jardel que Colé se apaixonou por Nélia Paula... Por isso, Celeste Aída hoje é «divorcée»...

O TEATRO FOLLIES — Juan Daniel fêz parte do elenco do Teatrinho Jardel e suas experiências animaram-no a ter, também, a sua própria casa de espetáculos. Concretizando a idéia, Daniel arrendou a loja do construtor Leopoldo Franca, na Avenida Copacabana, Pôsto 5, fêz as necessárias adaptações, construiu camarins (que muito teatro grande não possui), assumiu pesados compromissos financeiros — e assim nascia o «Follies». Para a sua inauguração, em 1949, o cantor-empresário pensava contar com Dulcina e Odilon. Mas, o casal de artistas foi para Buenos Aires representar «Chuva» e Juan resolveu, então, encenar uma revista produzida em parceria com a espôsa, Mary Daniel, e Floriano Faissal. Intitulava-se «Já vi tudo» e reunia Mesquitinha, Anky e More (mais tarde a dupla desligou-se e Anky passou a ser Ankito), Natara Ney, Carlos Tovar, Záquia Jorge, entre outros. Os compromissos assumidos por Juan Daniel eram pesados (cinqüenta mil cruzeiros mensais das despesas com as instalações, quinze mil cruzeiros pelo aluguel e mais 15 por cento da renda bruta). O que não impediu que alguns sucessos fôssem registrados («BOA NOITE, RIO», «MOULIN ROUGE») com alguns dos nomes mais expressivos do nosso teatro musicado (Grande Otelo, Valter Dávila, Carmen Rodrigues, Badu, Lurdinha Bitencourt, Nelson Gonçalves). Talvez poucos saibam, mas foi no «Follies» que Elvira Pagã fêz a sua estréia como «vedette», na revista «Folias de Bagdá», em 1950. Luz del Fuego também andou sassaricando com suas estimadas cobrinhas naquele palco diminuto, como «estrêla» (?) butantânica de «Eva no Paraíso» e «A Verdade Nue», pretexto para mais um decadente desfile plástico.

De vez em quando Juan Daniel descansava alugando o teatro para algumas temporadas de comédia. Nestas, Roulien e Palmeirim andaram naufragando. No entanto, a companhia de comédias de Bibi Ferreira foi bem sucedida, tendo registrado as melhores receitas da época. Juan Daniel, porém, esgotara-se. Acabou pedindo rescisão de seu contrato no ano passado, desistindo da idéia de ser dono de teatro. «Com o prejuízo de dois milhões de cruzeiros — confessa, acrescentando — dívida essa já quase tôda paga, graças a Dios».

Com a saída de Dániel, outro empresário assumiu a responsabilidade do «Follies», aliás bem jovem: Zilco Ribeiro (que é sobrinho de Raul Pilla). Pois Zilco acertou em cheio neste 1953. Reuniu um elenco de gente nova (Consuelo Leandro, Pituca — ambos fortes candidatos a revelação de 53 — Rui Cavalcânti) e a «estrêla» Virgínia Lane, com um bom autor (Mário Meira Guimarães) e o resultado está no sucesso que «Tout va très bien» registrou e, presentemente, «O. K. Baby» assinala.



MARA RÚRIA e GYPSIE, ambas «estrêlas», também passaram pelo «test», definitivo e perigoso do «teatrinho de bôlso».

GUERREIROS FAMOSOS VOLTAM AO B-A-BA

O COLÉGIO DA NAT[O]

Um dos «alunos» mais aplicados é marechal, e se chama Montgomery; e outro, já «diplomado», se chamava Eisenhower ★ Senhores da guerra total aprendem os delicados manejos da arte diplomática, e têm diàriamente que dar conta de problemas estratégicos e políticos os mais complicados.

Reportagem de PAUL AMASSY
(Exclusivo para a REVISTA DA SEMANA)

A Escola Militar de Paris abriu, já faz algum tempo, um novo curso: dedicado ao Colégio da NATO, ou seja o «North Atlantic Treaty Orga[n]ization», uma reunião de doze países europeus, sob a orientação dos Estados [Uni]dos, tendo como base e princípio geral, a defesa do Atlântico contra qu[al]quer agressão vinda do Oriente.

Esta nova Escola para conhecidos cabos de guerra, pois os seus compo[nentes] são delegados de Estados Maiores dos exércitos de cada uma dessas naç[ões] integrantes do «Pacto do Atlântico», se destina a proporcionar-lhes um cu[rso es]pecial por 6 meses, segundo o plano imaginado, traçado e defendido pe[lo Ge]neral Eisenhower. O antigo Chefe Supremo da SHAPE sempre afirmo[u que] uma unidade espiritual é a primeira condição de eficácia de um coman[do in]ternacional.

Desde sua chegada a Rocquencourt, em abril de 1951, o atual Presiden[te dos] Estados Unidos, e então Chefe do Exército Europeu, propusera a instituiç[ão de] um «colégio» para os oficiais superiores a serviço da NATO. Seu projeto [foi sub]metido a 25 de abril de 1951 ao Secretário Geral do «North Atlantic Trea[ty Or]ganisation», para a devida apreciação. Dois meses mais tarde o Consel[ho Su]perior aprovava o projeto de Eisenhower, após meticulosos estudos, e a [..] julho do mesmo ano o Almirante francês Lemonnier foi encarregado da [..] do «Colégio». No edifício da Escola Militar de Paris foram reservados e p[repa]rados locais para receber os «alunos» cujo número foi fixado em cinqü[enta e] quatro. O primeiro curso foi inaugurado a 19 de novembro de 1951 ter[minan]do a 12 de maio de 1952.

GENERAIS DE «CARTILHA» NA MÃO

Esta escola para chefes militares tinha dois fins: primeiro, uma troca d[e opi]niões e pontos de vista dos oficiais saídos das escolas militares dos dife[…]



Três famosos cabos de guerra a preocupar os abecedários, a começar da direita: Steele-Baume (Inglaterra); Cunnington (do Canadá); e Hamney (dos EE.UU.).

Debruçados sôbre os problemas que lhes foram entregues, procuram resolvê-[los]. E a coisa parece que não é sopa, tal a intensidade da atenção dos estudan[tes].

países,
técnica
polític
do cu
«exper
«colég

Tód
confer
litar.
ao me
«estuc
para
tem
como
o láp

O
quais
«Ensi
Unid
leo».
cos
trans
frent

A
para

O
M

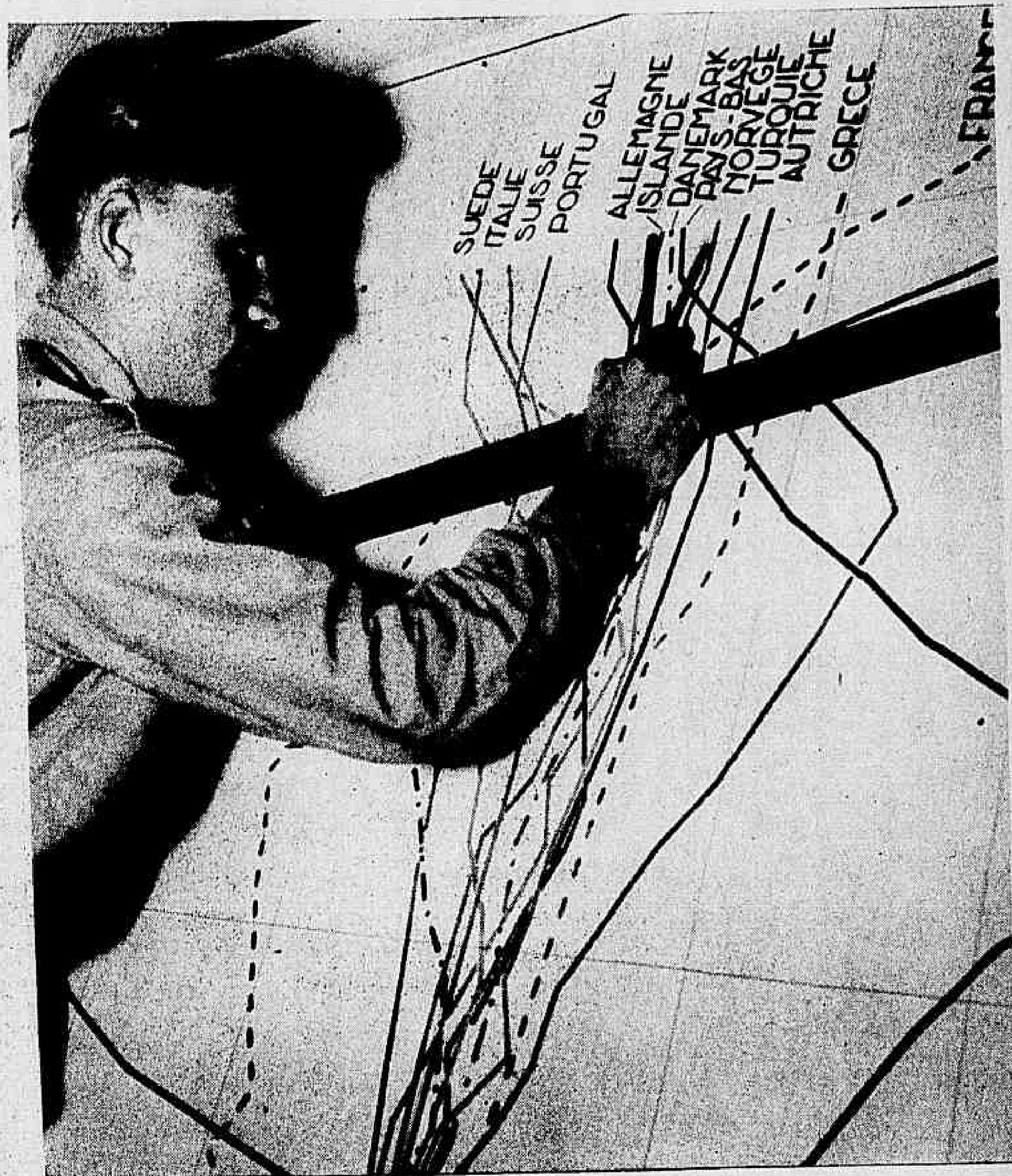
EXAMINA GENERAIS E HERÓIS

países, com suas idéias e concepções diferentes sôbre tais ou quais questões técnicas; segundo, estudos aprofundados sôbre os diversos problemas militares, políticos e econômicos para criar-se uma unidade de vistas. Os 54 participantes do curso atual se compõem de 42 oficiais superiores de doze países e de doze «experts» civis. A Islândia e o Luxemburgo não estão representados nesse «colégio».

Tôdas as manhãs, às nove e trinta, os «alunos» se reúnem para ouvir uma conferência pronunciada um um técnico, civil, ou por algum grande chefe militar. A conferência é seguida de um debate, que se prolonga, geralmente, até ao meio-dia. Depois disso, isto é, após os debates que vão além do meio-dia, os «estudantes» se distribuem em nove grupos de estudo, e cada grupo se retira para uma pequena sala de trabalho. Os instrutores dão um problema, o qual tem que ser resolvido por escrito. Vêem-se então oficiais de Estados-Maiores, como coronéis e mesmo generais, debruçados sôbre seus cadernos e a mordiscar o lápis como pequenos colegiais estudiosos.

O programa do curso se estende por cêrca de cinqüenta temas, dentre os quais, citemos os seguintes: «Matérias-primas estratégicas», «Satélites da URSS», «Ensinamentos da guerra da Coréia», «A mobilização econômica nos Estados Unidos», «O mundo árabe», «Guerra psicológica», «Standardização», «O petróleo». À parte êstes problemas internacionais, também objetivos puramente técnicos figuram igualmente no programa: «Projéteis tele-guiados», «Operações aerotransportadas», «Estratégia e logística», «Deslocamento de reservas para uma frente atacada», etc.

A importância dêsse «Colégio» e o seu valor prático são incalculáveis. Serve para estreitar cada vez mais os laços intelectuais e profissionais que unem todos



Quatro oficiais discutem durante o recreio. O grande mapa ao fundo representa em negro os Estados integrantes da NATO, tema de defesa do Ocidente.



O almirante Lemonnier, organizador do Colégio, dirige-se ao famoso marechal Montgomery, em instrutiva sabatina bélica, atraindo a atenção de todos.



Quatro desenhistas executam, diàriamente, quadros estatísticos. Êste desenho mostra as flutuações de várias moedas em tôda a órbita ocidental.



Montgomery e Lemonnier, com os seus 54 «alunos»: 10 dos EE.UU., 8 da Inglaterra, 7 da França, 3 do Canadá, 8 da Itália, 2 da Bélgica, 2 da Holanda, 2 de Portugal, 3 da Dinamarca, 3 da Noruega, 3 da Grécia e 3 da Turquia, entre civis e militares. Em baixo: o coronel britânico Peel-Yates dirigindo a discussão para um grupo de «alunos», enquanto tomavam um cordial cafèzinho. O sucesso dêsse colégio destinado a oficiais superiores tem sido muito grande.

GUERREIROS FAMOSOS VOLTAM AO B-A-BA



aquêles homens sôbre cuja responsabilidade pesa a difícil e árdua tarefa de defender a civilização ocidental.

CABOS DE GUERRA APRENDEM DIPLOMACIA

Segundo se depreende do curso em execução nesse novo «Colégio» para oficiais de Estados-Maiores e diplomatas de quase quinze países da Europa, os temas não se limitam a casos puramente militares, ou de campanhas no «front» imaginário. Sentando-se uma dúzia de técnicos em relações exteriores, ao lado dos militares, muitos dêles velhos soldados com vasta experiência de grandes guerras, percebe-se que também está o Colégio da NATO interessado em seguir um plano de recursos diplomáticos para evitar a calamidade de uma guerra.

Todos sabemos que, antes de um exército invadir determinada região de país vizinho, fatos culminantes têm curso entre as Chancelarias, mesmo quando a guerra não é precedida pela velha «declaração», como se fazia antigamente. Depois dos processos hitleristas, a formalidade diplomática foi abolida e o que se passou a usar foi o «putsh», o «blitz», o rôlo compressor das divisões blindadas a esmagar tudo o que ia encontrando à sua frente.

Apesar dos modernos processos de fazer a guerra, sem o «passadismo» das cortesias diplomáticas, quando as hostilidades só tinham início quando os respectivos embaixadores e demais membros das representações internacionais desavindas se haviam afastado do teatro da luta, ao lado dos técnicos em estratégia militar, há hoje os conselheiros diplomáticos especializados em assuntos atinentes às nações em luta. Por êsse motivo, entre os generais e altas patentes do nosso «Colégio» do NATO, na Escola Militar de Paris, vêem-se doze civis que também têm assento entre os estrategistas e tomam parte nos debates, consultas e resolvem os temas que lhes são propostos. Enquanto tudo isso se dá, o panorama do mundo é cada vez mais sombrio, com o fantasma da guerra a pairar sôbre os pontos de fricção entre as grandes potências do Oriente e do Ocidente.

"FLASH" BAHIANO

ELSIE LESSA

A Baixa do Sapateiro, que a gente já conhece do samba, passa, na corrida do táxi. Depois, Água dos Meninos, Forte de São Joaquim, Porta da Lagartixa e vamos até a capelinha de Monte Serrate, pequena, branca, tôda aberta ao mar que se estende à sua frente. A entrada, à esquerda, em madeira, remorso puro do rosto desolados aos pés duros de pau, uma imagem de São Pedro e nem era preciso o galo denunciador ali ao lado para contar que é o apóstolo que negou Jesus Cristo. Traves de jacarandá no teto, meia dúzia de imagens, paredes nuas. E que lindeza em tudo!

Mas não se pode deixar de ver a igreja do milagreiro Senhor do Bonfim. E ela domina, alta, a sua cidade. E é tão conhecida já a sua fachada colonial, as duas tôrres simétricas, as rendas de ferro dos gradis. À porta, em fitas coloridas, as «medidas» do Senhor do Bonfim, os rosários transparentes, as cruzes de jacarandá, «souvenirs» para turistas

● Dentro, rosa, azul, ouro. A sala eloqüente dos milagres, de paredes recobertas de «ex-votos», em cêra, em madeira, pés, mãos, troncos, cabeças, o local em que a cura se realizou debuxado, por mãos incertas, em tinta vermelha. Gente que sarou, gente que casou. Véus de virgem, retratos de criancinhas. O inevitável e belo corredor de azulejos. O cofre de esmolas ao fundo. Por uma venda nos vidros, atiram-se moedas, notas, dádivas piedosas. De nariz encostado ao retângulo transparente, espiamos o chão coalhado de oferendas que o Senhor do Bonfim vai devolver, milagroso, em saúde, dinheiro e amor.

Fora, em frente, a casa dos romeiros, para os peregrinos que vêm de longe terras, em janeiro, prestar homenagem e pedir ajuda do Senhor do Bonfim. E é hora de voltar. Passamos ainda pela Penha, a doce praia de Itapagipe, onde velhos tamarindeiros espraiam sombras frescas juntos à água que lambe, dócil, os tijolos do velho dique. Crianças brincam de roda, que o cenário é para isso, que a tarde é para isso.

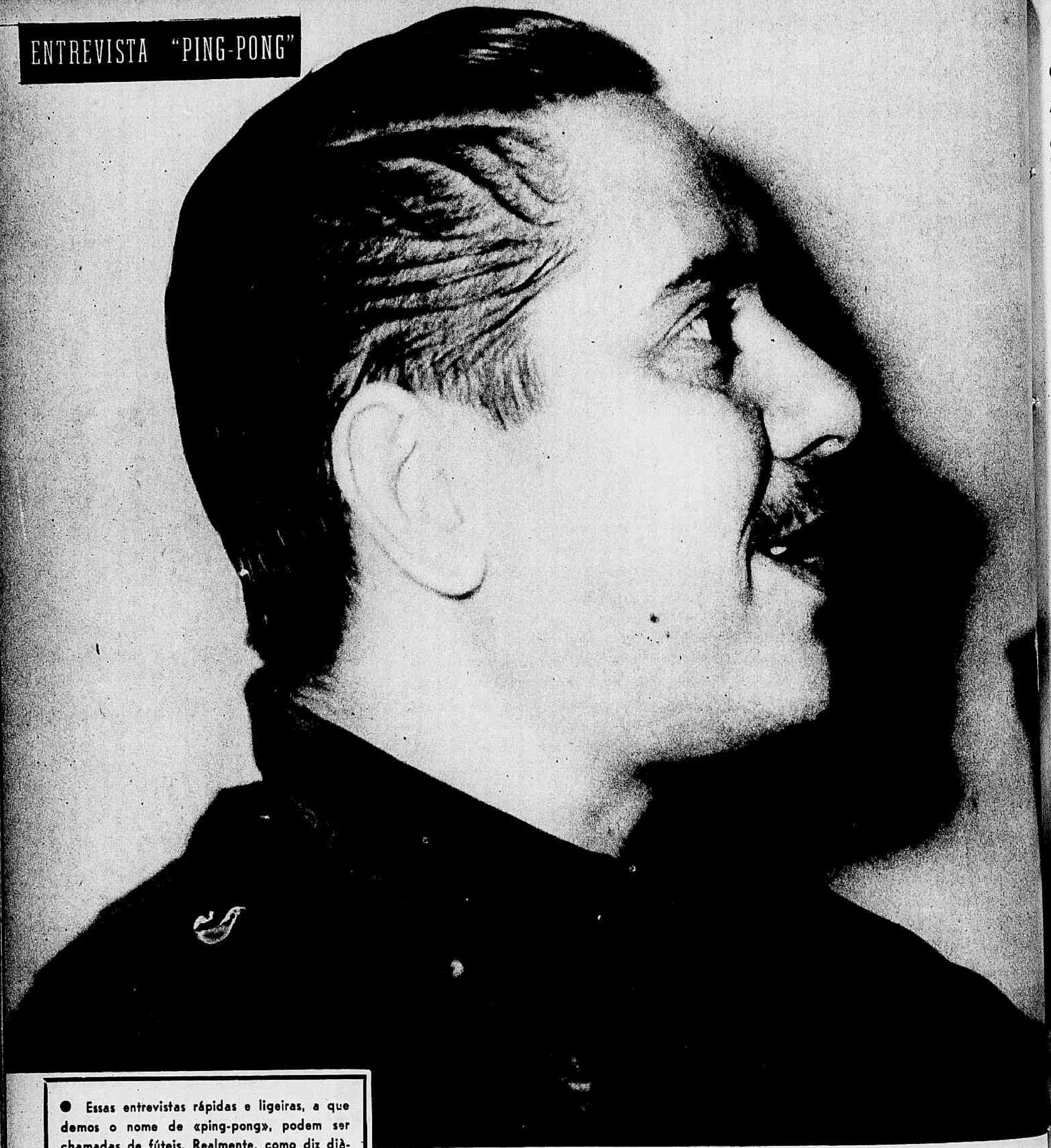
Voltamos. No Pôrto da Lenha, o Largo do Jacaré. Do Jacaré em bronze, com um peixe na bôca, azinhavrado pelo tempo e em frente ao qual o antiquário «Carioca», disfarçado com uma lojinha humilde de tecidos pobres, num espantoso «bric-à-brac» oferece lâmpadas, santos, cadeiras, cômodos de pés quebrados, vasos de opalina e compoteiras de «baccarat» aos compradores.

E a noite caiu.

«Dez horas da noite
Na rua deserta

A preta, marcando
Parece lamento...





● Essas entrevistas rápidas e ligeiras, a que demos o nome de «ping-pong», podem ser chamadas de fúteis. Realmente, como diz diàriamente o sr. Augusto Frederico Schmidt, o Brasil está às portas do abismo. De qualquer forma, entretanto, nem todos os brasileiros estão dispostos a lamentar durante as vinte quatro horas do dia as nossas infelicidades. O «ping-pong» será uma espécie de recreio das nossas amarguras. E nêle, disfarçada em tom galhofeiro ou inconseqüente, o leitor descobrirá igualmente muita matéria grave. Fernando Lôbo, um dos nossos melhores produtores de programas radiofônicos, cronista de buates e de rádio, é figura muito conhecida e muito carioca, embora nascido em Pernambuco. Com Antônio Maria, seu amigo irreconciliável, é êle um dos papos mais cordiais e mordazes da vida noturna do Rio.

O local do encontro para essa entrevista é um bar da cidade.

FERNANDO LÔBO RESPONDE A PERGUNTAS INDISCRETAS

TEMAS DA ENTREVISTA: MÚSICA POPULAR, MEIO RADIOFÔNICO, ANTÔNIO MARIA, BROTOS, «CASABLANCA», MULHERES, ILHAS, DEFEITOS DO RIO, GARÇÃOS, ABORRECIMENTOS DA VIDA, ETC.

Texto de PAULO CARVALHO

Fotos de NESTOR LEITE

— *Qual o melhor compositor brasileiro?*

— Depois de Antônio Maria, Carlos Gomes.

— *O que v. acha do referido Antônio Maria?*

— É o negócio do elefante, não é? Muito engraçadinho quando pequeno, depois foi crescendo, crescendo, incomodando, tomando o lugar dos outros...

— *Qual a maior patente do rádio?*

— O anunciante.

— *Os piores programas do rádio brasileiro?*

— Não posso, não quero, não devo dizer.

— *A maior emoção radiofônica de sua vida?*

— Acontece todos os meses: no dia de receber o "cachet".

— *E sua maior indignação radiofônica?*

— A injustiça que fazem com o Bertrand.

— *Hein?*

— Copiam o almanaque dêle todinho e não o citam.

— *Se v. fôsse dono de uma estação de rádio a quem contrataria?*

— Não chamava o Antônio Maria; chamava o Caimi (para bater-papo), Pixinguinha (para tomar chope), Araci (para sair *pela i*), Sílvio Caldas (para fazer feijoada), Tia Amélia (para me fazer cafuné), Manèzinho Araújo (para cantar mesmo).

— *Qual o tipo mais esquisito do rádio?*

— O fã cego. O que me abraça e diz: "Seu" Haroldo Lôbo, o senhor é o maior!"

— *É verdade que os radialistas são muito perseguidos pelos "brotos"?*

— Mentira. Vide dona Berenice.

— *Já teve algum fracasso no rádio?*

— Sim, quando era Castro Fernandes, isto é, cantor da PRA-8, de Pernambuco.

— *Que fazia antes de trabalhar no rádio?*

— Ouvia rádio.

— *Se não trabalhasse no rádio o que gostaria de ser?*

— Presidente da República, confesso; ou Bispo de Maura.

— *O que está estragando o Brasil?*

— O sotaque nortista.

— *Que acha das buates?*

— Não vão bem. Aliás, a Saúde Pública bem que já podia ter tirado do "Casablanca" aquêle peru da geladeira, já azulmarinho de tão velho. Acho também que os briosos oficiais do curso da Escola Técnica do Exército, bem como os universitários da Praia Vermelha, mereciam ter o almôço e o jantar barato, em uma casa que foi construída para isso. Mas essa história do "Casablanca" não é comigo: é com a Prefeitura.

— *E aquela pedra? (pergunta de um circunstante)*

— Aquela que dizem que vai cair em cima da buate? É um perigo para os namorados. Quem m'o disse foi um namorado chamado Roberto.

— *Que tem a dizer de sua experiência de New York?*

— Duas coisas: primeiro, passei fome com dinheiro e sem inglês; depois, passei fome, com inglês e sem dinheiro.

— *Que acha dos radialistas?*

— Desunidos.

— *Qual a diferença essencial entre o Rio e São Paulo?*

— São Paulo toma banho; o Rio não pode fazer isso.

— *Se você tivesse que escalar um time de sujeitos para ficar em uma ilha deserta...*

— Perfeitamente: Antônio Maria, Caimi, Papai. Álvaro Matos (violinista no Recife e professor), Vinícius de Morais e Stanislaw Ponte Preta. Evaldo Rui, Flávio Pôrto, Padilha (o comissário), Clóvis Graciano e Dany Dauberson.

— *E um time de "sujeitas"?*

— Greta Garbo, Pampanini (para quem já fiz um samba) e Joana (empregada que me criou). Amália (para "fazer média" em casa), Araci de Almeida e Teresa (a louca de Laranjeiras, estrêla e falsa demente). Gabriela Mistral, *qualquer Maria*, a mulher do delegado da ilha, a Mara Rúbia e Jean Cocteau (para as tertúlias culturais).

— *Que v. acha do Brasil?*

— Isso não é comigo: é com o poeta Schmidt.

— *Qual a sua participação no samba "Ninguém me ama"?*

— Eu o corrigi.

— *Corrigiu o quê?*

— Tudo, até vírgulas. Recauchutei-o.

— *Que acha da vida noturna do Rio?*

— A boêmia carioca foi inaugurada por quatro cavalheiros da madrugada (Waldemar Schiller, Lúcio Schiller, Fernando Ferreira e Pires do Rio) e muitos outros que se casaram.

— *O que acha do uísque contemporâneo?*

— Antes, dizíamos: o petróleo é nosso. Hoje, dizemos: o uísque é nosso. Os donos de buates, por sua vez, andam dizendo que o petróleo é que é escocês.

— *Quais são as palavras que v. evita?*

— Amor, saudade e Carlos Machado.

— *Fora do rádio, o que v. faz?*

— Meu roteiro é um só: casa-rádio-bar-casa.

— *Quais os maiores defeitos do Rio?*

— Um perfume que não deixa saudade à entrada do Túnel do Pasmado; falta d'água; falta de luz; falta de vergonha; falta de dinheiro; falta de educação; falta de dólar; falta de emprêgo; falta de mulher bonita; falta de céu; falta de caju; falta de farinha, falta de feijão mulatinho; falta de pensão no Catete; falta de gente no manicômio. Por outro lado, há muitos excessos: de gente gorda, de gente feia, de automóvel, de môscas, de aviões, de ambulâncias do SAMDU, de chatos... Estamos conversados.

— *Tem mêdo de viajar de avião?*

— Tenho.

— *O que mais te aborrece na mulher?*

— Perfume de sândalo.



— Qual o melhor compositor brasileiro?
— Depois de Antônio Maria, Carlos Gomes.

— *E no homem?*

— Dentadura postiça.

— *Seu prato preferido?*

— Sanduíche de mortadela.

— *Qual o homem mais inteligente do Brasil?*

— Pedro Álvares Cabral, que nos descobriu e não trouxe a mãe dêle para aqui.

— *Se v. fôsse o conde Mattarazzo, o que faria com o dinheiro?*

— Com uma parte, construiria hospitais; pagaria meu impôsto de renda; fundaria a "Casa do Homem Caído na Sargeta"; anunciaria muito no rádio; compraria um par de patins; fomentava a indústria e o comércio; não me candidataria a vereador; transformaria o Brasil no maior parque industrial da América do Sul, quiçá da Latina; determinaria a exploração do nosso subsolo; devassaria a Amazônia; mandaria um cheque de 200 mil para o Lôbo; mudaria meu nome para Fernando Lôbo. (Neste momento, a entrevista é interrompida por Linda Batista, que se abanca, discute com o entrevistado um problema imobiliário e, em seguida, faz também a Fernando Lôbo algumas perguntas.)

— *Qual o seu tipo de mulher? (pergunta da Linda)*

— Mulher com saia.

— *Que você acha de comprar a prestação? (idem)*

— Há uma palavra que não posso ouvir: contrabando. Compro logo.

— *Você gosta de sair sòzinho? (ibidem)*

— Não, tenho uma verba de acompanhamento.

— *Quais são os melhores "garçons" do Rio?*

— Teixeirinha (do Recreio), Espanhol (da Hanseática), Jorge (do Vilarinho), Joca (do Mau Cheiro, à av. Venezuela).

— *Qual o Condé de sua preferência?*

— João, o verdadeiro, o justo, o fotogênico, o supersticioso, o bom, o caruaruense, o implacável, o de azul, o inconfundível, o maior, em uma palavra, o CIGARRA!

— *Qual o fato mais importante na vida de seu amigo João Condé?*

— O dia 18 de dezembro.

— *Quais as coisas mais atorrantes da existência?*

— Sapato apertado, cobrador à porta, minha mulher perguntando as horas, môsca, dia de finados, o contador de anedotas (o tarado agora substituiu o papagaio), botar carta no Correio, cortar cabelo, ir ao dentista, me chamarem de Haroldo, e mulher muito arrumada-durinha-bonitinha-certinha.

— *Qual a pessoa mais triste que você já viu?*

— É brincadeira ou é sério?

— *É a sério.*

— Graciliano Ramos morto.

— *Qual o ministério ideal?*

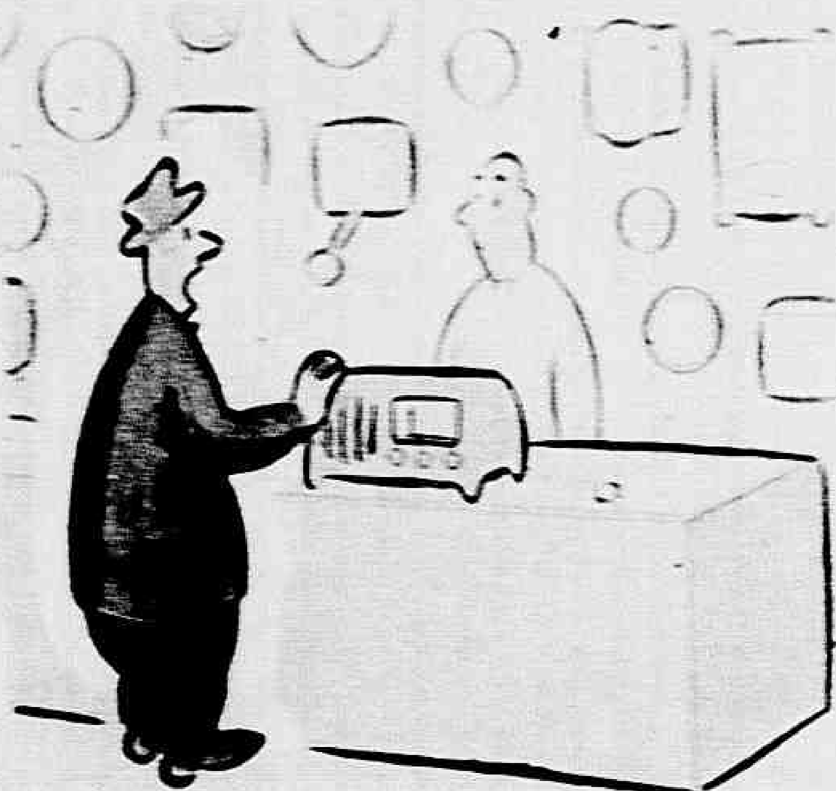
— Educação: Chico Wright, o *gentleman*; Trabalho: Dorival Caimi; Justiça: Deraldo Padilha; Fazenda: não sei; Viação: Amilcar Dutra de Menezes (em sua fase atual, democrática); Aeronáutica: Nero Moura; Marinha: dr. Francisco Setembrino de Brito (Chico Brito); Agricultura: Hervê Cordovil; Relações Exteriores: João Batista Soares Teles de Pina; Chefe de Polícia: Rubem Braga (o denodado pracinha).

— *E prefeito do Distrito Federal?*

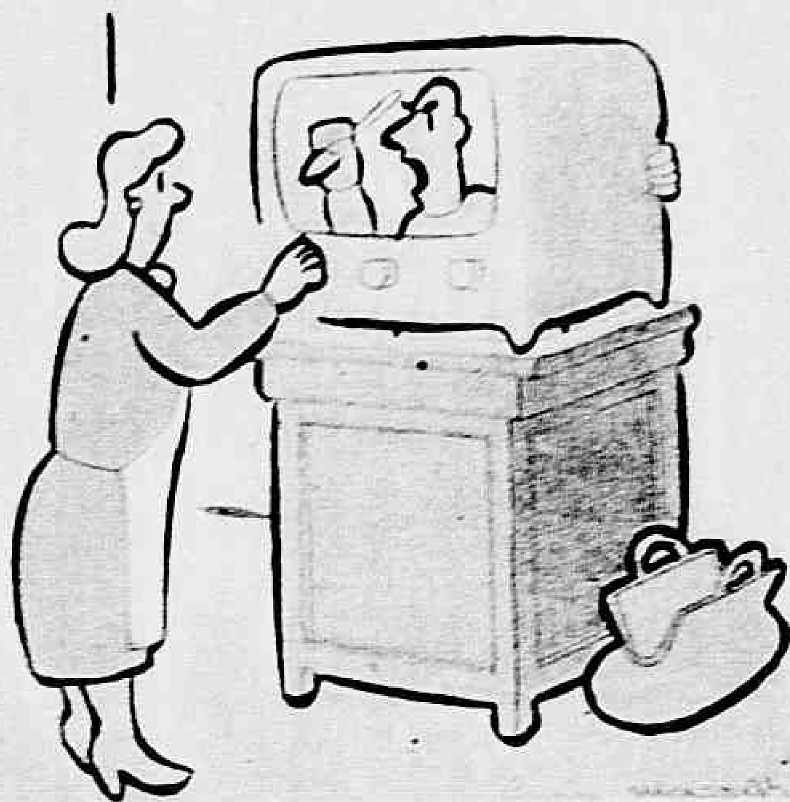
— Você.

— *Obrigado. E o epitáfio que gostaria de botar nessa entrevista e na sua vida?*

— Aqui jaz quem amou, pecou, jogou na Loteria e não ganhou.



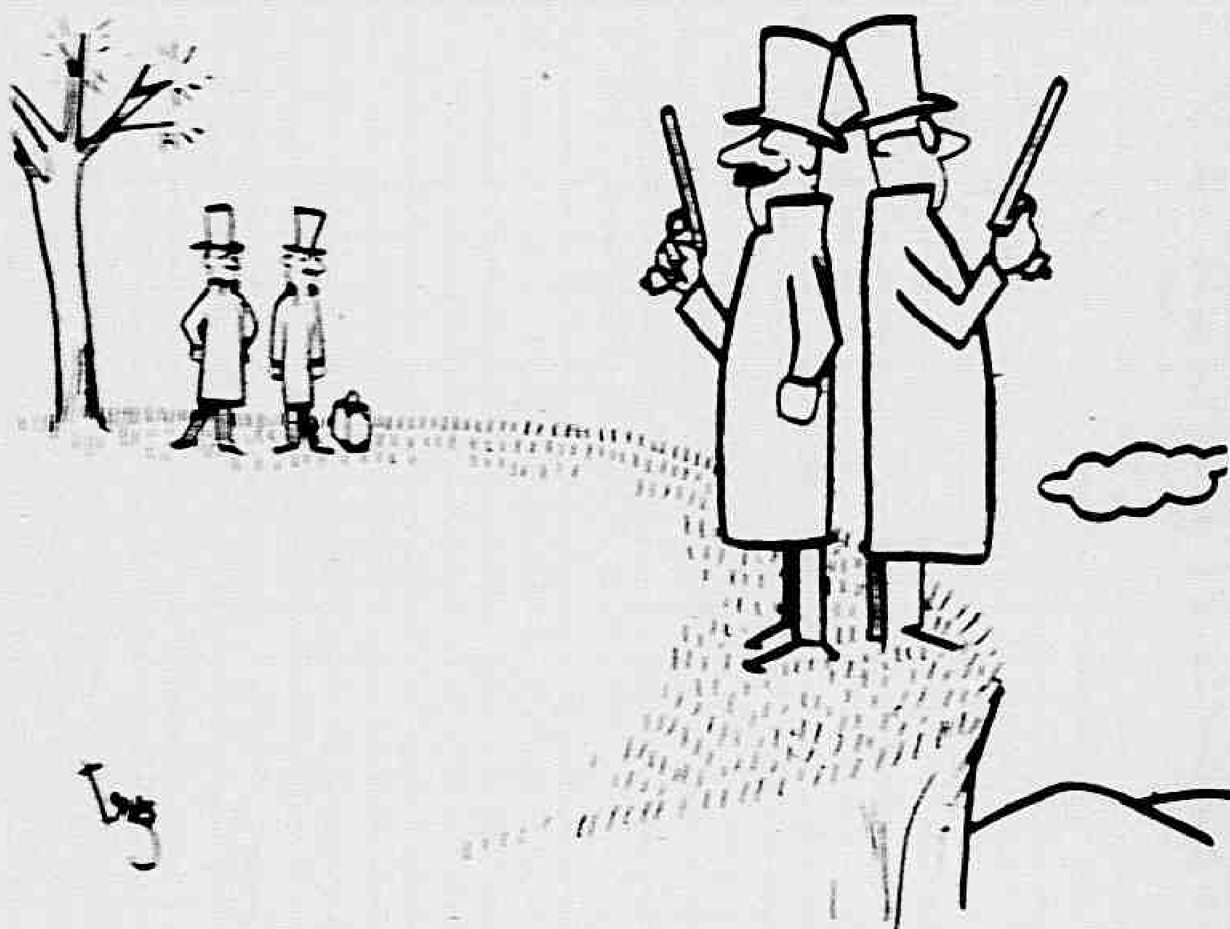
— Meu rádio está com um defeito: dá sempre os avisos de horário com dez minutos de atraso.

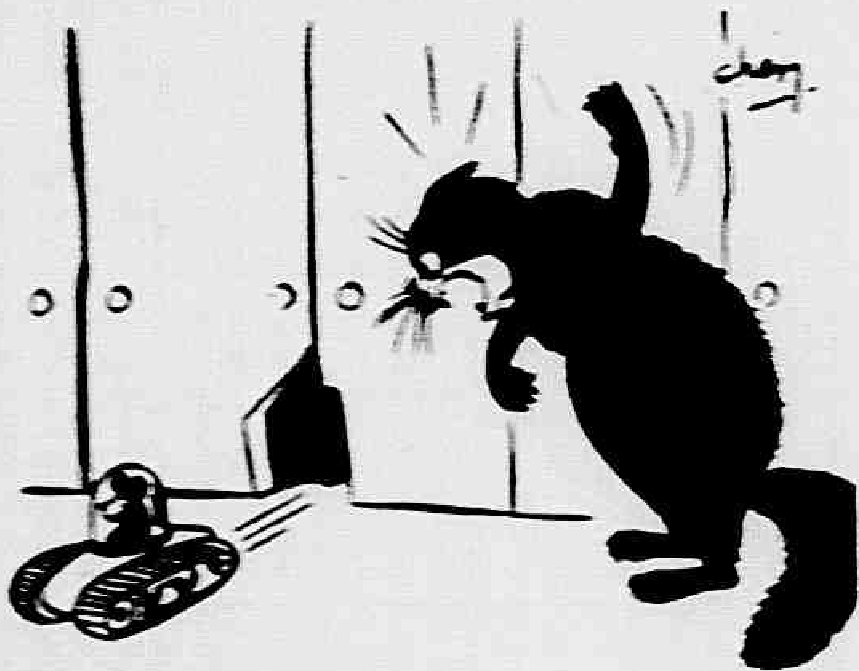


— Não, madame, não está pronto. Ainda sou eu, o mecânico . . .



— Madame, posso apresentar-lhe o nosso novo modêlo de aspirador?

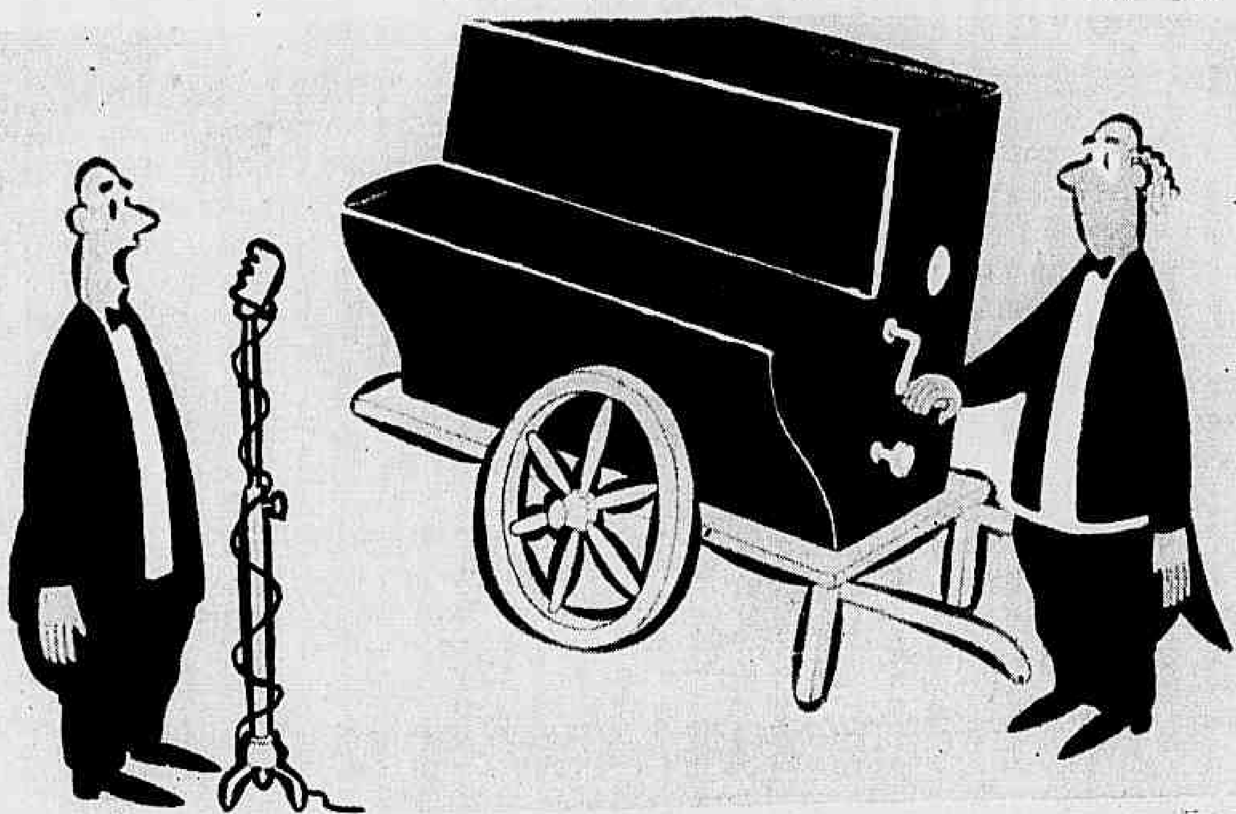




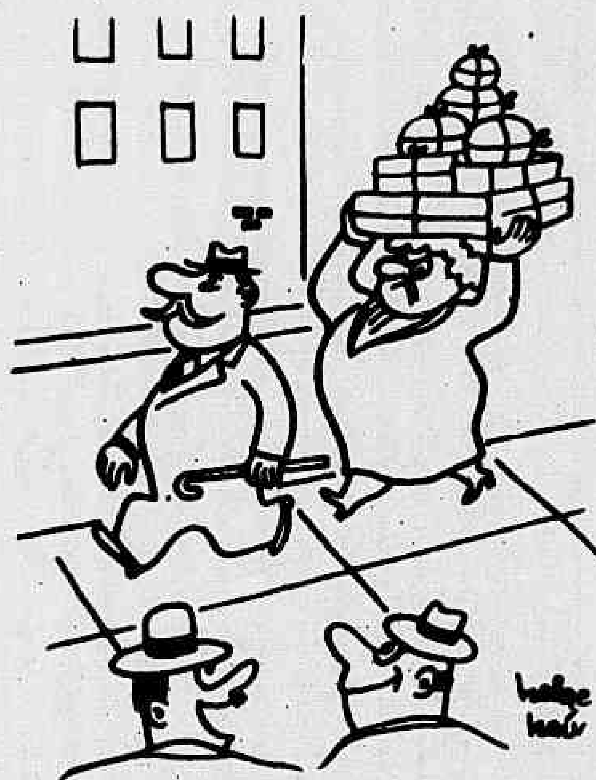
TEMPOS MODERNOS



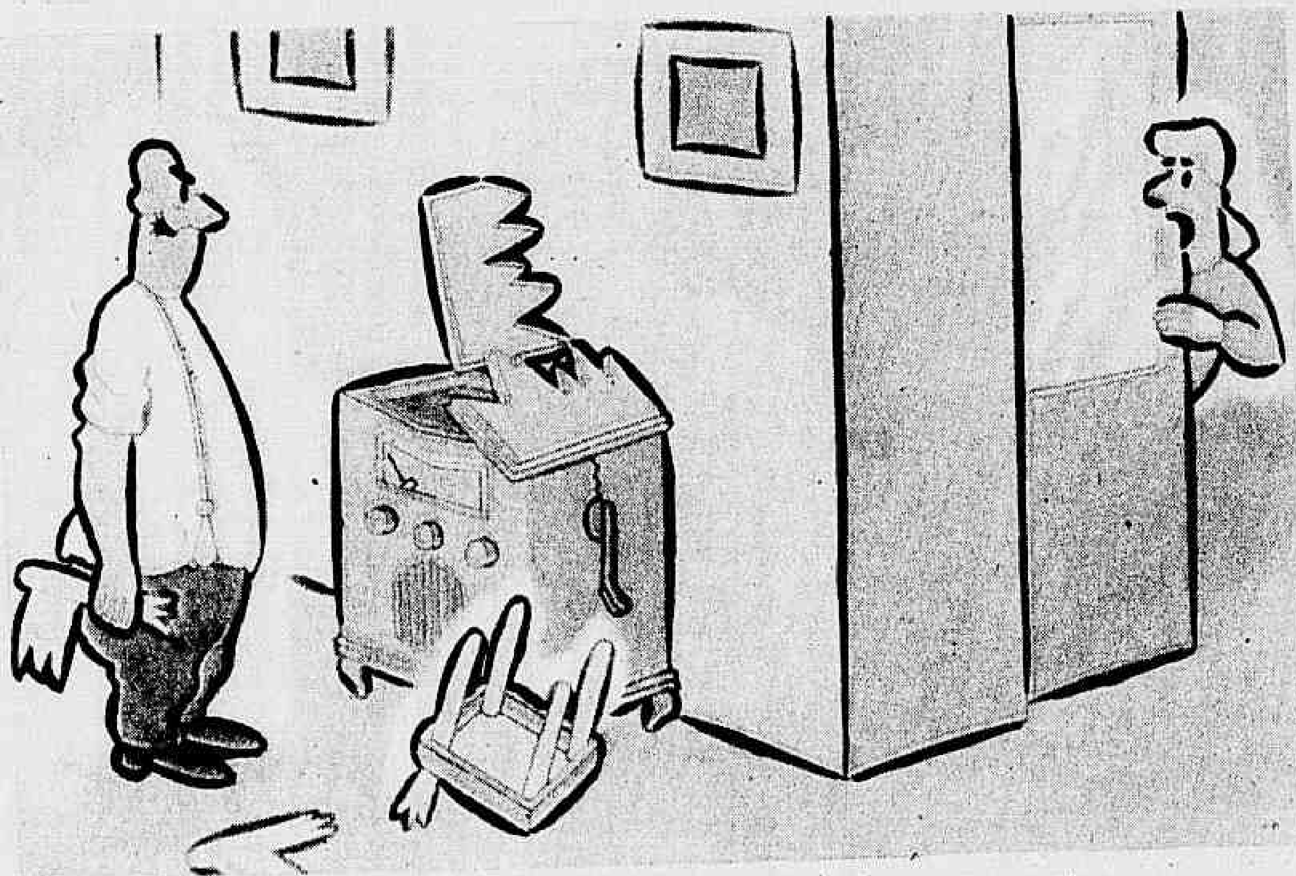
— Depressa, garção! Você está vendo que não podemos esperar mais.



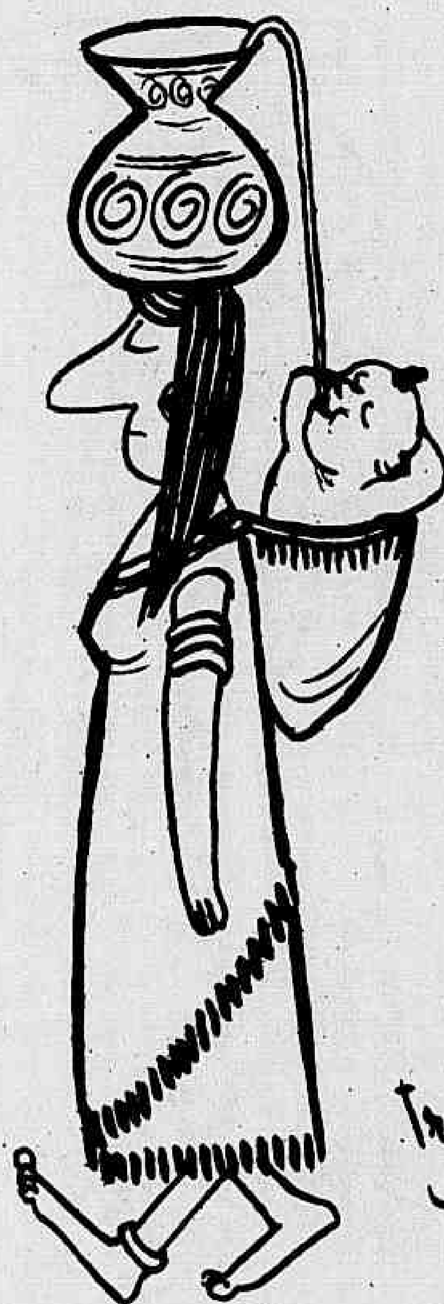
— E agora transmitiremos o concêrto do célebre pianista Igor Blandoski.

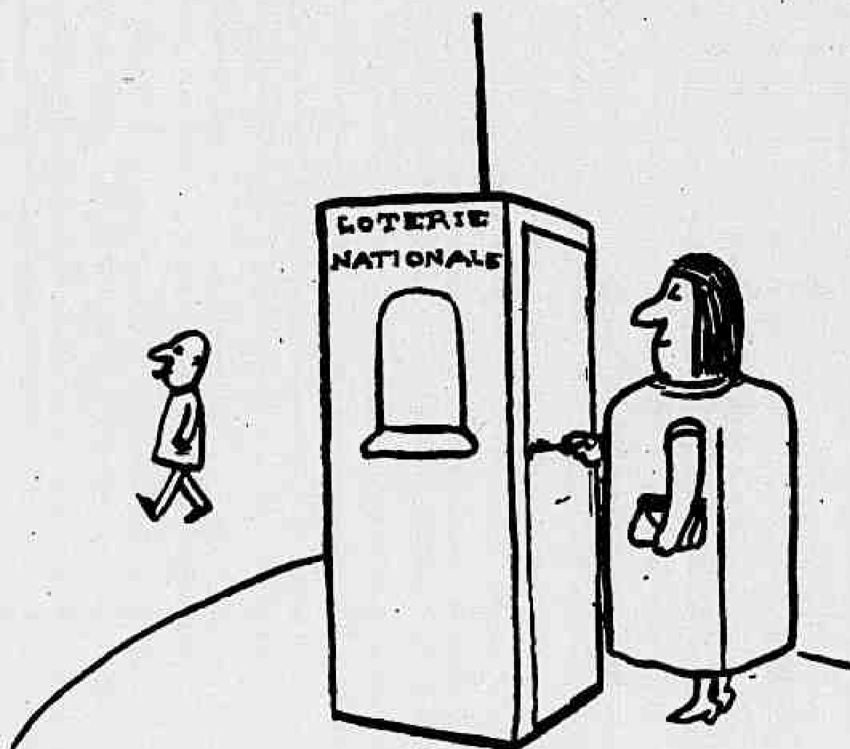


— É o dr. Durand acompanhado de sua mulher. Êle foi explorador na África...

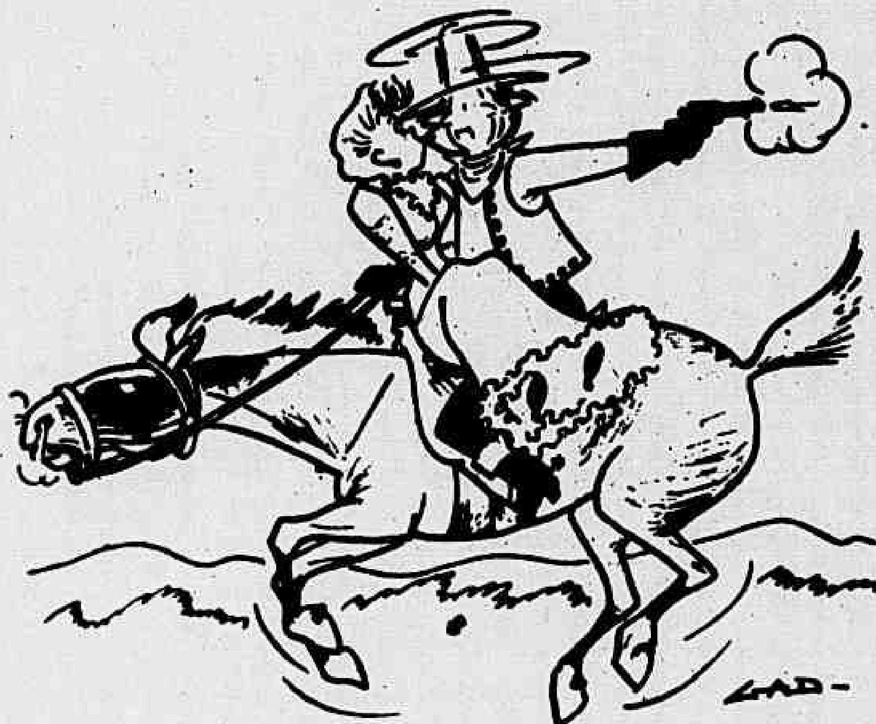


— Será possível que você não consiga escutar o «Comentário Político» com mais calma?





— E você verá — pum!... como nós: pum! pum! — estaremos — pum!... — felizes e... — pum! pum! — tranqüilos...



O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS



Semana LITERÁRIA

UM POEMA POR SEMANA

Da revista «Passagem», editada pelo Serviço de Ocupação Terapêutica Hospital de Engenho de Dentro, extraímos o seguinte poema de grande b

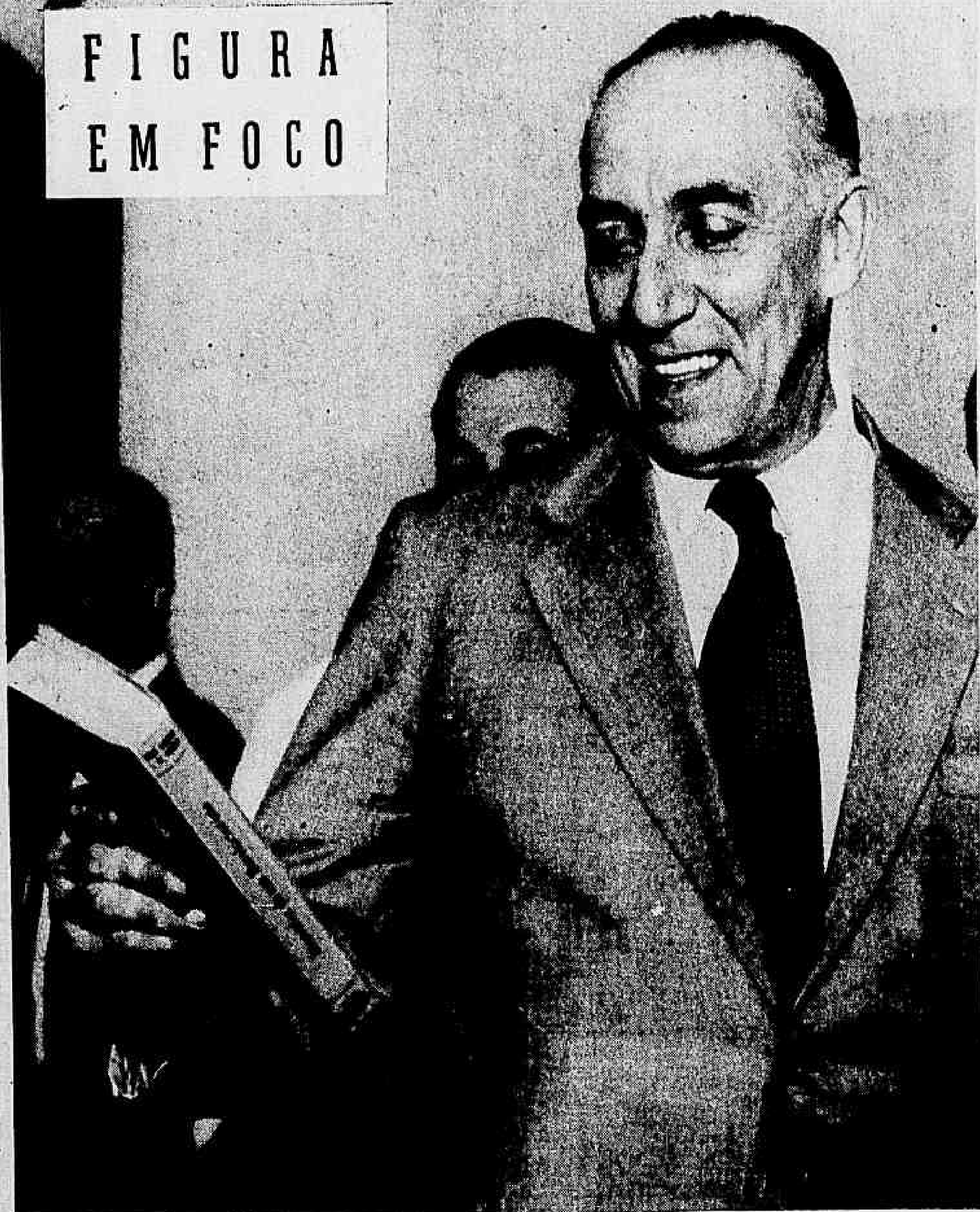
POEMA TRANSVERSAL

Os grilos desmaiaram de madrugada
de tanto acalentar a noite.
O dia é para êles uma eternidade
no abismo neutro das ervas.

De tarde, com um palmo de sol,
as crianças foram ao rio se banhar
e uma delas se afogou.
Quando os homens procuravam o cadáver,
um menino gritou, com os olhos luzindo:
"Vocês não acham o afogado.
Saiu voando pelas águas
com uma asa branca e outra azul."

JOSÉ D.

* * *



MEMÓRIAS DE UM REVOLUCIONÁRIO — O ministro João Alberto, homem de sete mares e de sete instrumentos, acaba de regressar de uma viagem aos países da «Cortina de Ferro», onde estêve como observador do govêrno brasileiro. Em declarações feitas à imprensa, o sr. João Alberto mostrou a extrema conveniência de reiniciarmos, com êsses países, nossas relações econômicas e comerciais, uma vez que até os EE.UU., profundamente interessados na luta que divide o mundo em dois blocos estanques, não se deram ao luxo de interromper as trocas mercantis com as nações do grupo soviético. Pelo que se vê, está em plena forma o ministro revolucionário, interessado e participante nos problemas nacionais. Outro sinal de que o sr. João Alberto continua em plena forma: a publicação de seu livro, «Memórias de um Revolucionário», cuja importância como depoimento humano, político e literário é fácil de imaginar. Na fotografia, o sr. João Alberto, chegando de viagem, contempla com delícias de pai o volume que traz a sua assinatura.

ESPELHO DE ESCRITORES

FERNANDO SABINO

NASCEU em Belo Horizonte, a 12 de outubro de 1923, numa casa de dois pavimentos e com assoalho de tábua. A casa de onde se podem ver as palmeiras imperiais da praça da Liberdade, teve na evolução do escritor a mais decisiva importância, pois dela, de seu jeito físico e metafísico, lhe vem uma lição de província que jamais o abandonará. Filho de Domingos Sabino, já falecido, e de d. Odete Tavares Sabino, herdou do pai o amor à ordem e ao pensamento lúcido, de mistura com um sentido prático das coisas que faz a inveja de seus amigos próximos e remotos. Da mãe, viva e robusta, ficou-lhe uma sensibilidade amorosa e aguçada, e a inteligência intuitiva do mundo. Menino quase prodígio, Fernando Sabino desde cedo revelou sua vocação para as letras. No Grupo Escolar Afonso Pena, entre brigas infantis e paixões precoces, tomou-se de amôres definitivos pela língua pátria, e nessa matéria era absoluto, deixando longe os seus colegas de ambos os sexos. Depois, ao completar o quarto ano, com medalha de ouro, matriculou-se no famoso curso de Dona Benvinda, e após 365 dias preparatórios prestou concurso no Ginásio Mineiro, estabelecimento estadual célebre pelo rigor de seus professôres. Aí passou cinco anos corridos, nem bom, nem mau aluno, mas triste e humano, distinguindo-se sempre nos exercícios de português, onde não encontrava rivais. Começou a escrever para jornais desde os doze anos de idade. As revistas CARIOCA e VAMOS LER patrocinavam, nesse tempo, um concurso de crônicas sôbre rádio. Fernando Sabino, semanalmente, abiscoitava um prêmio de cinqüenta mil réis, e isto levou seu pai Domingos a suspender-lhe a mesada, pois o menino se bastava a si mesmo. Aos dezessete anos, campeão de natação, brôto do Minas Tênis Clube, requestado pelas mais belas musas adolescentes da província, Fernando Sabino publicou o seu primeiro livro de contos, «Os grilos não cantam mais». O título, um tanto rebarbativo, em verdade rotulava um trabalho de importância, e Mário de Andrade, ao saber que o autor tinha apenas dezessete anos, caíu em transe de entusiasmo, e daí até sua morte ligou-se ao jovem escritor através de uma bela e nobre amizade. Vieram depois «A Marca», novela extraordinàriamente bem escrita, «A Cidade Vazia», crônicas do tempo em que o jovem mineiro habitou New York, «A Vida Real», livro de ficção, no qual já se pôde sentir a presença do grande escritor, iniciando o seu depoimento do mundo, e o «Dicionário de Lugares-Comuns», editado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação. Está preparando há muito tempo dois romances, «Aventuras e desventuras do grande mentecapto João Viramundo» e «Movimentos Simulados», ambos com mais de trezentas páginas escritas. Compõe também, no momento, um livro de reminiscências, «Apuração de Haveres». Quanto ao mais, acha que a literatura brasileira só deu até hoje duas figuras de real importância: Machado de Assis e Otávio de Faria. E' até hoje detentor de «records» de natação que ainda não foram batidos e disso muito se orgulha. Sonha quase tôdas as noites com natação e com Marlene Dietrich. Considera os momentos mais agradáveis da sua vida os que passou dormindo. E' católico praticante, mas procura ocultar aos outros sua constante luta interior, «um problema exclusivo de nós dois: Deus e eu». Erigiu em princípio fundamental de sua vida as palavras de Ivanov: «Deus não abandona àqueles que não O abandonam». Acredita que sua verdadeira vocação talvez fôsse tocar bateria em orquestra de jazz. Possui uma bateria, já tocou (como amador) em várias orquestras. O homem mais extraordinário que conheceu foi Jayme Ovalle. Sua maior emoção: quando o navio em que regressava dos Estados Unidos se incendiou em meio a uma tempestade, houve ordem de abandonar o navio, pensou que ia morrer afogado, tendo sido campeão de natação. Grande admirador de Henry James, Lawrence, Hemingway e Clarice Lispector. Sente que nasceu com vinte anos de atraso, pois se identifica mais com a época dos «twnties» do que com a nossa: Scott Fitzgerald, Chaplin do cinema mudo, Lindbergh, Dempsey, Weissmuller, Appolinaire, Ezra Poud, Louis Armstrong, Saint Exupéry são lembranças que carrega consigo, de um mundo extinto em 1930, e que não chegou a alcançar.



H.P.

★★★★★★ Cineac Literário ★★★★★



ACABA de aparecer o primeiro número da revista «Marco», editada pelo Poliedro 33, F. N. F., Diretório Acadêmico, em grosso papel amarelo. As siglas anteriores, bastante obscuras, se esclarecem logo através dos nomes ligados à publicação, todos muito conhecidos. Assim, integram a equipe redatora os srs. Adonias Filho, Aníbal Machado, Afonso Felix de Souza, Edino Krieger, Fred Pinheiro, Guerreiro Ramos, João Cabral de Melo Neto, Júlio Braga, Mário Barata, Osvaldo Alves, Salviano Cavalcânti de Paiva, Sosígenes Costa e Vinícius de Morais. Na plataforma de lançamento, o diretor de «Marco», sr. Reinaldo Jardim, num tom grave e convicto, assim define os seus objetivos: «Quando as determinantes de uma realidade social, atuando sôbre diversos artistas os coloca caminhando na mesma direção, com uma plataforma estética e um denominador comum que mesmo não pré-estabelecidos se estampam nas obras tornadas públicas, podemos registrar êsse fenômeno como sendo o aparecimento de um movimento, não importando a idade, a data de estréia nas letras e artes, ou ainda o círculo freqüentado por seus elementos. «Marco» vai reunir em suas páginas os escritores que estão procurando refletir em suas obras a nossa realidade social e humana, tentando dar às artes nacionais um sentido vital absoluto». Mais adiante, o sisudo diretor, que por sua excessiva seriedade deve ser muito jovem, fala em MOVIMENTO com maiúscula e condecora a senhora Cecília Meireles e os poetas João Cabral e Afonso Felix com o título de «elementos vitais». Por fim, numa clarinada um tanto parnasiana, acaba de declarar que «Marco» não pertence a um grupo. Pertence à cultura brasileira, em sua forma mais viva, moderna e exuberante. Viva a exuberância!

★

O sr. Aníbal Machado, num longo artigo em tipo miúdo, publicado em «Marco», chega à conclusão de que «as comemorações carnavalescas no Brasil constituem inesgotável tema sociológico e literário».

★

Ainda na revista «Marco», o sr. Sosígenes Costa, em decassílabos bilaqueanos, canta com ardor «As duas Vênus». De acôrdo com o poeta, «há duas Vênus». Uma vive em Roma, outra na aurora em ascenção lilás. Uma se entrega ao deus da guerra em Roma. A outra é a Vênus que ama o deus da paz. Acontece, no entanto, que a primeira Vênus, a Vênus reacionária e belicosa, segundo a maneira de ver do sr. Sosígenes, não se encontra em Roma e sim no Louvre, em Paris. A não ser que o poeta, em nome da exuberância, tenha cometido uma licença geográfica. Se é assim, está bem.

★

Nelson Rodrigues, autor de «Vestido de Noiva», está escrevendo uma nova peça intitulada «Um mar de cabeças». Em princípios do ano que vem será levada em S. Paulo, pelo Teatro Brasileiro de Comédia, a tragédia «Senhora dos Afogados», também de Nelson Rodrigues.

★

Paulo Mendes Campos já tem pronto um novo livro de poemas, ainda sem título. Dessa coletânea faz parte uma longa composição auto-biográfica, em que o poeta mineiro faz um balanço de sua vida, paixão e obras.

★

Joel Silveira já entregou ao editor os originais do seu primeiro romance, «A Praça», a ser lançado pela Livraria Martins.

★

Carlos Castelo Branco, fiel às diretivas de seu movimento terrorista, escreveu um conto no qual a dieta de deputado joga o papel mais importante. Através do conhecimento dessa dieta, dois homens disputam a intimidade do deputado que, por sua vez, não toma conhecimento nem da dieta, nem de seus aduladores.

★

Ciro dos Anjos, professor de assuntos brasileiros no México, tem prestado à cultura nacional os mais assinalados serviços. Ainda há pouco, pronunciou naquele país várias conferências, que alcançaram grande êxito.

★

O professor Ernesto de Albuquerque, pernambucano de mais cinqüenta anos, acaba de lançar um livro de cem sonetos, denominado «Efigie». Dizem as más línguas que o ilustre parnasiano pretendeu publicar os «cem melhores sonetos da literatura brasileira».

★

Os editores e livreiros de S. Paulo, por determinação do prefeito Jânio Quadros, ficaram isentos do impôsto de indústria e profissão. O mesmo, no entanto, não aconteceu aos escritores, cuja falta de regalias em nosso país é comovedora.

★

O poeta José Paulo Moreira da Fonseca, cuja peça teatral «Dido e Eneas» quase obteve o prêmio do IV Centenário de S. Paulo, terá sua obra representada na capital bandeirante.

★

O desenhista e pintor Darel, diretor da Gráfica de Arte S. A., está terminando a primeira parte da edição de luxo das «Memórias de um Sargento de Milícias», impressa para os «Cem Bibliófilos do Brasil». O livro, de extraordinário bom-gôsto gráfico, contém 58 gravuras originais de Darel, trabalhadas em água-forte e coloridas a mão. Ao todo, o artista trabalhou sôbre sete mil gravuras, e esta tarefa plástica lhe custou dois anos de dedicação ininterrupta.



LUTO NAS LETRAS

No dia quinze de novembro, às 11,30, faleceu nesta cidade o poeta Jorge de Lima. Seu desaparecimento trouxe luto e desolação para as letras brasileiras, uma vez que a figura do morto era das que mais avultavam no cenário atual da nossa literatura. Homem complexo, versátil, tendo experimentado todos os gêneros literários, Jorge de Lima aventurou-se também pelo terreno da criação plástica, construindo uma curiosa obra de pintor e escultor. Mas foi a poesia o seu grande instrumento de comunicação e seu método de conhecimento do mundo. Nascido a 23 de abril de 1894, em União dos Palmares, no Estado de Alagoas, iniciou muito cedo a sua atividade poética, dentro dos cânones parnasianos. A revolução estética do modernismo, no entanto, veio encontrá-lo poroso e sensível às novas formulações artísticas, lançadas pela Semana de Arte Moderna de 1922. Jorge de Lima, sem demora, colocou-se entre os elementos de vanguarda do novo movimento, e dessa época datam os seus poemas regionalistas e folclóricos, alguns dos quais definitivamente incorporados ao nosso melhor patrimônio literário. Convertendo-se depois ao catolicismo, o poeta encontrou em sua condição de católico a fonte que passaria a informar seu trabalho criador. «Tempo e Eternidade», «A Túnica Inconsútil», «Despedida de Mira-Celi» — eis alguns dos livros de Jorge de Lima que mais refletem o seu esfôrço humano e poético para uma reconceituação teológica e católica do mundo. Sua última obra de fôlego, «Invenção de Orfeu», genial pela monumentalidade da concepção e pela fôrça épica com que foi realizada, representa o mais completo e importante movimento poético da literatura brasileira, e faz de Jorge de Lima um poeta de projeção universal.

9 PEQUENAS PARA um RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIM

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

● O turista vai a um restaurante na terra que visita; às suas costas, numa mesa próxima, há um espanhol ou sueco ou neo-zelandês de nariz muito longo, bôca desdentada e que ao mastigar emite uns grunidos muito semelhantes ao de um sino; o turista se prepara para comentar qualquer coisa acêrca do vizinho mencionado; a vítima continua impassível como se o visitante estivesse recitando o alfabeto chinês mas... lá para o fim da refeição êle se volta bruscamente e pergunta: «Quer emprestar os fósforos, por favor?»

Conheço bem esta situação...

O boêmio nos mostra ao longe Opatija, a maior praia do Adriático.

O calor aumenta assustadoramente.

O trem pára afinal.

E... quem diria?

Estamos em Rijeka!

CAPÍTULO VI

Jamais um provinciano, chegando a Paris e, se encontrando de repente no meio do borborinho da gare Montparnasse, com sua trouxinha na mão, se sentiu mais desamparado do que nós. Apesar dos 35° do termômetro, nós nos aconchegávamos uns contra os outros.

E nem um sinal de guia no horizonte!

Sentimos então um certo vazio na alma. Gisèle lembrou-se do grupo de turistas franceses que havíamos encontrado em Poggioreale e que havia esperado vinte e quatro horas por um guia.

— Se vocês quiserem eu posso me informar sôbre uma sala de espera onde possamos aguardar com mais confôrto. (Propus). Mas em resposta ouvi em côro gritos de protesto unânimes:

— Creio que passaremos as nossas férias tôdas nas gares esperando...

Gisèle continuou falando cada vez com mais pessimismo, apesar da intenção reconfortante das minhas palavras.

Mas nestas alturas, eu já não estava mais parado ali. Comecei a caminhar pra lá e pra cá em largas passadas e atirando às minhas meninas olhares de desafio.

— Que é que você tem, Michel? Você parece aborrecido! E na verdade não há motivo para tanto!

— Não, não há! Porque afinal dentro de vinte minutos ou de vinte e quatro horas, o guia aparece!!!

— Mas nós estamos esperando com paciência...

Eu dei de ombros. Como poderia explicar-lhes o que sentia? Depois de dois dias e meio eu me encontrava na situação de Adão, afinal de contas. Só então compreendi como se sentia o velho Adão, sòzinho, sem um amigo para discutir sôbre música de jazz ou sôbre o último tipo de 2vc Citroen, só no Paraíso... Sentei-me desconsolado sôbre a minha mala perdido em meus pensamentos. Breve teria um companheiro. E imaginei que seríamos alojados no mesmo quarto e então até tarde da noite discutiríamos, o guia e eu, sôbre política, socialismo, e teríamos pensamentos filosóficos, fumando e apreciando pela janela aberta o Adriático.

— Vocês compõem o grupo de turistas franceses?

Voltamo-nos todos em bloco, como se fôssemos chamados cada um por seu nome de batismo.

Era uma jovem encantadora que acabava de nos dirigir a palavra. E ela repetiu a pergunta:

— Vocês são os franceses?

Ainda sob a surprêsa, nós abanamos afirmativamente as cabeças como «marionettes» bem ensaiadas.

E ela caminha em nossa direção:

— Sou uma estudante iugoslava encarregada de acompanhá-los nesta viagem.

Quase perco o equilíbrio e me precipito para a graciosa representante do sexo frágil, gaguejando:

— V-você é o g-guia?

Ela sorri divertida ante a minha atrapalhação e diz suave:

— Sim... o guia destinado a êste grupo adoeceu de repente e eu fui designada para substituí-lo.

Eu cambaleio um pouco, sinto as pernas bambas, como uma árvore à qual o lenhador acaba de dar o último golpe.

— Mas onde estão os outros rapazes? (pergunta a jovem guia).

Compreendo agora que é possível ficar mudo de espanto, pois acabo de ficar. As moças então explicam que eu sou o único rapaz do grupo, que os outros, ou desistiram ou foram retirados para serviço militar.

Nicole é quem toma a frente, para as explicações. E de acôrdo com ela, a metade da juventude masculina da França está servindo à bandeira.

Quanto a mim, sentado na minha mala, vejo desmoronar-se o meu sonho de conversas no serão sôbre coisas sérias e evoluídas com um companheiro.

Em vez disso, tenho de acrescentar ao meu grupo uma décima figura feminina que deve saber conversar muito bem acêrca de meias e «deniers», da moda e de jovens e simpáticos «premiers» iugoslavos.

E com voz firme e indiscutível, ela nos ordena a levantar e caminhar.

— Vou conduzi-los (informa enérgica) a uma casa de estudantes onde poderão repousar, pois parece que devem estar muito fatigadas.

— E... é longe?

— Não, é bem perto até.

E nós lhe seguimos os passos; sabemos que ela se chama Léna. E' estudante de filosofia e está no fim do curso. Fala perfeitamente o francês com uma pontinha de sotaque serbo, que é encantador. Seus cabelos são muito louros, ela tem um rosto fino, nariz bem feito e uma expressão determinada que nem mesmo aquêle sorriso permanente consegue disfarçar. Ela me faz lembrar a mulher que sorri, sentada, num quadro de Renoir. Meu Deus! Quem sabe se ela não será até mais interessante do que um guia masculino?!

Prometi a mim mesmo que não carregaria mais malas, foi uma espécie de jura que eu fiz ao partir.

Mas... vejo uma Denise frágilzinha levantar com uma careta de sofrimento a mala pesadíssima e depois, Léna nos garantiu que a tal casa fica pertinho. E cedendo a um impulso natural à minha idade aproximo-me de Denise e tiro a mala de suas mãos:

— Deixe, Denise, eu levo.

— Mas, Michel, está muito pesada...

— Ora, isto não é nada... (digo com um sorriso que termina num ritus quando ergo a tal mala).

Como pesa! Deve conter coleções inteiras de pratarias. E todos seguimos Léna, obedientes.

Dobramos uma esquina e enfrentamos um declive e nos aproximamos de um prédio que a mim parece uma casa de estudantes.

— Tôdas estas construções são novas (digo numa expressão de encantamento).

— Tôdas.

Ora, penso eu, qualquer outra pessoa teria corado de orgulho ante os elogios que eu prodigalizava às construções iugoslavas. Prèviamente eu havia informado a minha profissão de arquiteto o que valorizava e autorizava as opiniões que eu externava. Mas Léna recebia aquêles cumprimentos sem demonstrar a menor satisfação.

Ela mantinha, percebi logo, um ar solene como se tocassem continuamente o hino nacional de sua terra.

Ficamos a imaginar como seria possível tirá-la daquela expressão reservada. Fiquei pensando que ainda que eu fizesse acrobacias andando de cabeça para baixo

---

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

● **O jovem arquiteto Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e seus apuros começam aí, com a mãe dêle e os amigos dando palpites nos preparativos. No dia da partida o viajante corre à estação, onde a organização da viagem revela que Michel viajará com dez moças e tôda a responsabilidade. O trem parte e êle confere os passaportes com as presentes; outras embarcarão depois. Em Modane mais duas moças aumentam o grupo. As pequenas discutem sôbre meias «nylon» e fazem o rapaz descer malas pesadíssimas. Cruzam a fronteira. Michel inicia uma carta para casa, mas não conta que seu grupo é formado por Catherine, Nicole, Denise, Andrea, Colette... Quando chegam a Milão, o expresso que deveriam tomar já partiu, levando Françoise. Michel comete uma «gaffe» no guichet de informações e nada se resolve. É preciso, também, avisar o guia, que os espere em Rijeka. Embarcam, então, no outro trem lotado e viajam de pé. Passam pelas diversas zonas e chegam a Trieste. Aí, Colette conversa com um italiano e consegue comunicar-se com Françoise na outra estação. Alojam-se, então, no trem que partirá na manhã seguinte. As moças querem o travesseiro pneumático de Michel e o saco de lona americano e não o deixam dormir. Chegam a Poggioreale, onde Françoise, muito calma, os espera. Aí, encontram um grupo de turistas de volta da Iugoslávia e cujo aspecto é desanimador. Embarcam em novo trem e as pequenas começam a discutir. Michel prevê qual será o seu futuro. Em Sezana precisam cambiar o dinheiro por moeda de turismo e é Michel quem tem de resolver.**

equilibrando a mala de Denise nas pontas dos pés, Léna me olharia com o mesmo ar indiferente. Sentimos que ela estava sempre em guarda e prevenida para não se espantar ante o que quer que fôsse.

Meus elogios no entanto me davam, pelo menos, direito a inquirir timidamente se a casa de estudantes estava longe.

— Estamos bem perto já.

Nos compêndios da História da Civilização encontramos referências a fatos tais como a construção das pirâmides, as obras do Canal do Panamá, mas ninguém se lembrara de mencionar aquela penosa marcha que fizemos sob o meridiano em direção da tal problemática casa de estudantes. Dum instante para outro, eu temia ver uma das meninas deixar cair a mala e tombar extenuada e o ruído de ossos partidos. Eu mesmo, eu que sou forte... começava a sentir um certo desfalecimento!

A mala de Denise já me parecia um ser vivo e hostil que se prendia ao solo e crescia a cada novo passo na intenção de não me deixar prosseguir.

Deixando por momentos minhas reflexões próprias sôbre a relatividade das distâncias, pensei em Léna para quem as noções a respeito, deviam ser inteiramente diversas das ocidentais. Um condenado à morte submetido àquela caminhada acharia certamente o trajeto muito curto e de bom grado se proporia a repetir a façanho; mas êste não era o nosso caso. A cabeça enterrada nos ombros, eu fuzilava, levando minha carga como um condenado às galés e que sabe que ninguém virá revesá-lo. Eu sabia, eu sabia que havia de carregar valises todo o tempo, que tôdas estas missões de «responsabilidade» seriam a mim prodigalizadas, eu sabia que era o «marcado» da turma para estas coisas. Ouvi então vozes longínquas. Elas me chamavam, queriam talvez que eu carregasse mais outra mala, e neste caso teria de carregá-la em cima da cabeça. Apressei o passo e os chamados continuavam frenéticos, aflitos, alucinantes. Fui andando e aumentando o número de desaforos que diria.

Mas olhando para trás, lá longe avistei na esquina, um grupinho de graciosas meninas à porta de um edifício que me pareceu ser de fato uma casa de estudantes. Eram elas. Na minha pressa de terminar aquêle calvário eu apressara muito o passo e me adiantara um bom pedaço de onde elas pararam. Por pouco, no meu zêlo de vencer a distância, elas teriam de me ir buscar nas margens do Danúbio. E tive que caminhar uma boa distância de volta.

— Pensamos que você tivesse resolvido partir sòzinho para visitar o interior do país (disse Françoise sempre irônica).

— Chamei você por causa da minha mala (desculpou-se Denise sempre doce e ingênua).

Quanto às outras, pediram a minha presença porque não conseguiam distinguir sòzinhas as valises de cada uma. Eu não podia também me dividir em nove, nem servi-las tôdas a um tempo, mas elas se aglomeravam tôdas à minha volta como se meu nome estivesse no «carnet» de baile de tôdas e tôdas esperavam que os atendesse.

(Continua no próximo número)



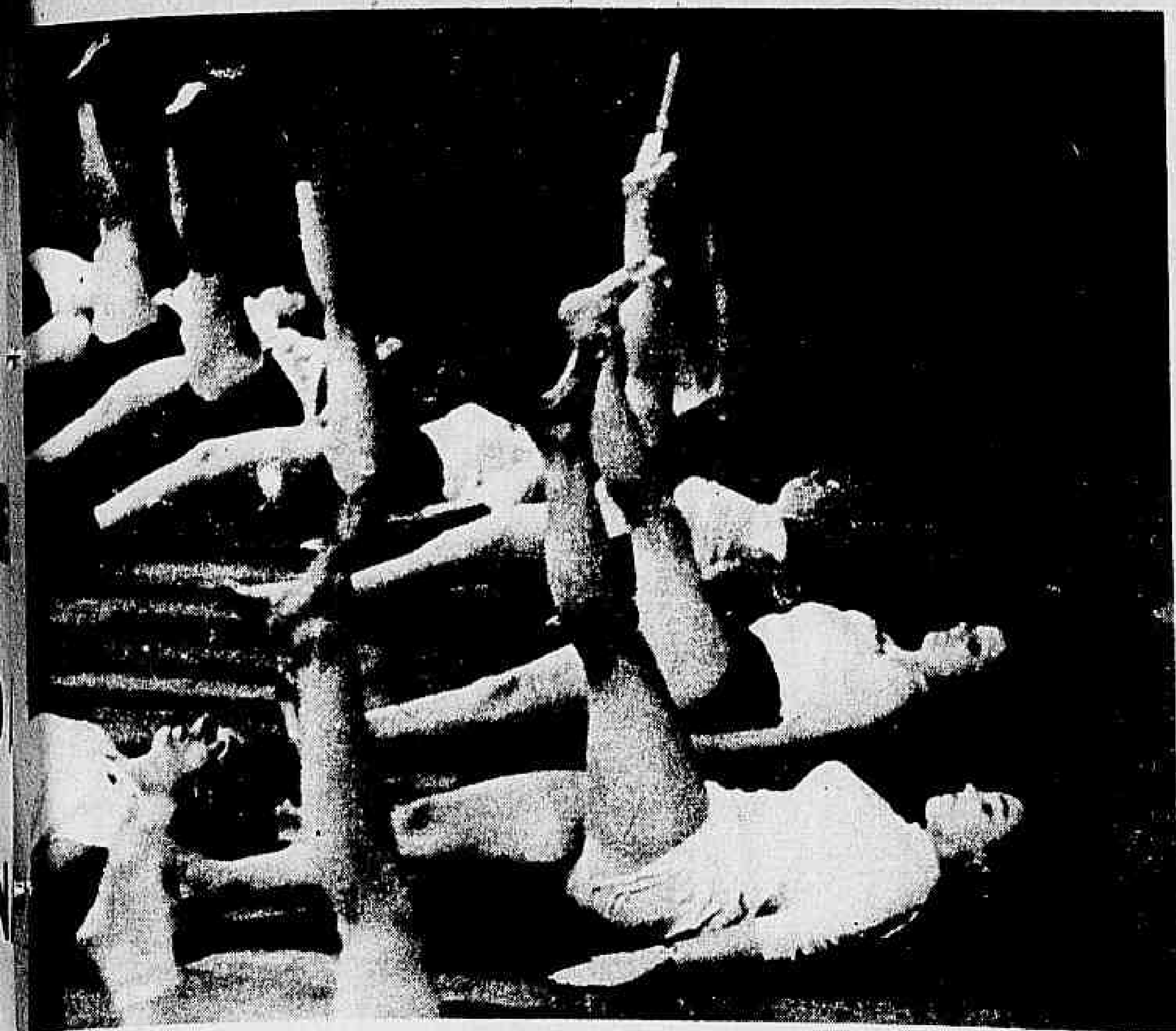
AS CURVAS FEMININAS, MO
DE INFLAMADA CONTROVÉ

A TELEVISÃO TORNOU MAIORES OS QUADRIS DA MULHER MODERNA

Os manequins são feitos copiando os mais belos modelos humanos, e as modas aperfeiçoam sempre a arte de tornar belos os corpos e bustos

Quem é que está com a razão: — a Vênus de Milo ou Marilyn Monroe? — A "Liga da Saúde e da Beleza da Mulher", famosa entidade londrina, dá o tamanho do busto ideal: trinta e seis polegadas.

(Copyright «Illustrated», exclusivo para REVISTA DA SEMANA)



Jovens pertencentes à «Women's League of Health and Beauty» executam exercícios diários para tornar suas formas esculturais, tudo dentro de medidas padrão.

ATÉ aos começos dêste século, era agradável a uma jovem ter apenas o seu corpo em desenvolvimento, sem maiores preocupações de curvas. Tôdas as garôtas sonham com os vinte e um anos de idade, quando as formas do corpo atingem seu desenvolvimento, integradas em corpo de mulher perfeita. Mas, antigamente, com as saias-balão, as anquinhas, os espartilhos aflitivos, o corpo de uma jovem só atestava sua plástica da cintura para cima, apertadinho em talas de baleia, apresentando uma cintura que, muitas vêzes, era artificial.

A elegância era uma mortificação para muitos corpos femininos, belos e dignos de melhor sorte. Apesar dos tipos artísticos do teatro e do cinema, quase todos «gordinhos», a elegância feminina sempre foi hostil às banhas, e os técnicos tudo faziam para reduzi-las nas que eram tendentes à adiposidade.

Hoje a elegância feminina é para as formas delgadas, embora sem o exagêro da magreza. Curvas, curvas e curvas. Eis o problema para o corpo de uma mulher jovem, ou balzaqueana, que se preocupe com essas coisas da civilização e da sociedade. Mas, pergunta-se: terão as mulheres mudado sua inclinação em matéria de tipo físico, nestes 30 anos?

Segundo os entendidos na matéria, a direção do «tipo geral» se projeta para estas bases: maior cintura, menores cadeiras, mas bustos mais volumosos. O caso dos quadris femininos tem mesmo alarmado muitas elegantes, e, nos Estados Unidos, já descobriram o motivo por que as mulheres daquele país estão com as cadeiras cada vez mais amplas: passarem muitas horas sentadas diante dos aparelhos de TV.

Por sua vez o cap. Philip Kunick, que passou três anos a investigar as medidas femininas, a serviço do «Clothing Development Council», da Inglaterra, tirou medidas antropométricas de cinco mil inglêsas, chegou a esta conclusão:

Mulheres de hoje	Mulheres de 30 anos passados
Busto, 36½ polegadas	36 polegadas
Cintura, 27½ polegadas	27 polegadas
Cadeiras, 38½ polegadas	40 polegadas

★

Superficialmente, podemos notar que a diferença entre as curvas femininas de uma mulher de 1920 e uma de hoje, não foi tão sensível. Mas, realmente, onde se manifesta a maior tendência para a modificação do corpo de uma mulher de ontem para uma de nossos dias? No busto. Não há jovem que não deseje desenvolver o busto **à la Marilyn Monroe**, embora a média das medidas do cap. Kunick nos mostre que o busto dessa artista não seja tão mais sensível do que o encontrado pelo citado pesquisador. O que concorre para pensar-se que ela tem grande busto, é que a atriz possui uma cintura pequena, de vinte e três polegadas, enquanto suas cadeiras somam trinta e quatro polegadas, menos do que seu busto, medidas que se encontram em cinco dentre cem jovens inglêsas.

Já houve quem perguntasse a Jean Bell, agente para jovens modelos, qual o tipo ideal para tal profissão. E ela respondeu: cinco pés e sete polegadas de altura; 34 polegadas de busto; 23 de cintura e 35 de ancas. Já a «Women's League of Health and Beauty» (Liga da saúde e beleza da mulher) prescreve outras medidas aos seus membros: para a mesma estatura, 36 polegadas de busto, 24 a 25 de cintura e cadeiras de 38 polegadas.

Isso tudo se refere à mulher inglêsa. Como pensarão as elegantes brasileiras do Rio, do Rio Grande ou do Amazonas?



Lina Savillo, tipo de beleza. Mede 5 pés e oito polegadas de altura, com 36 polegadas de busto e cadeiras, medidas que lhe dão o tipo ideal para sueter e calça.



Adamski jura que a história é verídica

"ELA E MEIGA, A MOÇA DE VÊNUS ESTENDEU-ME A MÃO"

O "disco voador", vindo de ignotas distâncias astrais, desceu suavemente na California. — A Fôrça Aérea Americana não diz que sim, nem que não.

Reportagem de MAURICE GOLDSMITH

U...dor aterrou nos Estados Unidos! O disco era um aparelho ...erplanetário, que veio de Vênus trazendo uma mensagem ...habitantes da Terra. Sabemos o que dizia esta mensagem, ...emos ainda como são os venusianos. Como o soubemos? ...rde de uma quinta-feira, 20 de novembro do ano passado, ...ericano teve uma conversa com um ente vindo de Vênus. ...: deserto da Califórnia, exatamente a 10,2 milhas do Deserto ...os lados de Parker, Arizona.

NÃO SÃO DE MARTE, MAS DE VÊNUS

...se chama George Adamski, astrônomo amador, que declarou ...ndo aos estudos de discos-voadores há vários anos. Mora ...omar, local em que se situa o mundialmente famoso obser-...damski não trabalha entre aquela aparelhagem. Com Desmond ...lista, Mr. Adamski escreveu um livro, «Flying Saucers Have ...sôbre os casos dos discos-voadores e também dos habitantes

...e o autor nos fale do venusiano que êle encontrou: «Êle ...vinha de Vênus) estendeu-me sua mão numa atitude de ...mprimentar. Eu correspondi conforme a nossa velha maneira. ...u apertá-la e, com ligeiro sorriso e aceno de cabeça, corres-...so cumprimento. Ao invés de agarrar a mão como fazemos, ...palma de sua mão na palma da minha de maneira que mal ...Tomei isso como prova ou sinal de amizade. Senti que a ...a mão em contato com a minha, embora muito delicada, ...a criança, era firme e quente. Suas mãos eram delgadas, ...afinados dedos, como se fôssem belas mãos de alguma ...inema ou teatro. Com efeito, em outras vestes, poderia êle passar, fàcilmente, por uma mulher de rara beleza; mas se tratava de um homem, realmente. Sua estatura regulava cinco pés e seis polegadas, e pesava umas 135 libras. Calculei sua idade em cêrca de vinte e oito anos, não obstante poder ter êle muito mais idade. Sua face era arredondada e tinha testa ampla. Olhos grandes, tranqüilos e de côr verde-cinza. Os ossos das maçãs do rosto um tanto mais altos do que um ocidental, mas em menor escala do que os dos indianos e orientais. Nariz muito bem feito, mas não grande; bôca regular com belíssimos e alvos dentes, a brilhar quando êle ri, ou fala. Sua face me pareceu como a de um rapazinho em cujo rosto ainda não houvesse repontado a barba. Perguntei-lhe de onde viera; mas apenas me respondeu com ligeiro movimento de cabeça e com uma quase apologética expressão na face». Mr. Adamski recorreu, então, a gestos e telepatia para fazer-se compreender. **(Cont. na pág. 46)**

Chapéus

COM o fim do ano chegam as muitas oportunidades — tão esperadas pelas mulheres elegantes — de usarem chapéus festivos, em festas de formatura, em recepções de casamentos (8 de dezembro) e em várias comemorações de cerimônia. Notamos, êste ano, uma acentuada tendência para os modelinhos pequeninos, que envolvem a cabeça graciosamente, realçando o perfil maravilhosamente. São confeccionados nos mais diversos materiais, em geral, cetins, veludo ou gorgorão, mas, muito freqüentemente, em linho, fustão ou outro tecido de algodão. Há modelos com duas ou três côres contrastantes, outros num único tom......

● O véu, o misterioso véu rendado ou em rêde, não está sendo tão usado no verão, pois não é muito agradável num dia de calor. Aparece, às vêzes, nos modelos para a tardinha, mais do que para cerimônias que se realizam pela manhã, como as missas de formatura ou muitos casamentos. Escolhemos alguns modelos bonitos, dentre os mais característicos das atuais tendências da moda chapeleira, a fim de orientar as leitoras da REVISTA DA SEMANA no que se usa em matéria de chapéus.

FLAMA



LADDIE NORTHRIDGE — Modêlo em palha negra, grandes rosas brancas e véu também em côr negra.



SAKS FIFTH AVENUE — apresentou na coleção da célebre chapeleira Tatiana, êste modêlo muito feminino, em veludo verde garrafa. De ambos os lados enfeites de strass, fazendo as vêzes de brincos.



SAKS FIFTH AVENUE — considera êste modêlo, de Pauline, um dos mais "jovens" de sua coleção atual. Em "gros grain" rosa, em formato de sino, adornado com plumas azuis.



COROCRAFT — coloca como único enfeite de um chapéu em gorgorão azul-claro, um clips dourado, repetindo o enfeite que foi usado para a lapela do costume negro.



LILLY DACHÉ — Algumas penas de galo, iridescentes, colocadas sôbre um solidéu, dão a esta modêlo um ar "fatal", muito interessante. Da coleção de 1953, da conhecida chapeleira parisiense.

IMPÉRIA

Por OLGA BERARDI

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

CAPÍTULO IV

Ao lado de Leonardo da Vinci estava Miguel Ângelo, que lhe chega apenas até a orelha. Gordo, sem graça, fala pouco e gesticula com fôrça, mas sem garbo, e sem elegância. Depois, vem Rafael, festejadíssimo «enfant gatê» de todos... Isolado da plêiade de artistas e literatos famosos, num canto, com olhos ardilosos, de que todos se lembrarão, deslocado apenas aparentemente, está um protegido muito jovem de Chigi: Pedro Arentino. Impéria acolhe-o com benevolência, porque não sabe ainda que êle tem uma língua ferina, e como sua pena encontra sempre a palavra exata. Não terá, porém, que se arrepender disso, pois dela Arentino escreveu apenas uma palavra: «gloriosa».

Bramante, de lado, com ar de grã-senhor discute com Miguel Ângelo sôbre a cúpula de São Pedro.

Chigi está muito contente. Sôbre a veste simples traz uma daquelas riquíssimas correntes de ouro, que foram trabalhadas maravilhosamente por ourives do século XII, e que os príncipes usam como insígnia de seu poder. Mostra aos cardeais o seu horóscopo, pintado com dê... precisas, no fôrro de uma das salas. Nascera quando Mercúrio de... nava, e na primeira metade de Sagitário! Prognóstico feliz! Gra... riquezas! Comerciante, porém liberal e generoso.

E o luxuoso banquete começa. Os vinhos famosos circulam e... abundância. As músicas são tocadas em surdina. Terminado o prim... prato chega a hora de executar o projeto de Impéria. Agostinho Ch... se levanta, pede silêncio e diz:

— Os antigos usavam brindar e fazer ofertas aos Deuses. Nós, fil... dêsse renascimento, que nada deve pelo seu esplendor ao anti... queremos fazer uma oferta a nosso pai, o Tibre... Ei-la! — e toma... o seu prato de ouro cinzelado atira-o pela janela, no rio. Os comensa... estão espantados! Impéria se levanta, realmente gloriosa em seu tr... negro e ouro, e, com uma risada fresca, repete:



— Ao Tibre! — e joga também o seu prato.

Incitados por Agostinho, todos os presentes, graves prelados e severos humanistas, entusiasmam-se pela brincadeira e lançam as preciosas peças na água, debruçando-se na balaustrada para vê-las afundar-se nas profundidades. Vinte vêzes o mesmo ritual é executado e, pouco a pouco, todos os talheres, os jarros, os copos, os pratos e os saleiros desaparecem nas águas escuras. Enquanto a excitação cresce, brinda-se continuamente Impéria e Chigi. Os poetas, circundados por seus admiradores declamam versos, e os nobres dissertam com os humanistas e filósofos.

As estrêlas empalidecem, uma por uma, na luz da madrugada, e, finalmente, cai o pano também sôbre o cenário da festa. Os convidados, todos um pouco ébrios, já se foram. As sobras da mesa, segundo um costume liberal, são oferecidas aos pobres.

Chigi beija Impéria, na testa.

— Obrigado, querida.

Ouve-se o ruído de guinchos. Uma segura rêde, estendida na parte do Tibre que passa por debaixo das janelas da Farnesina, susteve o precioso vasilhame. Tôdas as peças são pescadas... não falta uma.

E Chigi repete, mais uma vez.

— Obrigado, querida... Sòmente tu podes ter idéias de brincadeiras tão grandiosas!...

Impéria não responde.



Impéria não está contente. Parece cansada. Tudo deu maravilhosamente certo, segundo os seus desejos. Pela primeira vez não atende ao tácito convite de Chigi para uma noite de amor.

Um gentil-homem que, do outro lado da mesa, envolvera-a num olhar apaixonado, perturbou-a até o fundo do coração. Perturbou-a? É possível? Perturbou a ela, à divina Impéria? No entanto, foi isso mesmo... lhe torna invencível o olhar e irresistível o sorriso, o sentimento amoroso que há dentro dela, e que a tornou a mulher mais voluptuosa de todo um século; aquela tendência fatal à paixão que já experimentara em seu encontro com Jácomo Stela — encontro dilacerado pela morte. Essa tendência, ela dominara até então, jogando com o coração e gastando uma imensa fortuna para viver num luxo exasperado, ressuscitara, porém, enquanto, no entusiasmo da festa, exaltada e admirada, ela respondera ao olhar de Ângelo del Búfalo com tôda a alma, já vencida, já perdida por êle. A personalidade de Impéria, senhora do amor e não do prazer, nem da luxúria, nem do vício, fixa-se nesse momento em que, rainha de Roma, com seu traje de veludo listrado de ouro e encastoado de pedras, torna a encontrar o coração, para oferecê-lo a um homem que a olha, e do qual não sabe nem mesmo o nome.



Ângelo del Búfalo é um dos mais corteses e liberais gentis-homens de seu tempo, um dos cavalheiros mais em evidência em Roma. De estatura alta, é moreno, tem os olhos quase orientais pela intensidade de expressão, é de físico bem feito, ágil, e de gestos decididos; já foi bem sucedido em mais de um duelo e polariza a admiração feminina. Vem da alta Itália e, por direitos antigos de família, tem em Roma muitos cargos rendosos, o que lhe permite levar uma vida folgada e fazer boa figura, mesmo diante dos mais ricos e nobres romanos. Em relação a Chigi, porém, é pobríssimo. Impéria está habituada a tomar informações. Quando escolhe um cavalheiro gosta de agir com segurança; porém, desta vez, não quer perguntar nem saber nada... Quando êle a saudou e beijou-lhe a mão, disse-lhe a frase universal, prelúdio do amor: — Onde posso revê-la? — ela respondeu firme e decidida: — Amanhã farei um passeio a cavalo, para os lados de São Gregório — e sorriu-lhe. Ângelo, que não esperava uma tão rápida vitória com essa mulher inacessível, não quer acreditar em sua sorte.

Mais uma vez faz uma inclinação profunda, e se vai com os convidados.

Impéria segue-o, com estranho fulgor nos olhos; depois se entretém ainda um pouco com os amigos íntimos, que se demoraram a saudá-la e cumulam-na de elogios pelo maravilhoso banquete, pela fina qualidade das iguarias, pela delicadeza dos vinhos.

— Impéria, sois grande em tôdas as ocasiões — sussurra-lhe Leonardo, e beija-lhe a mão longa, sutil, que treme imperceptìvelmente.

— Divina Impéria, até breve — e Rafael sorri-lhe gentil e amigàvelmente. Talvez seja êle o único que, com a sensibilidade de sua alma, teve intuição da incrível perturbação da amiga. Olha-a, ainda uma vez, longamente, e parece que quer lhe dizer alguma coisa. Porém, talvez não ouse. É tão distante, é tão estranho o olhar de Impéria naquele momento! Parece perder-se em paragens infinitas e obscuras!

Rafael também se inclina e parte, no coração, porém, sente uma estranha aflição! Percebe vagamente que o destino de Impéria acaba de ser tristemente traçado! Sacode a cabeça, enquanto caminha pelos becos escuros da Roma papal, e pergunta-se quê poderá ter perturbado a divina e orgulhosa criatura...

Noite de insônia. Noite em que divagou em fabulosas quimeras, em esperanças fantasiosas.

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

● Na época em que, em Roma, as cortesãs decidiam o destino da política e dos homens, Impéria se tornou a maior dentre tôdas elas. Uniu-se a um dos mais ricos financistas da época, Agostinho Chigi, banqueiro do Papa. Suas reuniões e seus banquetes eram freqüentados pelos mais eminentes cardeais, pelos mais ilustres literatos e pelos mais famosos artistas...

Impéria não fechou as janelas para ser acordada pela madrugada, ao se infiltrar nos espessos vidros lavrados. Precaução inútil, porque o sono não chegou para trazer-lhe um pouco de calma.

Com as mãos entrançadas sob a nuca, ela tece, fio por fio, um novo sonho de amor.

Desejaria apagar o seu triste passado de prostituta e de cortesã, para poder oferecer ao homem, que nem mesmo conhece, a candidez da alma e a virgindade do corpo. A alma apodrecera nas orgias do pecado, o corpo se prostituíra na estrumeira do prazer.

Que poderá, então, oferecer àquele homem que, ao primeiro olhar, queimara-a de paixão?

Dar-lhe-á sua beleza, sacrificar-lhe-á a sua magnificência, suas riquezas... Chigi.

Sente uma leve pontada no coração... Chigi? Não. Não poderia. É tão bom, tão generoso, tão amigo! Que seria ela sem Agostinho? Impéria, que nunca cansara o cérebro para resolver um problema que não tivesse como resultado honras, riquezas, predomínio, agora, como inexperiente adolescente, tortura o pensamento a fim de encontrar solução para o problema mais árduo que sua mente concebera até então: amar e ser amada. Ser digna do homem que nem sequer conhece!

Já é quase dia. A aurora recorta de sombras as paredes de damasco e forma arabescos no rosto de Impéria, que vencida pelo cansaço está quase dormindo. Sacode, porém, o torpor, e desce do leito.

Com cuidado minucioso prepara o corpo para o novo amor que lhe pulsa no sangue.

Nem mesmo chama a camareira. Não quer que ninguém veja sua ansiedade.

Penteia e repenteia os cabelos em mil estilos estranhos e originais, porém nada a satisfaz, e aperta, irritada, em suas mãozinhas, a sedosa massa dourada.

Depois, é a vez dos trajes. Qual vestirá? Aquêle azul, bordado de pérolas, com mangas franzidas, que Chigi mandou bordar na Arábia? ou aquêle vermelho, rutilante de pedrarias, que a faz parecer uma chama viva? Ou o verde, com escamas de ouro que dá a seu corpo ondulado a sinuosidade da serpente?

Procura, entre centenas de vestidos, mas nenhum lhe agrada, nenhum lhe parece bastante belo, bastante rico.

Sente-se embaraçada, invadida de uma estranha timidez de menina, que, castamente, pela primeira vez marca um encontro com o homem que ama, na escuridão cerrada de um jardim.

Os minutos passam e ela não chegará a tempo ao encontro!

Diante daquele monte de trajes, de tecidos preciosos cobertos de pedras e de ouro, que rescendem ao leve perfume de sua carne de cortesã, ela chora, humilhada.

Naquele momento, teria apagado com seu sangue o passado de corrupção que, desde a meninice, apertou-a em suas malhas de vergonha e baixeza.

Lágrimas amargas saem-lhe do coração, e umedecem-lhe os olhos desmesuradamente grandes.

Apanha ràpidamente, um cabide, uma veste cinza, quase monacal, aquela que sempre usava para ir ao convento encontrar-se com a filha; penteia os magníficos cabelos com simplicidade casta; e, sem mesmo pôr no rosto uma sombra de pintura, com a leveza de uma mocinha, vai ao encontro de seu novo destino de amor e sofrimento. Vai a pé, como humilde peregrina!

O encontro, sob os altos pinheiros do Célio, inunda-a de felicidade.

Ângelo a espera.

Vai a seu encontro festivamente. Estende-lhe as duas mãos, olha-a, tomado de uma beatitude celeste, e exclama:

— Como sois bela Lucrécia! Pareceis uma menina! Minha menina! Ontem a noite estáveis esplêndida e enfeitiçante; hoje, sois uma criatura delicada, que até tenho mêdo de tocar.

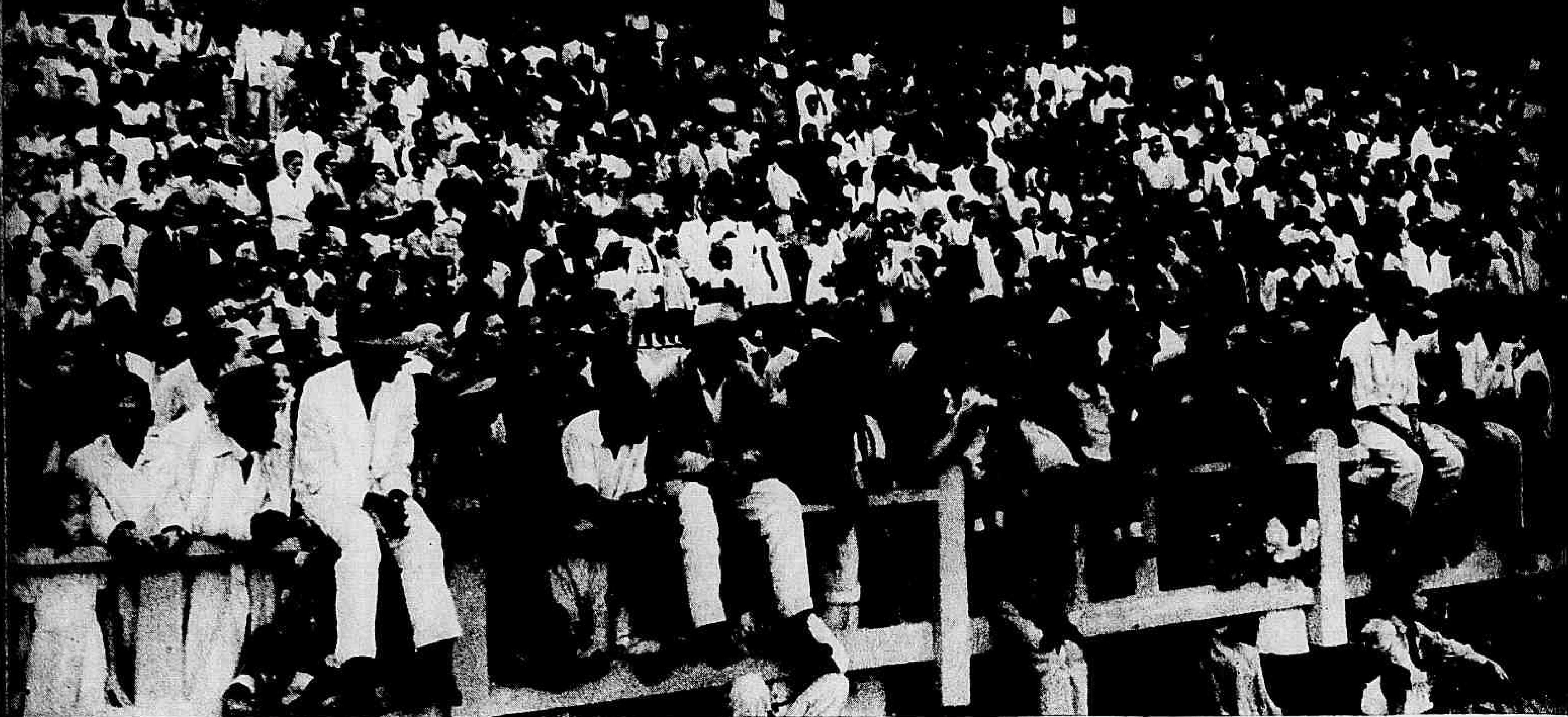
— Obrigada, Ângelo, serei sempre como lhe agradar.

Impéria, flor magnífica do mal, encontra, naquele momento, para o seu amor, a castidade de um lírio.



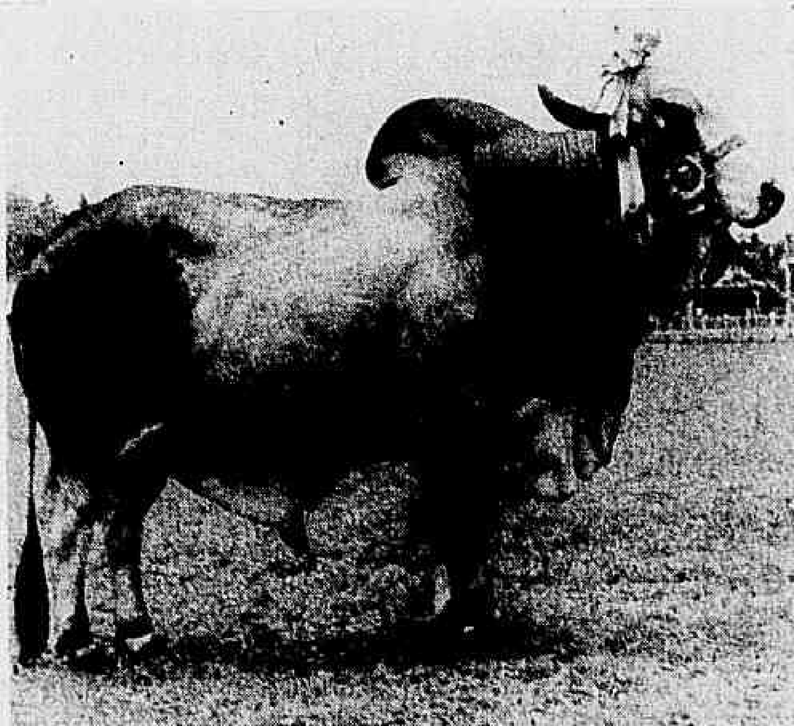
Desde então vive sòmente para aquêle sentimento suave e envolvente, enquanto que, aparentemente, sua vida não mudou muito. Ainda aparece como a cortesã adorada, que vence corações, que brilha entre os cortejadores de altíssima classe, que dissolve fortunas. Ainda chegam-lhe, de perto e de longe, presentes preciosos. Chigi está sempre a seu lado. Enea Piccolomini, magnífico senhor de Siena, está-lhe construindo um palácio. A riqueza, porém, não é mais a essência de sua vida, que se concentrou em Ângelo. Com êle traduz, do grego, os «Idílios» de Teócrito e suspira os versos de Catulo, para êle compõe sonetos e baladas, e na intimidade de sua saleta canta as mais doces melodias. É uma quente intimidade de espírito e coração, mais do que dos sentidos.

(Continua no próximo número)

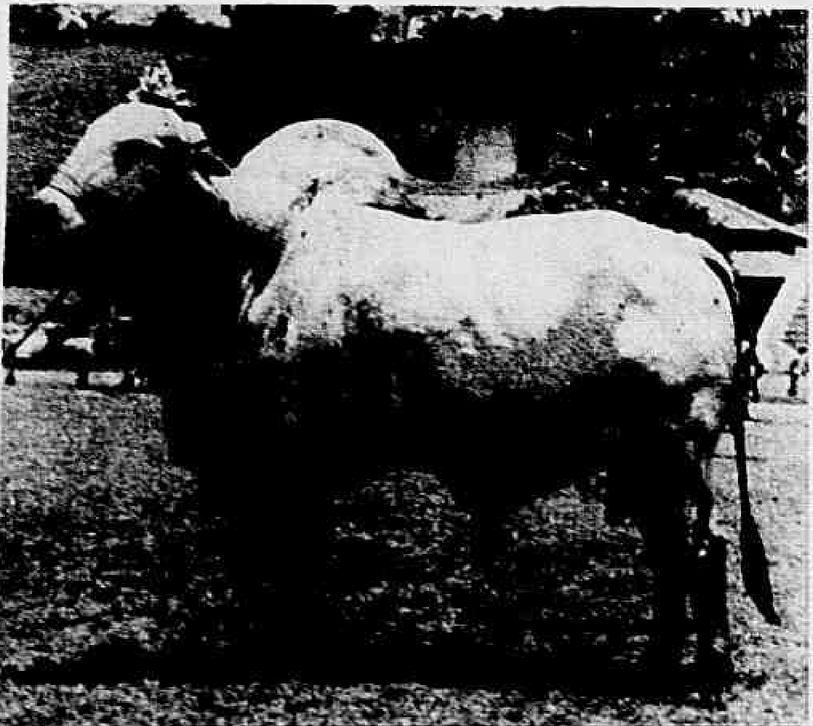


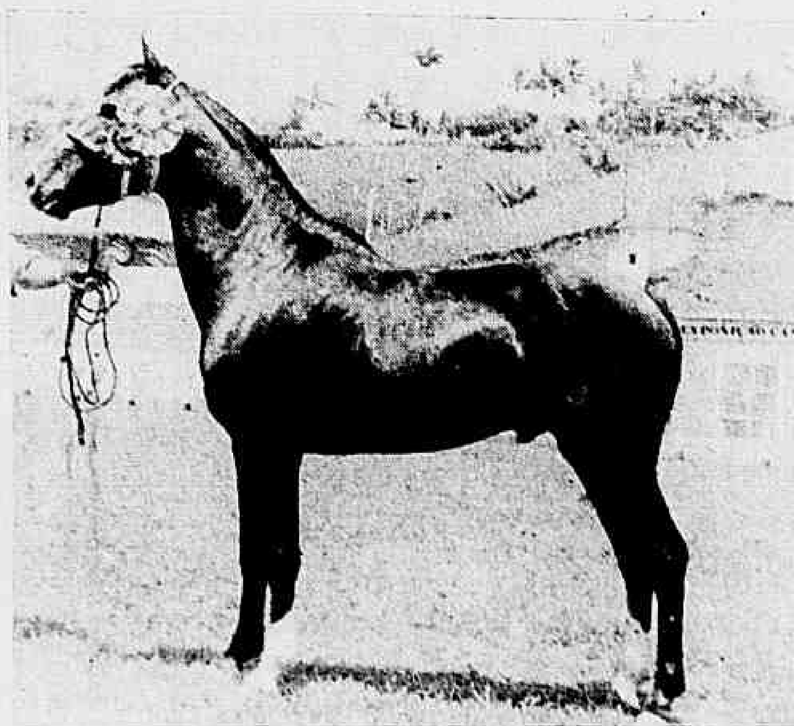
Compacta massa popular compareceu à inauguração do importante certame nacional. A gravura mostra um aspecto das arquibancadas centrais do belo Parque Orú...





Quatro grandes campeões da XX Exposição Nacional recentemente realizada na Bahia. São êles, pela ordem: «S. Martinho Top Burke», Holandês Prêto e Branco; «Faleiro», Indubrasil; «Carimbó», Gyr e «Rapé», Mangalarga Registrado. Os 2 primeiros pertencem à representação baiana, que levantou no certame 4 grandes campeonatos.





XX EXPOSIÇÃ...

REVESTIDA de grande brilhantis... realizou-se na bela e pitoresca ca- pital baiana, no período de 18 a 25 ... outubro último, a XX Exposição N... cional de Animais e Produtos Deri... dos. Pela segunda vez a Bahia toma... a seu cargo a incumbência de orga... zar uma exposição nacional, e pela s... gunda vez cumpriu a tarefa com o m... lhor dos sucessos. A ação conjuga... do governador Régis Pacheco, do s... cretário da Agricultura, sr. Antôn... Nonato Marques, do chefe do Depa...



O governador Régis Pacheco dirigin- do-se aos pecuaristas que compare- ceram ao certame.



No banquete oferecido pelo Govêrno baiano ao ministro João Cleofas, êste agradece a homenagem. O titular da Agricultura está entre o governador Régis Pacheco e o comandante da Região.

O dr. Antônio Nonato Marques, secretário de Agricultura da Bahia, proferindo o discurso de encerramento da XX Exposição. Ao seu lado estão os governadores da Bahia e de Sergipe.





O ministro da Agricultura discursa na cerimônia inaugural da XX Exposição. Aparecem na foto o Governador da Bahia e senhora Régis Pacheco, o ministro Antônio Balbino e a senhora Antônio Nonato Marques.



O governador da Bahia e senhora Régis Pacheco ofereceram aos expositores e delegações estaduais uma belíssima recepção. A gravura mostra um aspecto dessa encantadora reunião.

NACIONAL DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS

tamento de Produção Animal, dr. Francisco Veloso Pondé, e do dr. Aluísio Portela, presidente do Instituto de Pecuária da Bahia, de perto auxiliados por uma valorosa equipe de técnicos, deu à Bahia e ao Brasil uma demonstração a mais da capacidade realizadora dos baianos. A XX Exposição Nacional foi realmente um sucesso para a Bahia, pelo seu festivo transcurso, pelos requintes de hospitalidade com que cercou os seus visitantes, pelo índice técnico verificado, pelo movimento de compra e venda, enfim pelo espetáculo de pujança e grandeza que se desenrolou no belo Parque de Ondina. A Bahia, que se sagrou no referido certame com quatro grandes campeonatos, mostrou com galhardia o acelerado desenvolvimento da sua pecuária, que atravessa uma fase de grande expansão. Mostrou também a Bahia ser um ótimo mercado comprador, ao registrar, na XX Exposição, um movimento de compra e venda de mais de seis milhões de cruzeiros. Dos animais que compareceram, de outros Estados, sòmente a representação Gyr de Minas Gerais voltou, por que não estava à venda. Foi uma repetição de 1949, naturalmente ampliada.

Deu a Bahia, portanto, mais uma viva demonstração das suas possibilidades, que são de grande monta, no setor da pecuária nacional, firmando-se definitivamente entre os Estados brasileiros de índice pastoril elevado, quer figurando com merecido realce na classificação geral do certame, quer saindo-se maravilhosamente na sua organização, quer ainda afirmando o seu poder econômico através de um movimento financeiro altamente significativo. As atividades sociais da XX Exposição, por outro lado, elevaram mais ainda o conceito de hospitalidade de que tão justamente gozam os baianos. Ao lado de uma festa de caráter econômico, teve lugar outra festa de espírito e coração que jamais será esquecida. Um autêntico sucesso, um integral sucesso, a XX Exposição Nacional, certame de que se pode orgulhar a Bahia, tão bem servindo ao Brasil.



O desfile de animais premiados foi uma das notas mais destacadas da XX Exposição. Abriu o desfile a representação canina que compareceu ao certame.

NUM FUTURO PRÓXIMO

TODO mundo gosta de, às vêzes, ficar pensando em como será a vida daqui a 50, 100 anos. As mulheres, principalmente, gostariam de viver no mundo do futuro, pois raciocinam muito acertadamente que, se a vida hoje é mais fácil para a dona de casa do que no começo do século, daqui a algum tempo será mais interessante ainda. E, suspiram, pensando que tôdas as grandes invenções para poupar trabalho no lar talvez não sejam desta geração! Os cientistas, porém, dão grandes esperanças para os próximos 20 ou 30 anos, ainda que desmintam muitas outras invenções do futuro...



★ Estamos na época da televisão... que apenas engatinha. Os entendidos afirmam, porém, que dentro em pouco o seu preço será muito mais acessível. Para as futuras mãezinhas anunciam, também, que a televisão poderá ser usada para se vigiar as crianças de uma sala para a outra... o que será uma maravilha!

★ Ainda que muitos depositem grandes esperanças no helicóptero... hum-m-m! Seu uso não será generalizado tão cedo! Lá por 1960, será ainda o que era o automóvel em 1900... Por isso, não compre aquêle sítio lá longe, na esperança de que o helicóptero, em breve, resolverá o problema do transporte rápido!

★ As mulheres adoram falar ao telefone... passam horas e horas esquecidas. Se pudessem, porém, **ver** a pessoa com quem falam, analisar o vestido novo da Josefina, ou o anel da Adélia... se divertiriam muito mais ainda. Porém, isso não acontecerá tão cedo, graças a Deus!... Já existem telefones com visão no exército dos países mais adiantados, porém seu custo é muito alto e o será por muito tempo, para pode ser instalado entre particulares.

★ A iluminação indireta é um passo à frente no assunto. O futuro, porém, reserva algo muito melhor: pinturas, papel de parede, tecidos que iluminam, pois serão tintos ou pintados com substâncias fluorescentes, à base de preparados fosfóricos. Absorverão a luz solar durante o dia, para emiti-la a noite...

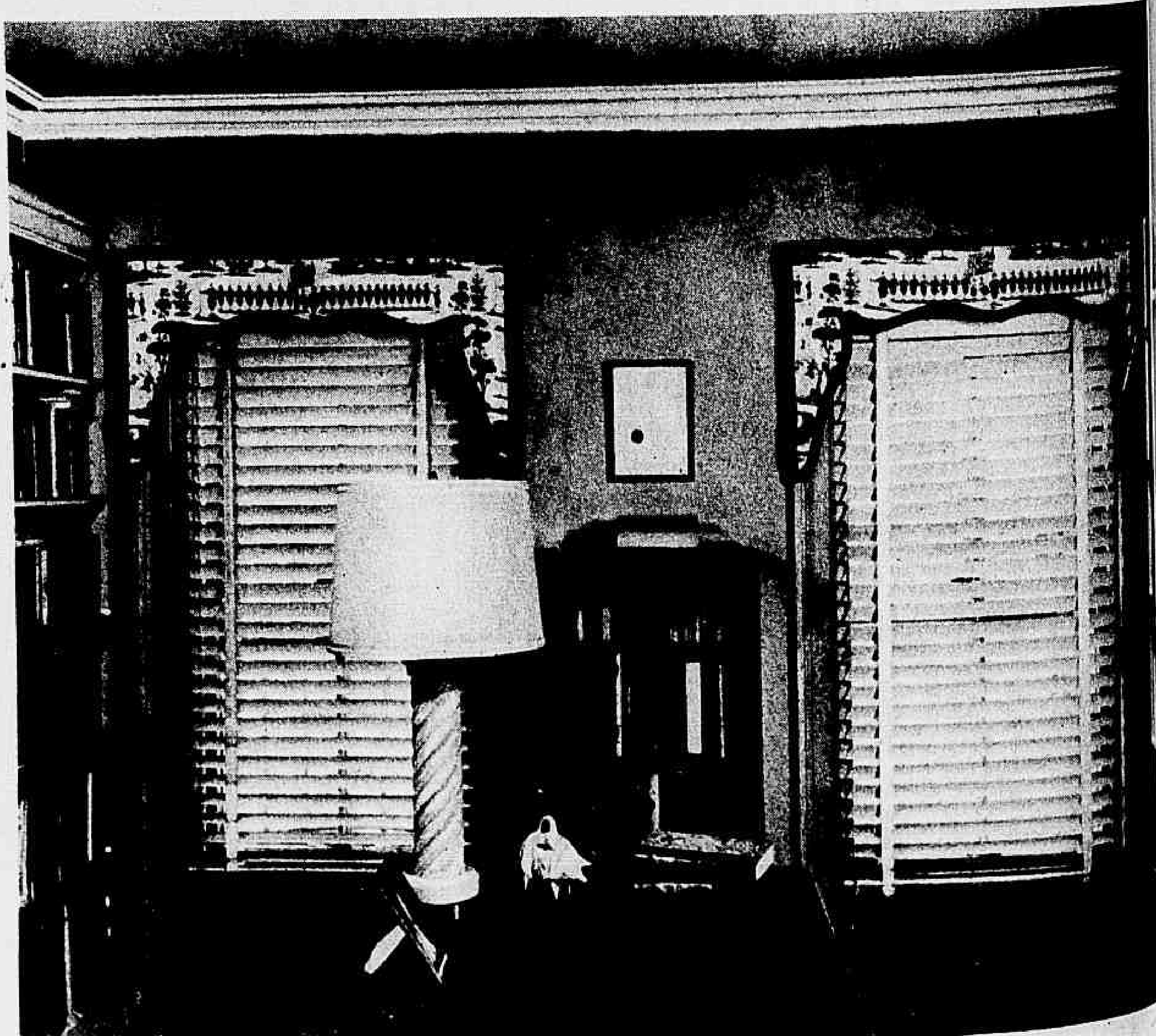
★ Formidável serão os pratos e talheres que se usarão só uma vez para depois serem postos fora, ou dissolvidos por um processo químico. Não haverá mais pratos para se lavar; uma delícia! Seu preço será tão baixo que não valerá a pena desperdiçar tempo com êles... e serão substituídos por outros.

★ Não só os pratos não serão mais lavados... também as paredes, cortinas, estofamentos, serão limpos com muito mais facilidade, já que — confeccionados em tecidos plásticos à prova de água — bastará um pano úmido para voltarem a ficar como novos. E, isso não demorará muito, no máximo 15 anos para o futuro!

★ Saindo do plano ùnicamente material, poderíamos acrescentar muitas mais coisas a esta lista: as famílias serão, na sua maioria, de apenas um ou dois filhos; os velhos de 60 anos (e principalmente as velhas) parecerão ter apenas 45, se se tratarem com novos produtos que serão postos a venda; as novas gerações serão mais altas do que a atual; em compensação, continuará a dificuldade para as mulheres em arranjar marido, e a moda feminina continuará a variar como sempre... Li

Sugestão para o lar

● Certos detalhes da arquitetura moderna exigem soluções novas de decoração, a que a dona de casa não está acostumada. A ilustração de hoje dá um exemplo bem típico: o das venezianas de varetas. Colocar uma cortina nem sempre é possível, e, muitas vêzes, não resolve, pois elimina a vantagem das venezianas, que já por si é uma cortina. A solução encontrada é bem interessante. Usou-se uma sanefa em tecido estampado, que forma moldura para a veneziana, e encobre-a inteiramente quando levantada... A sugestão foi apresentada pelos decoradores de Greef, e, como foi idealizada para um escritório, escolheu-se uma estamparia com motivos bem masculinos: soldadinhos enfileirados, bandeiras, etc. Para dar mais seriedade à sanefa estampada, foi a mesma contornada com um debrum largo, em pelúcia, o que a torna, também, muito mais fina. Deixando de lado o tema principal da ilustração — as janelas — chamamos a atenção para outro detalhe de muito efeito: a pintura em branco nas sancas que arrematam o ângulo formado pela parede e pelo fôrro do aposento, destacando-as. **Nike**



UM POUCO DE Beleza



MÃOS QUE TRABALHAM

● Mesmo quando a dona de casa dispõe dos modernos aparelhos de cozinha e de lavar, que tanto facilitam o seu serviço — se ela trabalha nas lides caseiras, suas mãos se tornam irritadas pelo uso de uma porção de preparados de limpeza. Isso acontece em virtude dos álcalis que existem nessas substâncias, e que afetam a superfície da pele, normalmente um pouco ácida. O mesmo fato se verifica com os médicos e enfermeiras, cujas mãos são lavadas e submetidas a desinfecções, a todo momento. A pele, depois de algumas horas, volta a ficar com sua acidez normal, porém, quando se passa sôbre a mesma um creme, essa normalização se processa muito mais ràpidamente. Para que suas mãos sejam sempre macias, claras e atraentes, habitue-se a passar nas mesmas um pouquinho de creme para as mãos, sempre que desempenhar uma tarefa em que lidar com preparados de limpeza ou sabões.

Ao fazer a aplicação de creme para as mãos, lembre-se, porém, que:

Uma pequena quantidade de creme dá mais resultado do que aplicado em excesso, de forma a não poder ser absorvido pela pele.

Deve-se usar o creme muitas vêzes — êsse é o verdadeiro segrêdo das mãos belas.

O creme para as mãos deve ser passado com movimentos semelhantes aos que você executa quando enfia umas luvas apertadas. Preste atenção para aplicar o creme também entre os dedos. JÚLIA DE MILO



SÊCA OU OLEOSA?

FALA-SE muito em tipos de pele sêca ou oleosa — no entanto, muita gente não sabe distinguir uma da outra...

PELE SÊCA — Se você sente a pele repuxada e esticada e o pó-de-arroz não adere, sua pele pertence à categoria das peles sêcas. De um modo geral, as pessoas que já passaram dos quarenta têm pele sêca, pois esta perdeu certas substâncias oleosas naturais.

PELE OLEOSA — Se sua face está sempre brilhante, e se nota pequeninas gôtas de óleo em tôrno do queixo, e junto ao nariz, é porque sua pele é oleosa.

CABELOS REBELDES

Se seus cabelos são rebeldes, provàvelmente, é porque estão muito secos. Ponha bastante óleo na palma das mãos e esfregue nas pontas dos cabelos. Quando prender os cabelos, umideça-os um pouco, que ficarão mais bem assentados. Use bastante grampos, se quer que as ondas fiquem com aparência de feitas por profissionais. Se as pontas não quiserem ficar viradas, como você deseja, passe um pouquinho de sabão.

● PERNAS FINAS

Se você tem as pernas finas, use meias sem costura, que darão a impressão de mais arredondadas. Prefira, também, os sapatos e sandálias abertos e com tiras. Quanto a tonalidade das meias, evite as de tons escuros, e prefira as mais claras.

● O SEU PERFUME

Se você gosta de um perfume determinado, porque combina com a sua personalidade, use-o nas mais variadas formas: em extrato, água de colônia, sabonete, e sachês para o armário de roupas. Não misture essências diferentes, prefira sempre aquela que escolheu e que a torna mais sedutora.

BREVE

ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1954

- CIÊNCIA
- HISTÓRIA
- RELIGIÃO
- ARQUITETURA
- MECÂNICA
- AVENTURAS
- ROMANCES
- CONTOS
- DIVERSÕES
- NOVELAS, etc.

Um manancial de leitura, contendo entre mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS: CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO.

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO.

O LIVRO DOS MIL ASSUNTOS

Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 5 E 11 DE DEZEMBRO DE 1953 — (Hemisfério Sul)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A semana entrante lhe propiciará uma ambiência muito propícia à realização dos seus planos, à materialização dos seus projetos, facilitando-lhe o apoio de quem, de fato, o possa ajudar. Os melhores dias serão 5, 7 e 9. Poderá fazer seus pedidos em tais dias.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não haverá solução de continuidade no clima astral favorável, indicado na semana anterior. O planêta que o domina continuará desfrutando uma posição privilegiada no cortejo do Sol. Melhores dias 3 e 9.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Sua posição astral vai melhorar nos próximos dias. Na sua vida, sob o duplo aspecto profissional e doméstico, serão registrados acontecimentos muito favoráveis aos seus interêsses e de simpática repercussão no meio em que vive.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Os aspectos em que tomará parte, na próxima semana, o planêta que lhe governa o destino, serão favoráveis, de algum modo, às atividades profissionais e à vida social. O leitor vai entrar num período muito melhor. Saiba aproveitá-lo.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Continuarão as desfavorabilidades, nos próximos sete dias. Seu planêta está atravessando uma zona impregnada de influxos pesados. Não se aventure em grandes lances, pois está sujeito às maiores decepções. Os piores dias, no seu caso, serão 8 e 11.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O novo período não aconselhará mudança de orientação profissional, de emprêgo, assim como a inversão de capital em indústria nova. A situação favorecerá a continuidade das ações em que o leitor já estiver empenhado.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Os dias 5, 6, 9 e 11, o favorecerão, possibilitando-lhe os empreendimentos. O único setor fraco será o das amizades. Haverá defecções nas suas relações mais íntimas. Os casos sentimentais continuarão mal amparados. Os dias mais funestos serão 6 e 11.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — As favorabilidades vão ser atenuadas, modificando-se, conseqüentemente, a posição harmônica que o leitor vinha desfrutando. Não haverá perigo de prejuízos nos negócios. A margem dos lucros, porém, ou será reduzidíssima ou nula. Os dias menos aconselhados para qualquer iniciativa, serão 7, 10 e 11.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — As influências dominantes, no caso do leitor, vão se verificar no setor da família. As dissenções, por acaso existentes entre os seus, desaparecerão, extinguindo-se o fôco que lhes deu origem. O novo período será de tranqüilidade doméstica.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não se aconselhe. Será melhor seguir suas próprias idéias, suas próprias tendências. Não lhe faltará uma boa intuição na direção dos próprios negócios.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Sua posição diante dos astros vai ser melhorada, na semana entrante. Os negócios se movimentarão com maior facilidade, oferecendo margem muito maior de lucro. Bons ventos soprarão do seu lado.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O novo período se anuncia harmonioso na sua vida. Haverá progresso nos entendimentos que estiverem sendo processados, havendo uma verdadeira concorrência de circunstâncias benéficas para a solução dos casos de seu interêsse.

OS NOMES DA SEMANA

Dezembro	5	—	Ernesto	—	Antonieta
"	6	—	Urbano	—	Célia
"	7	—	Bernardino	—	Darci
"	8	—	Custódio	—	Floripes
"	9	—	Eugênio	—	Eugênia
"	10	—	Augusto	—	Flávia
"	11	—	Deodato	—	Impéria

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Dezembro	5	—	13° - 4' - 7"	(Signo do Sagitário)
"	6	—	14° - 5' - 4"	(" " ")
"	7	—	15° - 6' - 1"	(" " ")
"	8	—	16° - 7' - 0"	(" " ")
"	9	—	17° - 7' - 59"	(" " ")
"	10	—	18° - 8' - 58"	(" " ")
"	11	—	19° - 9' - 59"	(" " ")

Week-End na Cozinha



● *Os pratos de forno são, em geral, deliciosos e, por si só, constituem quase que inteiramente uma refeição completa. Sirva mais uma boa salada e uma carne (assada ou fria), para ter um cardápio fácil de ser executado, e que agradará a todos.*

TIA DULCE

Atum com arroz

● *INGREDIENTES*

3 ovos, cozidos, duros.
½ xícara de maionese.
1 latinha de duzentas gramas de atum (ou outro peixe em conserva que preferir).
3 xícaras de arroz, já cozido.
½ xícara de môlho de tomate.
1 pimentão verde.

● MANEIRA DE FAZER

1 — Prepare primeiro o recheio que vai ser pôsto dentro das claras de ovos duros. Corte os ovos pelo meio. Tire as gemas. Amasse-as com um garfo, misture com ¼ de xícara de maionese, e um pouquinho de atum amassado. Recheie as claras.

2 — Misture o restante do atum com o arroz. Arrume numa travessa de vidro que possa ir ao forno.

3 — Esquente juntos o môlho de tomate e o restante da maionese (¼ de xícara). Espalhe sôbre o arroz.

4 — Arrume sôbre tudo isso o pimentão, cortado em rodelas. Sôbre cada rodela de pimentão, arrumada artisticamente, coloque uma clara de ôvo recheada. Asse em forno moderado, cêrca de 15 minutos.

Batatas doces com môlho de maçã

● *INGREDIENTES*

1 xícara de môlho ou suco de maçã, fresco ou em lata.
1 pitada de noz-moscada.
¼ de xícara de açúcar mascavo.
5 ou 6 batatas doces, cortadas em fatias.
3 colheres, das de sopa, de manteiga ou margarina.
3 colheres, das de sopa, de amêndoas, descascadas e picadas.

● MANEIRA DE FAZER

1 — Misture o suco de maçã (prepara-se espremendo-as, ou passando-as pelo liquidificador) com o açúcar prêto e a noz-moscada.

2 — Unte uma travessa de vidro, que possa ir ao forno, com bastante manteiga ou margarina. Arrume no fundo da fôrma uma camada de batatas doces em fatias. Espalhe por cima um pouco do môlho de maçã.

3 — Vá arrumando as camadas, alternadamente, terminando com o môlho de maçã. Salpique por cima pedacinhos de manteiga, e espalhe as amêndoas cortadas no sentido do comprimento. Asse em forno moderado, cêrca de meia hora.

Conselhos úteis

★ Quando a sua receita de torta ou de bôlo indicar o uso de passa, nozes, amêndoas, etc. «picada», pique-as tôdas ao mesmo tempo, com uma faca bem afiada. Economizará tempo e estarão já misturadas quando puser na massa.

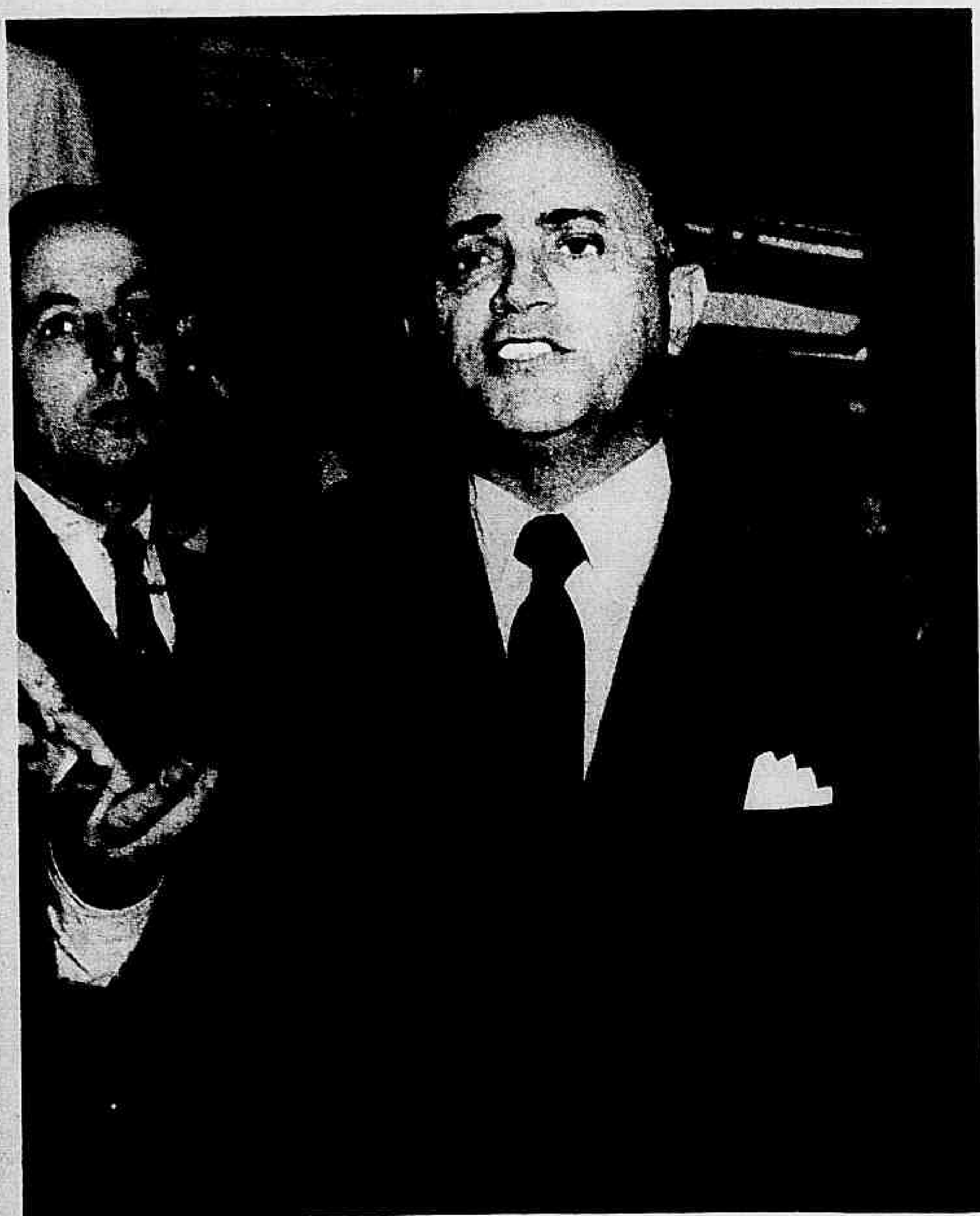
★ Torradas especialmente deliciosas? Espalhe por cima suco concentrado de laranja (ou casca de laranja ralada), canela e açúcar. Ponha no forno por alguns minutos, e sirva bem quentinhas.

★ Um recheio rápido para ovos? Misture as gemas amassadas com ⅓ de xícara de qualquer recheio para sanduíches (queijo, patê, etc., etc.). Arrume dentro das claras, e espalhe por cima salsa picadinha (a quantidade do recheio foi indicada para 6 ovos).

★ Os biscoitos estão amolecidos porque estão velhos? Espalhe por cima canela e casca de laranja ralada. Cubra com uma mistura de mel e manteiga. Asse em forno quente, de 5 a 10 minutos. Uma gostosura!



OS PARAIBANOS FEDERAIS



Pereira Lira não gosta de José Américo, José Américo paga na mesma moeda, o banqueiro Drault Ernanny já foi mata-mosquitos, o deputado Alcides Carneiro discursa como um sabiá, Assis Chateaubriand é um sotaque internacional e o gal. José Pessoa foi buscar o sr. José Linhares, em casa, para fazê-lo Presidente da República. — Mas o paraibano mais completo que se conhece é mesmo José Lins do Rêgo: bravo, afetivo, sangue-quente e modesto.

Reportagem de MARCELO GUIMARÃES

A Paraíba produz agave, políticos, algodão, revoluções, açúcar, literatos e os seus abacaxis são os melhores e os mais doces do mundo. A «pequenina e heróica», ensanduichada entre o Pernambuco e o Rio Grande do Norte, tem dado, por todo o curso da nossa história, exemplos de bravura cívica e de grandeza humana. Os paraibanos se orgulham, com razão, do seu André Vidal de Negreiros, de Epitácio, de João Pessoa, de José Américo e de outras singulares expressões do seu patriotismo e da sua acurada sensibilidade política. Também em outros setores não menos importantes, na literatura, nas artes e ciências, os filhos da Paraíba têm representantes que são glórias autênticas, gente que merece admiração e busto, respeito e citações solenes. Os que aparecem nesta reportagem são apenas alguns, dentre inúmeros. Assis Chateaubriand, paraibano de Umbuzeiro e barão de Coberville, trata os conterrâneos por «cangaceiros» e tem advogado a extinção do seu Estado natal, por ser pequeno e plebeu. Os paraibanos não gostam e têm razão de sobra... Êles são, sim, telúricos por excelência. Mesmo federalizados, mesmo internacionalizados, traduzidos para o inglês e o hebraico, exibindo-se no Palácio de Buckingham ou nos cassinos de Monte Carlo, continuam paraibanos cem por cento. O mesmo sotaque, o mesmo comportamento, os mesmos sentimentos generosos, o mesmo espírito — um espírito que sabemos vigoroso e opulento, com algumas poucas exceções.
E vamos aos paraibanos famosos dêste país.

ALCIDES CARNEIRO

O pessedista rebelado

● Para muita gente foi uma surprêsa completa êsse Alcides Carneiro brilhante e audacioso, aparecendo assim de sopetão no cenário político nacional. Espanto nenhum para os seus conterrâneos e partidários de longa data, que o sabiam apenas num breve recesso, para estourar na hora oportuna e bem municiado de apoio e prestígio. Afilhado do famoso coronel José Pereira, genro de José Américo, cercado de parentela influente por todos os lados, o mais inteligente dos Carneiros está-se tornando, neste instante, o carneiro prêto da família. Outro dia quase derruba o sr. Nereu Ramos da presidência da Câmara, aceitando uma candidatura de combate. Faz depois um discurso-bomba na convenção nacional do PSD, instiga pronunciamentos de rebeldia de vários líderes pessedistas e ainda agora denuncia, numa entrevista sensacional, que o presidente da República faz manobras para assegurar-se a continuidade no poder. Alcides Carneiro fêz a campanha da Aliança Liberal e, vitoriosa a revolução, foi nomeado interventor no Território Livre de Princesa. Facilitou a fuga de Zé Pereira que, anos depois, costumava dizer aos amigos que vivia de ser padrinho do Alcides. Depois de 30 contentou-se com uma Curadoria de Menores, no Distrito Federal. Considera José Américo uma pedra no seu caminho: sempre aconteceu estar, em política, no lado oposto ao do sogro. Candidato a governador da Paraíba, ainda nessa campanha teve José Américo por adversário e foi derrotado. Antes havia sido candidato à Assembléia Constituinte, mas não teve êxito. Conseguiu, finalmente, vir à Câmara nesta legislatura, depois de ter passado pela presidência do IPASE, graças ao apoio do ex-presidente Dutra, de quem se considera amigo fiel. Lidera, hoje, uma corrente de pessedistas em oposição rasgada ao govêrno federal. Seu grande orgulho é a fama, que sustenta, de grande orador:

JOSÉ AMÉRICO

Já não sabe onde está o dinheiro



● Tôdas as fraquezas e descaídas que possam ser registradas no passivo do sr. José Américo de Almeida, ou simplesmente Zé Américo, não lhe poderão alterar a classificação de paraibano nº 1, que lhe dá a opinião pública dêste país. É que desde 1930 êle tem estado na crista dos acontecimentos fundamentais da nossa história política. E a sua própria história, afinal, é bastante rica para situá-lo entre as grandes figuras da nacionalidade. O chefe de Polícia de João Pessoa, o líder da revolução, o ministro, o governador, o candidato à presidência da República, o deflagrador do movimento de 45, o parlamentar, o romancista José Américo está hoje mais míope e mais desencantado no Ministério da Viação, nesta nova fase getulista da sua vida, mas ainda pode enxergar o Catete na linha do horizonte. Desde que voltou aos braços de Vargas, em 1950, depois de ter sido presidente da UDN e de encarnar o movimento de resistência à ditadura, muitos adeptos tem perdido José Américo. Todavia ainda há quem acredite nas fôrças da sua capacidade e da sua honestidade, sem levar em conta a fama de ambicioso e azarento que os adversários lhe atribuem. De uma coisa a nação está convencida: é de que o governador-ministro não sabe, realmente, onde está o dinheiro.

PEREIRA LIRA

O anti-José Américo

● O professor poderá ser visto, hoje, inofensivo e fácil, em qualquer lugar onde haja auditório para os seus desabafos ou «whisky» para a sua secura. Então êle estará metendo a ripa no sr. José Américo, seu maior inimigo, ou prometendo desmacarar os tartufos do poder. Pois o professor Pereira Lira, o «Cachimbão» derrotado da campanha paraibana, já foi um dos homens mais poderosos da República. Chefe de Polícia e, depois, chefe da Casa Civil do ex-presidente Dutra, pesam-lhe sôbre os ombros as chacinas do Largo da Carioca, no Rio, e de Campina Grande, na Paraíba. Na secretaria da presidência influiu enormemente na direção dos negócios públicos e contribuiu decisivamente para liqüidar a candidatura do sr. Nereu Ramos à sucessão de Dutra. Pereira Lira já representou a Paraíba na Câmara dos Deputados, chegando a secretário na presidência Pedro Aleixo. Na campanha senatorial encampou o apelido de «Cachimbão», explorou-o até o último grau do ridículo, mas hoje detesta a mais leve referência a respeito. Tendo sido lançado na política por José Américo, passou, em seguida, a odiar o antigo patrono. Entre outras compensações pelos serviços prestados à pátria e ao regime, ganhou um lugar no Tribunal de Contas. Dizem que tem bravura pessoal e é tido como um bom bebedor de «whisky». Justa ou injustamente, já foi um dos homens mais detestados do país. (Dissemos, na abertura desta reportagem, que a Paraíba também produzia abacaxis).



ASSIS CHATEAUBRIAND

O barão de Coberville

● De repente o «pernambucano» Assis Chateaubriand se lembrou de que nasceu na Paraíba e tanto fêz que conseguiu representar a sua terra, no Senado. Hoje é o vendaval do Monroe, onde propõe, entre outras coisas malucas, a extinção do Estado da Paraíba, para transformá-lo numa capitania de Pernambuco. De qualquer maneira, porém, êsse paraibano é um bicho. Nascido lá em Umbuzeiro, terra de Epitácio Pessoa, passou-se, estudante, para Pernambuco, meteu-se num concurso de Direito Romano e caindo aqui no Rio e no jornalismo acabou nessa coisa enorme que aí está: «Diários Associados», televisão, castelos, Jacques Fath, campanha da criança, laboratórios, ordem do vaqueiro, Coberville, etc., etc. Sua carreira na imprensa começou no «Correio da Manhã», para quem fêz, como repórter, a cobertura da guerra de 14. Aí entrou em contato com as grandes figuras da Europa, que conhece mais do que Umbuzeiro. . Estimulou, com a sua cadeia de jornais, o profissionalismo de imprensa, mas hoje paga pouco e mal aos seus colaboradores: 80% dos jornalistas brasileiros, entre os quais Orlando Dantas, Carlos Lacerda, Joel Silveira, Rafael Correia de Oliveira, Carlos Castelo Branco, Samuel Wainer e inúmeros outros, nasceram ou ganharam fama na redação dos «Associados». Foi, também, um grande estimulador do rádio e o pioneiro da televisão. Apaixonado da aviação, influiu decisivamente na criação do Ministério da Aeronáutica, e não consegue passar 24 horas em terra firme. O que ninguém lhe nega é a extraordinária capacidade de realização, a inteligência rutilante, o poder enorme que hoje exerce neste país e até fora dêle. Quanto ao mais, tudo é discutido a seu respeito. Honestidade, bons propósitos, quase tôdas as virtudes do caráter. Se neste terreno encontra advogados de defesa, a verdade é que uma grande corrente da opinião pública lhe faz cerradas restrições.

SIMEÃO LEAL

A cultura em cadernos



● Como na Paraíba tudo há de ter uma relação com José Américo, o nosso Simeão Leal nasceu na terra do dito (Areia) e é sobrinho do cujo. Mas, o seu Ministério é outro, o da Educação, onde dirige o Serviço de Documentação e faz coisas excelentes, a exemplo dos «Cadernos de Cultura». Médico que desistiu da medicina; ex-professor de História Natural, atual professor de jornalismo, Simeão Leal é figura conhecidíssima e estimadíssima nos meios literários do Rio. A seu respeito gostam de brincar que é um escritor sem livros, como o João Condé, mas êle já anuncia, para breve, dois trabalhos interessantes, enquanto vai estimulando e ajudando os escritores incorrigíveis. Como um bom paraibano, andou metido em revoluções (que lhe custaram muitos fios de cabelo) e como um bom mortal, gosta de «whisky and papo» nas horas discretas, pois é um chefe de família exemplar. Foi a Paris, voltou deslumbrado, e quer voltar para um «sejour» mais demorado.

ÍNDIO

O craque



● Índio, o meia-esquarda do Flamengo, é de Campina Grande, a mais importante cidade do nordeste. Uma das grandes revelações do futebol brasileiro, em todos os tempos. Foi do time juvenil do clube da Gávea, um dia apareceu num treino dos profissionais, mostrou logo bossa, passou para os aspirantes e em pouco tempo integrava o primeiro quadro. No tempo de Flávio Costa teve altos e baixos. Tímido e muito jovem, assustou-se com as espinafrações do «professor» e não rendeu o que podia. Nem conseguiu uma posição certa: ora jogava no centro, ora na meia, revezando com Adãozinho e Benitez. Com a ida de Fleitas Solich para o Flamengo, o craque paraibano acertou de vez. Hoje é um dos grandes do clube, artilheiro que molha a camisa durante os 90 minutos da peleja. Tem seu lugar garantido para a seleção brasileira que participará da Copa do Mundo.

JOSÉ SIQUEIRA

Rival de Vila-Lôbos



● O maestro José Siqueira começou como tocador de «pistão», na banda de Conceição do Piancó. Sentou praça na polícia e na banda de música da sua corporação atingiu o estrelato, como primeiro piston. Daí pulou para o Rio e conseguiu, depois de muito engenho e muita lida, passar a regente da cadeira de «Contraponto e Fuga», da Escola Nacional de Música. Ganhou um prêmio, foi à Alemanha, lá fêz um curso de especialização, voltou ao Brasil, funcionou como crítico, passou para a composição e hoje domina, de certa forma, um setor importante da música brasileira. Sua obra é quase tôda baseada em motivos folclóricos do nordeste: gravou, recentemente, em Londres, dois discos com histórias de Monteiro Lobato, declamadas por Margarida de Almeida e musicadas por êle próprio. Há algum tempo andou às turras com o maestro Vila-Lôbos, cujas «Bachianas» atacou de rijo. Na música popular brasileira José Siqueira e Vila-Lôbos estão em polos opostos.

Os paraibanos federais

JOSÉ LINS DO RÊGO

Menino de engenho

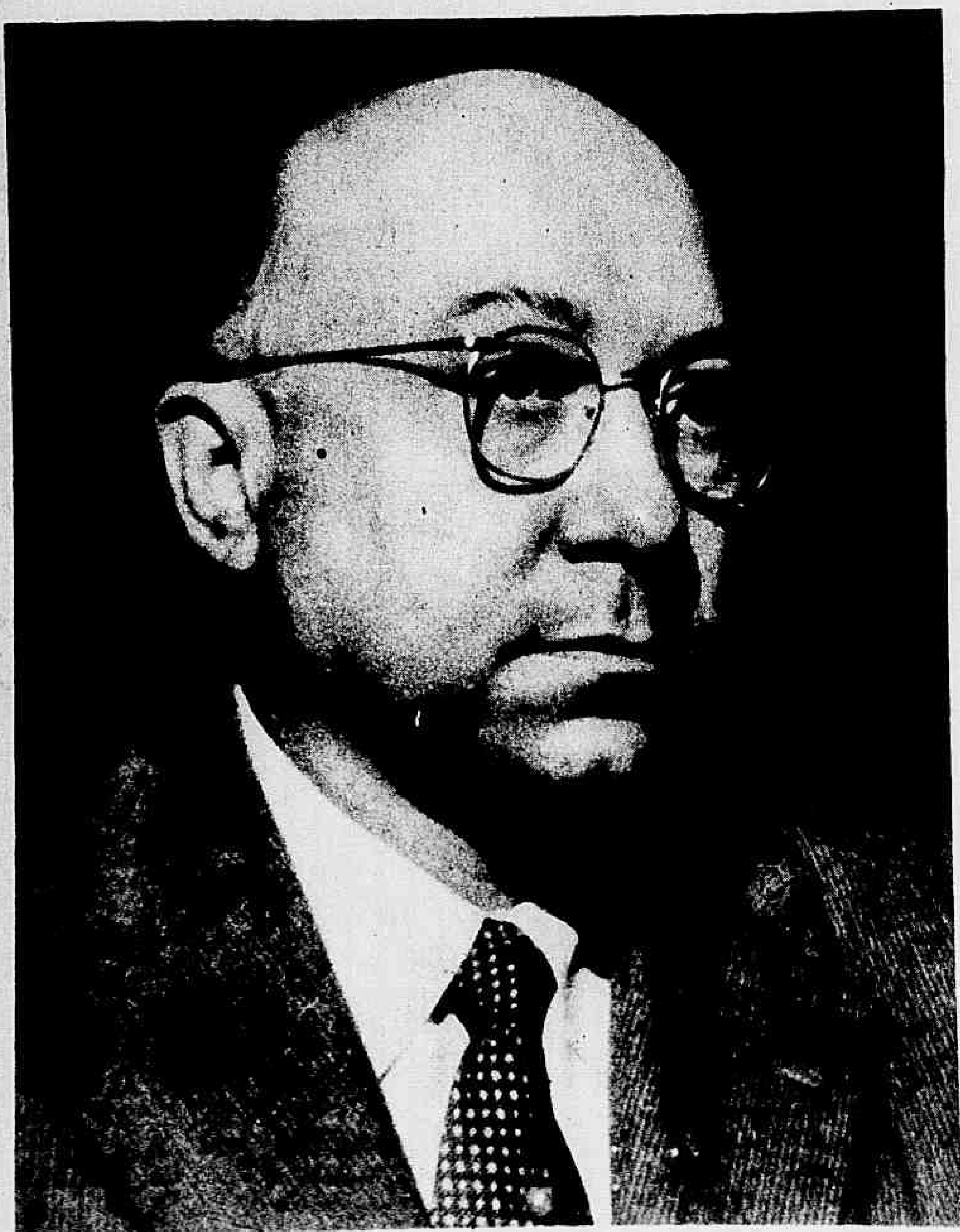
● **Aos 53 anos, famoso aqui e lá fora, o paraibano Zé Lins, glória literária da terra, continua sendo um menino de engenho: atrevido e destabocado. Filho do Engenho Corredor, no município do Pilar, já tem lá um busto que ainda mais lhe finca as raízes no solo natal. Essencialmente telúrico, tôda a sua obra de escritor espelha a paisagem social e humana da Várzea da Paraíba. E' êle o representante mais autêntico do «romance nordestino», e a crítica literária lhe destaca, sobretudo, as excelentes qualidades de narrador. As duas constantes da sua vida são a literatura e o futebol. Torcedor e dirigente esportivo, Zé Lins briga pelo Flamengo e se tem metido em várias encrencas futebolísticas, como aquela recente de Lima, que lhe custou novos inimigos. Mas, também briga por José Américo, seu grande amigo em todos os planos. Gostaria de entrar na política da Paraíba e chegou a ser falado para uma suplência senatorial. Fiscal do consumo que multa (mas defende a classe com unhas e dentes) e jornalista mal aproveitado, com tantas atividades êsse paraibano ilustre consegue estar sempre na ordem do dia. Sua ideologia política tem flutuado através do tempo, tanto que foi integralista em Maceió e, pelo caráter social de sua obra, chegou a ser apontado como comunista. Depois de José Américo, o seu maior amigo na vida literária foi Graciliano Ramos, que lhe faz as melhores referências nas suas «Memórias do Cárcere».**



MARECHAL JOSÉ PESSOA

o criador das Agulhas Negras

● Presidente do Clube Militar, no 29 de outubro de 45, o general José Pessoa compôs a comissão que foi convidar o ministro José Linhares para assumir a Presidência da República, com a deposição de Vargas. Em seguida distribuiu uma nota à imprensa para explicar, de uma vez por tôdas, que o Presidente não tinha renunciado coisa nenhuma, mas fôra deposto pura e simplesmente. Todavia, durante os debates sôbre a maioria absoluta o general apoiou a causa de Vargas, considerando a sua eleição líquida e certa. Irmão de João Pessoa, seu maior título é ter sido o criador da Escola de Agulhas Negras. Destacou-se na guerra de 14, tem muitas citações e condecorações. E' considerado um dos oficiais mais elegantes do exército brasileiro. Lê muito, possui uma excelente biblioteca e instituiu em casa um regime de educação inglêsa. Nutre um permanente carinho pelas coisas da Paraíba e admira José Américo, com reservas.



DRAULT HERNANY

o banqueiro ameno

● **Banqueiro, industrial, um dos futuros magnatas do petróleo, Dr Hernany, apesar das ricas e poderosas atividades que desenvolve paraibano de jeito ameno, sorriso fraterno e larga compreensão hu Tentado pela política, deu o braço a José Américo, na Paraíba, e suplente de senador — ou melhor, suplente do senador Assis Ch briand, a quem periòdicamente substitui na Câmara Alta. Sua est no Senado, foi ruidosa, e até hoje ainda se fala no espetacular disc com que, da sua cadeira de suplente de palavra franca, anatem os incorrigíveis processos dos «trusts» e cartéis que monopolizam no do inteiro a produção e o mercado do petróleo. Como o sensacional d curso do senador Drault Hernany defendia ponto de vista inteiram contrário às idéias do dono legítimo da cadeira senatorial que ocup aconteceu que, alertado, o sr. Chateaubriand voltou às pressas da ropa, onde se encontrava no gôzo de um dos seus deleites turísticos reocupou, quase que militarmente, o lugar que o suplente inconve te ia comprometendo...**

E' diretor do Banco do Distrito Federal, dos mais sólidos do país, e pr prietário da casa mais bonita do Rio depois da do embaixador Mor Sales: a Casa das Pedras, no Alto da Tijuca, onde já se hospedar algumas celebridades — entre as ditas, madame Chiang Kai Shek, q aqui estêve tentando consertar no morno clima carioca algumas br toejas de mau caráter.

Mas além de tôdas essas riquezas materiais, Drault Hernany é do de um tesouro fabuloso e sem preço: a sua própria história — a histó de um menino pobre e de um homem humilde que, até chegar aos p caros de hoje, vendeu bugigangas nas esquinas, foi mata-mosquitos servente de hospital.

Cinema

Noticiário

★ Os estúdios da Warner Bros., depois de produzirem algumas películas em terceira dimensão (sistema «polaroid»), acabam de aderir ao processo «Cinemascope», tendo entrado num acôrdo com a Fox, que é a produtora que tem a patente dêste sistema. ★ A United Artists prepara-se para apresentar uma série de novas produções: «O Ladrão Silencioso» (The Thief), película que apresenta uma inovação, não possui diálogos, foi produzida por Harry M. Popkin, com Ray Milland, o grande Martin Gabel e a estreante Rita Gam, sob a direção de Russel Rouse; «O Pequeno Mundo de Dom Camilo», com Fernandel e Gino Cervi nos principais papéis, direção de Julian Duvivier, celulóide francês que está obtendo grande sucesso no mundo inteiro a ponto de filmarem uma continuação, «A Volta de Dom Camilo», que será distribuído pela França Filmes do Brasil; «Ao Rugir da Tormenta» (Monsson), produção inglêsa em tecnicolor, com Diana Douglas, George Nader, Myron Healy e Ellen Corby, sob a direção de Rodney Amateau; e «Os Quatro Desconhecidos» (The Secret Four), dirigido por Phil Karlson, com Coleen Gray, John Payne, Preston Foster, produção da Associated Palyers & Producers.



NEWTON COUTO

O MAL SURTE EFEITO

COMO prova de que o mal também surte efeito, e como tal deve ser combatido, aí estão outras telas panorâmicas que o cinema Plaza e outros do circuito inauguraram, depois dos excelentes resultados financeiros obtidos pelos três Cine Metro. Como não podia deixar de ser, a Emprêsa Vital Ramos de Castro resolveu voltar com a sua tela panorâmica, sendo que desta vez, a mesma é um pouco côncava, fazendo a estréia com o filme da Paramount em tecnicolor "Sangari", filmado em duas e três dimensões (Sistema "polaroid"), e que deveria, naturalmente, vir para o Brasil no segundo sistema, mas que em virtude da "tapiação" dos Metros ter dado grandes resultados, foi apresentado no sistema antigo, projetado na tela panorâmica, que não dá relêvo algum, mas apenas uma impressão de maior amplitude, dada as suas dimensões. Com isso se viu prejudicado o público, que não assistiu essa película em terceira dimensão, e que, portanto, pagou e ainda pagará muito pela sua ingenuidade, aceitando essas famigeradas telas panorâmicas.

PAULETTE ROLLIN



● Vocês todos, por certo, se recordam de ter visto nas vitrines dos salões da vovó, essas figurinhas de porcelana finamente pintadas representando o marquês de tricórnio azul celeste, curvado numa reverência que deixa entrever suas mangas rendadas, diante da dama de porte gracioso, figurinha frágil de tez fresca e belos cabelos ondulados. Quase sempre ela traz uma gaiola dourada onde canta um lindo passarinho. E' essa encantadora personagem da lenda e da história que nos lembra Paulette Rollin, a fada cantora do «show» da «Boite» Bèguin.

● Ela corresponde com perfeição a essa descrição, mas, em verdade, incarna a figura do passarinho, cantando com a pureza e a simplicidade de um canário... E' essa a primeira impressão que nos dá sua voz de mousseline cinza, clara e turva por vêzes; é imbuída de uma naturalidade e de uma perfeita expontaneidade. Paulette Rollin canta como respira... com tranqüilidade que lhe estravaza da alma pelo olhar... Transformadas por uma interpretação, as palavras mais banais adquirem graça, tornam-se profundas, tudo ao seu bel prazer! Paulette Rollin, além de cantar em rádio, «boites» e teatro, também é de cinema, tendo feito vários filmes na França, inclusive as versões em francês de dois desenhos de longa metragem de Walt Disney: «Branca de Neve e os Sete Anões» e «Alice no País das Maravilhas».





PREMIÈRE

Richard Todd e Glynis Johns, (ao centro a espôsa de Richard) por ocasião da «première» de gala do filme em tecnicolor produzido por Walt Disney, «Entre a Espada e a Rosa» (The Sword and the Rose), realizada no Gaumont Theatre, Haymarket, Londres, e do qual os dois são os protagonistas principais. À direita, Miss Jadin Wong e Harry Ellis, intérpretes da película «Carnival Story», produção dos King Brothers, também assistiram a «première» de «Entre a Espada e a Rosa» que constituiu um acontecimento de relêvo no ambiente cinematográfico de Londres.



ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..............................

RUA.................... Nº.....

CIDADE..............................

ESTADO..............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

RESPOSTAS DA PÁG. 12

1 — Cidade central. 2 — Em Israel. 3 — Na Hungria. 4 — Em Fortaleza. 5 — Caveira. 6 — Tibre. 7 — Em Olinda. 8 — Na península da Itália. 9 — Legouvé. 10 — Homem Livre. 11 — A do Daibutsu de Kamarkura. 12 — Júpiter.

A TINTA

Stephens

AINDA É A MELHOR

LEIAM

A

CENA

MUDA

• NOVA

• MODERNA

• DIFERENTE

Preço: 4 CRUZEIROS

Tôdas as quartas-feiras



QUÉDA DOS CABELOS

Calvície precoce

JUVENTUDE ALEXANDRE

INSUPERÁVEL

Há cinqüenta anos



BELA E MEIGA A «MOÇA DE VÊNUS»

(Cont. da pág. 31)

«O POVO DE VÊNUS É AMIGO»

Adamski, que se sentia como uma criança diante de um sêr superior, pôde saber, então, que o povo de Vênus era amigo e que a vinda daquele venusiano à Terra, tinha sido em resultado de explosões atômicas, cujas nuvens rádio-ativas tinham afetado o espaço interplanetário. Sejamos todos amigos, manifestou Mr. Adamski, e demos as boas-vindas aos que vierem de outros mundos. Aproveitemos dos habitantes de outros planêtas o que êles têm de mais sábio, de maior experiência a nos ensinar.

Ao final dêsse encontro, Mr. Adamski mostrou desejos de bater uma fotografia do visitante, pelo que lhe pediu permissão; mas o venusiano se esquivou e o repórter não insistiu. O sr. Adamski já tinha ouvido, há anos, que há sôbre a Terra alguns habitantes de outros planêtas; se a foto dêsse habitante de Vênus fôsse divulgada, com certeza seriam identificados outros seus compatrícios, o que traria sérias complicações para com os «invasores» dêste mundo sub-lunar.

Perguntou-lhe, por fim, Mr. Adamski, se êle havia levado algum habitante da Terra em seu «disco-voador». O venusiano achou graça, tendo respondido com um aceno de cabeça, sinal que bem poderia ser afirmativo. Depois disso o homem que veio das regiões interplanetárias retomou seu aparelho e partiu, deixando em Mr. Adamski uma espécie de saudade daquele gentil representante da espécie humana... de outro planêta.

A HISTÓRIA COMEÇOU EM 1947

O nosso amigo Adamski acha que não é autoridade em assuntos astronômicos; mas, desde muito tempo acha êle que é um fato a existência de habitantes noutros mundos, e que, lògicamente, devem ser indivíduos muito parecidos com os «terrestres». Infelizmente a lógica de Mr. Adamski é frágil. Se, em verdade, há habitantes em Vênus, tais indivíduos não podem ser parecidos com os humanos dêste planêta. Não há em Vênus oxigênio livre, como o há na Terra. Aquêle mundo sideral está ainda na sua infância, como estêve a Terra há milhões de anos. A vida em Vênus, está, pois, apenas se iniciando. Mas, se há vidas ali, devem ser como «habitat» mares muito quentes, e se parecerão com tritões, e não com um Mr. Adamski. Entretanto ninguém pode contestar que êle tenha mesmo visto um venusiano. Talvez tenha tido êle alguma experiência mística.

A história dos «discos-voadores» começou em 24 de junho de 1947, quando um comerciante, voando em seu aparelho particular nos céus do Estado de Washington, afirmara ter visto «um disco-voador em forma de pires, com imensa cauda de umas cinco milhas de comprimento sôbre altas montanhas. Brilhava ao reflexo do sol, e sua velocidade era espantosa». Logo que tal notícia foi divulgada pèla imprensa, tomou conta do país.

A Fôrça Aérea Americana iniciou investigações oficiais e certos comentários conduziram a coisa para os lados da possibilidade. O assunto começou a empolgar. Todo mundo começou a ver «pires-voadores» nos céus da América, a qualquer hora do dia. Entre 1947 e a metade de 1952, nada menos de 1.157 pessoas asseveraram ter visto os estranhos aparelhos voadores. Para Desmond Leslie, o novelista-colaborador de Mr. Adamski, tais discos não constituem novidade. Essa história de engenhos a voar nos espaços intersiderais é velha como a própria humanidade.

Dizem as velhas crônicas dos indianos que os «carros celestiais», os «vimanas» também vinham dos céus para a Terra, e a mitologia está repleta de visões dêsse teor. Por isso, os «discos-voadores» não são novidades criadas pela imaginação do século XX. Todos sabem que o livro de Leslie e Adamski, embora não tenha caráter científico, diverte e nos faz lembrar aquelas velhas narrações de Alice, Branca de Neve e os Sete Anões, e tantas outras que os maiores relatam às crianças, apesar dos progressos do século da energia atômica.

IMPÉRIA

(Cont. da pág. 35)

Roma assiste indiferente: o teor de vida da magnífica Impéria é, decisivamente, imoral, mas ninguém se admira, nem se escandaliza. Além disso, ela não é senão uma cortesã. Quem pode imaginar que, no fundo do coração, ela sofre? E que ela, a senhora dos mil abraços, aquela que, quando perguntaram quantos amantes tinha, alguém respondera: «é possível contar-se as estrêlas?» Agora, sofre por cada beijo que não seja dado a Angelo. No entanto, é o que acontece: até mesmo sua apuradíssima ciência do prazer, arte voluptuosa que enlouquecera tantos homens, lhe pesa agora... aumenta-lhe o sofrimento não poder oferecer ao amor a alma e o corpo virgens de todo contacto; desejaria poder aprender tudo com Angelo, beijo por beijo, carícia por carícia.

Continua automàticamente sua vida, entre o amor e suas relações obrigatórias com Chigi. Êste percebera logo que a cálida intimidade, que até então lhe oferecera Impéria, acabara-se.

Não se lhe recusa, é sempre uma amiga, mas êle, que é muito experiente com as mulheres, percebe logo a situação. Chigi não é o pálido Beccuto, mas um inteligente filósofo do Renascimento e desculpa, perdoa, compreende e quer bem a Impéria; por isso, continua a pagar suas contas, e a aparecer com ela por tôda parte. Talvez êle próprio, como todos, acredite ser um capricho efêmero? Ou está já desprendido dessa deusa que colocou em sua vida mais por vaidade do que por amor?

Angelo e Impéria se adoram. Vivem o seu sonho, esquecidos do mundo que os cerca; mas logo vem uma sombra ameaçar o encantamento da linda paixão. Alguém sussura que a mulher de Angelo, com êle casada há dez anos, informada pelo irmão, o cardeal De Cuppins, da relação do marido, chegara a Roma e fizera um barulhão. Impéria nota que Angelo está diminuindo o ritmo dos encontros, ainda que sempre se mostre igualmente apaixonado. Então, varre-lhe a mente um projeto louco, ardente de amor. Expõe-no a Angelo, que repousa em seus braços, saciado de carícias.

(Continua no próximo número)

Quando São Paulo festeja seu 4º centenario

O Decano dos jornais paulistas

CORREIO PAULISTANO

comemora
100 anos
de atividade
ininterrupta

1 Século de tradição a serviço do Brasil

Garantindo um apreciável volume de negócios, porque circula num meio de alto poder aquisitivo





UM PERIGO EM CADA MERGULHO! Existe um provérbio escocês que diz: "[illegible] vezes o escafandrista vai ao fundo [illegible] delas fica". Indiscutivelmente, [illegible] todas as profissões esta é uma das mais [illegible] perigosas. A que profundidade pode [illegible] trabalhar servindo-se do escafandro [illegible] vida? Nisto influem os mais diversos fatores, entre eles, o estado físico do mergulhador. É sabido que, em recente experiência, [illegible] ingleses desceram até o submarino [illegible] afundado no mar do norte numa operação [illegible] do navio, naufragado há 4 ou [illegible] profundidade superior a 200 metros. Pa[illegible] de um novo tipo de escafandro, [illegible] seguro. O escafandrista que [illegible] fotografia é o sargento Vieira, de 35 [illegible] que com os aparelhos que possui desce até sessenta metros. Ganha cerca de 4 mil cruzeiros ao mês e trabalha seis horas por dia.

OS "BARNABÉS" PERTO DÊLES SÃO REIS

AS PIORES PROFISSÕES DO RIO

O bombeiro enfrenta as chamas em troca de 900 cruzeiros mensais e o lixeiro (2.600 cruzeiros por mês) começa a cheirar mal às duas e meia da madrugada ★ Os sortilégios do mar escravizaram a miséria do pescador, e é o coração quem puxa o carrinho do velho carregador (65 anos de idade e 40 de «batente») Antônio de Souza Cerqueira ★ Para o cobrador dos bondes da Light a vida é implacàvelmente um trapézio.

Reportagem de HÉLIO ABREU **Fotos de ARNALDO VIEIRA**

QUEM foi que inventou o trabalho? — (Calma, não queremos matá-lo) — Ninguém o sabe. Mas o homem da caverna (que não pagava aluguel) trabalhava apenas em função do estômago e seus esforços maiores eram dedicados a caça de pequenos animais e aves, ou a busca de raízes e cascas de árvores de duvidoso valor nutritivo. O próprio índio (que manda em sua choça) dispende, ainda em nossos dias, grande parte de suas energias na caça e na pesca, deixando às mulheres (que não mandam nada) os mais pesados trabalhos da taba, o que nos leva à seguinte conclusão: Quanto maior o grau de civilização do homem, mais êle trabalha. Duvidamos que os marinheiros de Cabral trabalhassem mais que o luzitano de nossos dias, aquêle que puxa, de sol a sol, o carrinho de mão que o povo denominou de "Burro sem Rabo". Mesmo os pescadores de pérolas dos mares do sul, que nos mister a que se dedicam usam, ainda, os mais primitivos processos, trabalham uma média diária de 1 ou 2 horas, não mais, contrastando com o escafandrista de hoje, que tem mesmo de mourejar durante seis ininterruptas horas, a fim de ganhar o pão de cada dia.

Esta reportagem trata, justamente, das mais difíceis e menos rendosas profissões do Rio de Janeiro. Nela buscamos retratar uma faceta diferente da cidade, bem como homenagear as mãos que emprestam à metrópole o toque mágico de sua vida e de seu progresso. Aí vão, pois, "As Piores Profissões do Rio".



AGUENTA FIRME, CHICÃO! Tá-ta-ta-ta-ta, e lá vai o Francisco da Silva Filho, o dia inteiro, com a sua «metralhadora» pesada. Chicão é carioca de nascimento e tem 37 anos de idade. Trabalha há sete na Light, onde ganha Cr$ 87,00 por dia. Arrebenta o asfalto durante 8 horas diárias e é aquilo que se pode chamar de «operário especializado», uma vez que o manejo da perfuratriz tem, também, seus segredos. Perguntado pela reportagem se gostava do seu trabalho, respondeu: «Estou satisfeito. A grana vai dando e, o mais importante é que tenho cinco «bacuris» em casa, para sustentar. Sou carioca da gema, mas sei enfrentar o «batente», ao qual nunca faltei a não ser em caso de doença. O trabalho é danado, mas a gente vai-se acostumando, e o tempo ensina muita coisa. Meu primeiro emprêgo no Rio foi o de ajudante de pedreiro. Aquilo também era de amargar. Hoje sou um homem feliz, com mulher e cinco filhos».



NÃO É CABIDE, MAS VAI PENDURADO. Esta a sorte do condutor de bondes. Êste, da foto, é Gelson Pereira, do Distrito Federal, de 34 anos de idade e 15 de Light. Recebe um salário nunca superior a Cr$ 112,00 ao dia, mas pretende melhor de vida assim que a coisa melhorar (para a Light ou para êle?) Porfia diàriamente uma média de 8 horas, sem contar os extraordinários, que às vêzes faz. Falando ao repórter, disse: «Sou um homem de paz e não desejo outra coisa que não seja tirar do trabalho o pão de cada dia. Vou, de balaústre em balaústre, catando os níqueis dos passageiros a quem sirvo com cordialidade e mesmo afeto. Tenho, entre os que se servem de meu bonde, verdadeiros amigos, como, por exemplo, o dentista Homero Gomes, a quem conheci há mais de 10 anos, e que ainda hoje traz trocado o dinheiro da passagem, para não me dar trabalho. Faça chuva ou faça sol, firme estou no «ofício», do qual gosto e tiro o pão da família».



NÃO SE TRATA DE CHANEL 5, mas sim de odor de lixo. Êste o «perfume» usado e cheirado pelos humildes, porém eficientes e abnegados funcionários encarregados da limpeza pública. Entre as muitas profissões «piores», julgamos ser a de lixeiro a que ocupa o primeiro lugar. Quanto percebe um dêles? Ao fim de cada mês a pagadoria da Prefeitura Municipal entrega Cr$ 2.600,00 a cada um. O da fotografia é Antônio da Silva, um carioca de 29 anos e que há seis se encontra cuidando da higiene da «Cidade Maravilhosa». Trabalha de mais para o pequeno salário que recebe. Levanta tôdas as madrugadas, às 2,30, e sai, com lua ou com chuva, cidade a fora, rua após rua, no mais difícil dos misteres. Ser lixeiro é ter estômago forte e alma humilde; é ganhar pouco e trabalhar demais (as vêzes 16 horas por dia) sem qualquer aumentozinho para estimular. Antônio da Silva, discorrendo sôbre a profissão que abraçou, disse: «Safa! Negócio duro!»



O SOLDADO DO FOGO TRABALHA DE GRAÇA, é a conclusão a que se chega quando se aprende que um bombeiro ganha Cr$ 1.220,00, que, com os descontos, descem a Cr$ 900,00. Na foto aparece o soldado nº 1.271, José da Silva Neto, natural de Maceió, Alagoas. Indagado pelo repórter, nada quis declinar sôbre a profissão que adotou, limitando-se a dizer: «Não devo falar a ninguém sôbre os problemas do Corpo de Bombeiros, pois não os conheço. Para maiores esclarecimentos queiram os senhores procurar o sr. comandante». Não foi Silva Neto quem nos falou sôbre os baixíssimos, os irrisórios vencimentos pagos aos valentes soldados do fogo. Do próprio comando foi que soubemos o quanto ganha um soldado de 2ª classe. Cr$ 900,00... Convenhamos que é muito pouco para quem arrisca a vida em cada incêndio.



POR MOTOR, O CORAÇÃO. O carrinho de mão (que o povo batizou de «Burro sem Rabo», caracteriza bem aquilo que se pode chamar de trabalho pesado. Antônio de Souza Cerqueira, na foto acima, é português de nascimento e brasileiro de coração. Puxa carrinhos desde 1913 e, antes de vir para o Brasil, já residiu em Nova York, onde aprendeu o inglês que ainda hoje «arranha». Quanto ganha o homem no difícil mister que escolheu?

E' êle quem nos fala: «Quando eu tinha saúde e era mais moço (tenho 65 anos) conseguia do meu trabalho mais que o suficiente para viver. Hoje, entretanto, estou velho e doente, e o meu coração, que é o verdadeiro motor que faz mover o carro, já anda desgastado e parece não ter mais consêrto. Mas, um homem novo e com saúde pode fazer um salário superior a 6 mil cruzeiros.



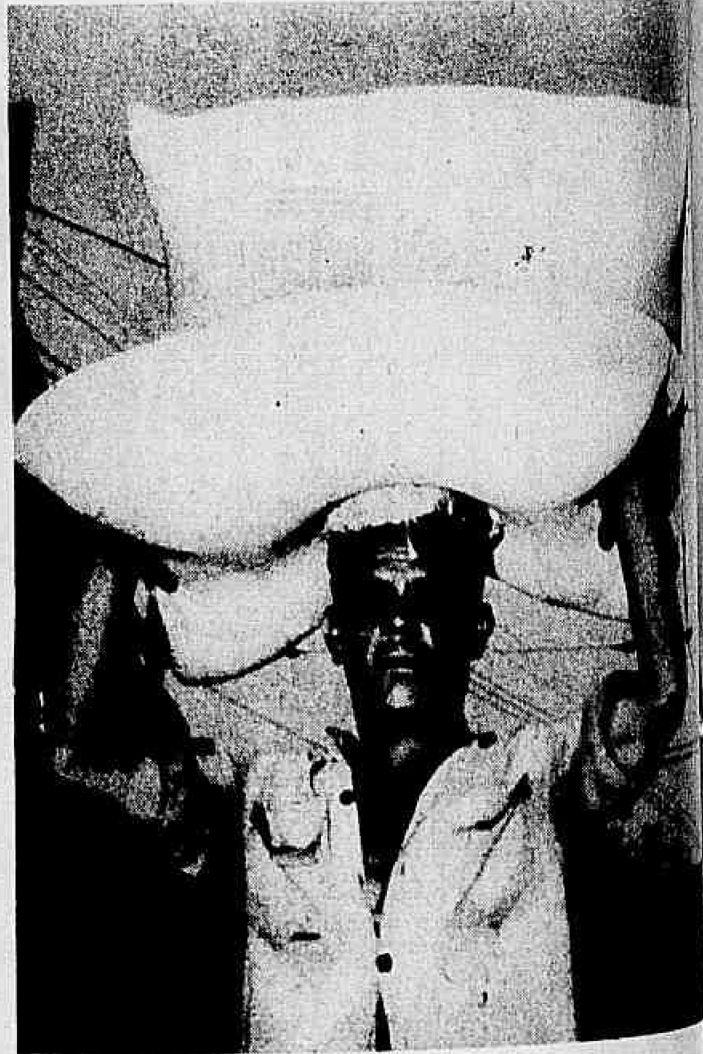
SALVA A VIDA DOS OUTROS MAS NÃO [illegible]LHORA A SUA, êsse o paradoxo que marca a [illegible] da enfermeira nacional, que, depois de conc[illegible] curso secundário, ainda tem de enfrentar 3 anos [illegible] Escola Ana Neri ou da Cruz Vermelha Brasileira [illegible]ra conseguir o diploma. No flagrante acima, [illegible]fermeira Blenda, do Hospital dos Servidores do [illegible]tado. Ela pertence a classe 1, percebe 2.90[illegible] cruzeiros ao mês e, quando em serviço diurno, [illegible]balha no geral mais de 6 horas. A tarefa notur[illegible] mais cansativa, pois nela a enfermeira dá, nada [illegible] nada menos que 10 horas de ininterrupta assis[illegible] ao hospital. Blenda, apesar dos vencimentos [illegible]simos, não está mal satisfeita com o H.S.E. e [illegible] da profissão que adotou. Não desejou, porém, [illegible] declarações uma vez que, como funcionária pú[illegible] sòmente poderia falar com permissão de seu dir[illegible]



QUEBROU PEDRA EM SÃO DIOGO... Quem não conhece esta expressão, empregada profusamente para designar alguém bastante sofrido na vida? Quebrando pedra em São Diogo — aquela pedreira que fica ali, ao lado da gare de Pedro II — está, há mais de 5 anos, Sebastião de Oliveira Felicíssimo (é sobrenome), um paulista de Araraquara que, não se sabe como, veio parar nestas bandas, em 1940. Aos 38 anos de idade, Sebastião vive quebrando pedras e desenganos, ora triste, ora alegre, como êle mesmo disse. Quanto ganha? 76 cruzeiros por dia, com sol ou chuva e olhe lá. E' casado e tem 11 herdeiros Como vivem? Claro que dos Cr$ 76,00 que papai recebe arrebentando pedras, pedregulhos e pedrinhas. Como o dinheiro é curto, Sebastião, aos domingos, se tranforma em ajudante de barraca da feira, onde se consegue mais uns trocados.



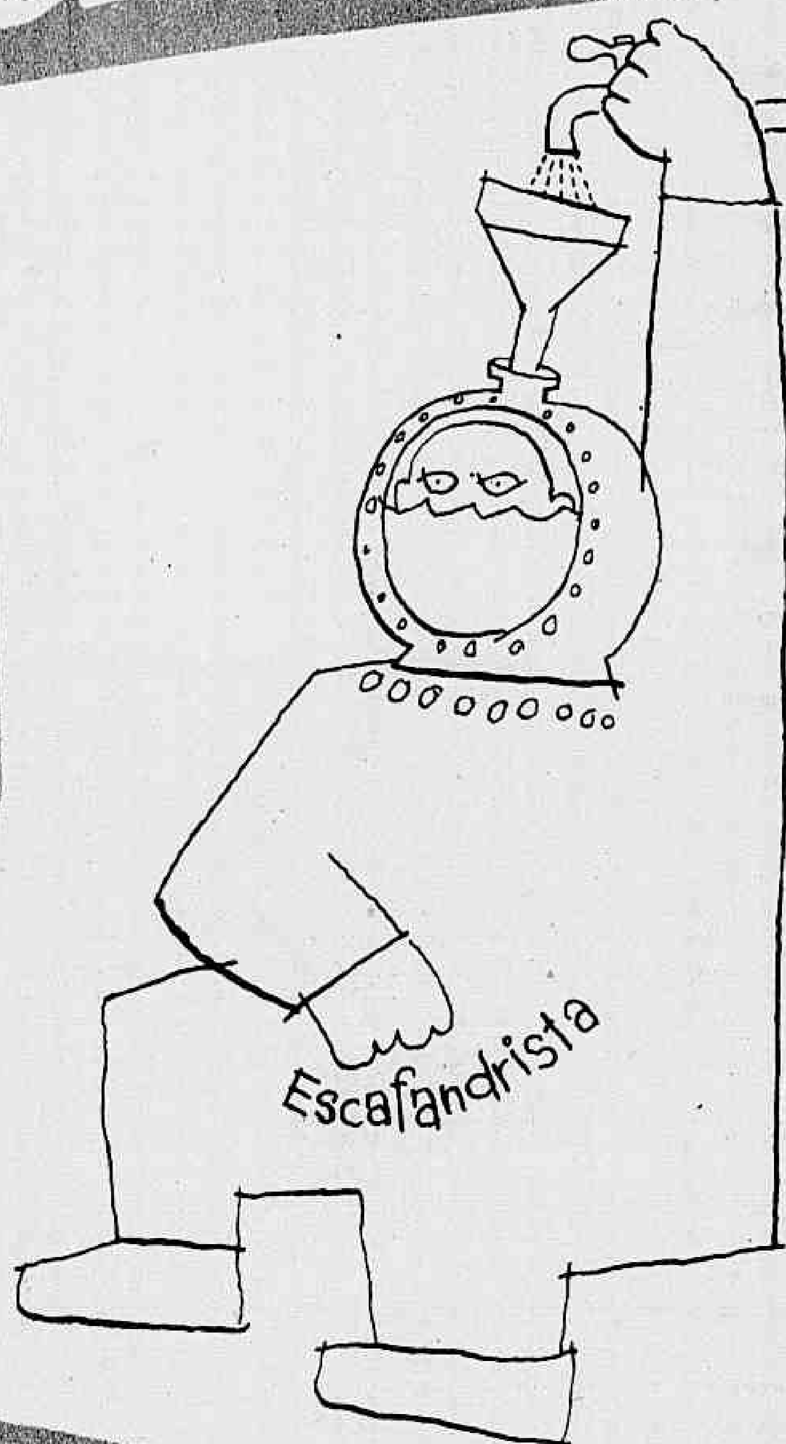
E' DOCE MORRER NO MAR (diz a canção de Caymmi). Mas perguntamos nós: «E viver no mar, também é doce?» Miguel Gomes de Brito, na foto, diz que não. Miguel é brasileiro, filho de portuguêses. Dos seus bem vividos (e sofridos) 65 janeiros, 45 foram decididos ao mar, como pescador de tôdas as águas (inclusive as turvas). Mas não conseguiu amealhar até hoje mais que o necessário para não morrer de fome. E' casado e pai de 4 filhos. Empreende, como simples tripulante de barcos, de três a quatro viagens por mês, ganhando em cada uma delas não mais de 300 cruzeiros... Por isso não fôsse o peixe (que êle leva pra casa), e não mais existiriam os Gomes Brito. Não pode mais viver longe do oceano, mar imenso com suas lendas e segredos. «Se algum dia tiver que me afastar do mar — é êle quem nos fala — tenho certeza de que morrerei?»

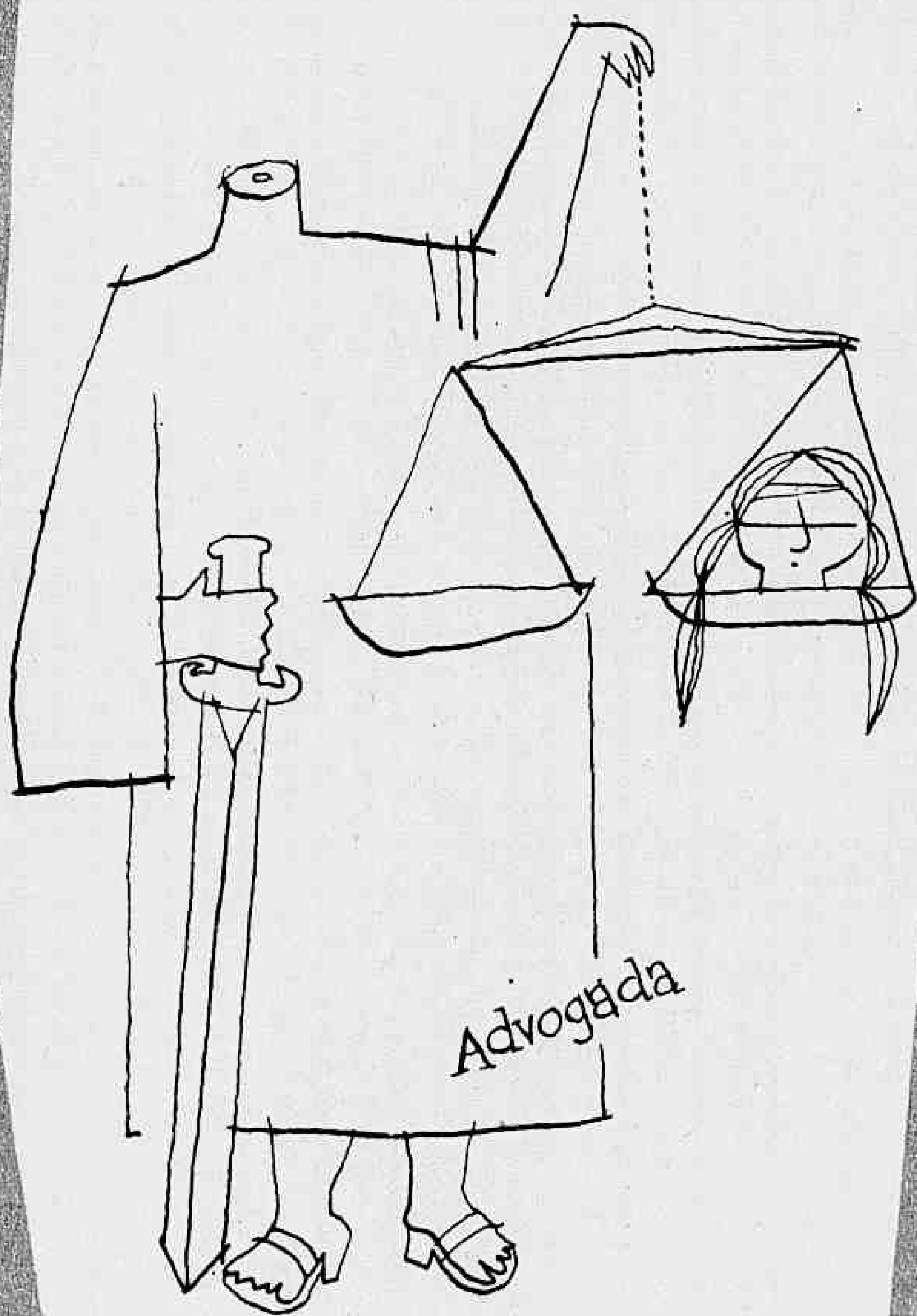


CARREGA 120 QUILOS, GANHA Cr$ 50[illegible] (por dia) E E' FELIZ. Irênio de Oliveira, natural [illegible] Angra dos Reis, Estado do Rio, é ajudante de ca[illegible]minhão. Tem 26 anos e está há quatro no Distr[illegible] Federal, onde ganha Cr$ 50,00 por dia, mas n[illegible] trabalha nos domingos e feriados. Começou car[illegible]gando 45 quilos, mas progrediu e, hoje, suporta m[illegible]mo dois enormes sacos de 60 quilos cada. Indaga[illegible] pelo repórter sôbre como encarava a sua profiss[illegible] declarou: «Sou um homem solteiro. O pouco que [illegible] nho vai dando para as despesas e, como o sen[illegible] sabe, a gente tem de seguir aquêle lema que [illegible] que o pobre vive de teimoso que é. Comecei a tr[illegible]balhar, sempre no pesado, em minha cidade nat[illegible] Lá ganhava uma média de Cr$ 15,00 diários, po[illegible] a vida era muito mais barata e a «gaita» dava m[illegible] ou menos para tudo. Aqui no Rio a coisa está brab[illegible]

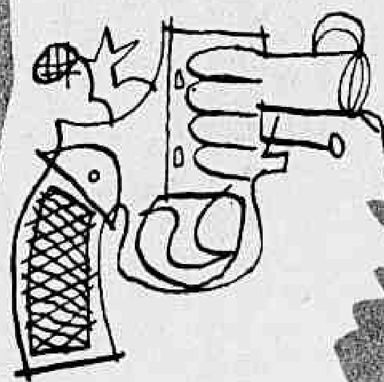
Suicidios











CARLOS THIRÉ

Novas revelações no "Crime do Cosme Velho"

IMPRESSIONANTE A DUPLA PERSONALIDADE DO MAJOR

A viúva ao major assassinado faz ao repórter da REVISTA DA SEMANA revelações sôbre os antecedentes do discutido crime ★ A dupla personalidade do oficial: o tímido e o brutal ★ São apenas cinco os propalados trinta milhões de herança ★ Os vizinhos pagaram o entêrro ★ Detalhes.

Reportagem de WILSON MACHADO

O major Hélio de Melo Carvalho numa fotografia tirada em sua residência no ano passado.

O CRIME

Na noite de sexta-feira, dia 6 último, o major do Exército, Hélio de Melo Carvalho era assassinado a tiros e facadas no jardim de sua residência, à rua Cosme Velho 145, pelo seu próprio motorista, Elias Pedro de Alcântara, empregado há apenas um mês naquela casa.

Vítima de um ciúme doentio, o major julgava que sua espôsa o traía com aquêle serviçal, gerando-se então a tragédia. O major Hélio, homem de largas posses, possuía dois automóveis, um para seu uso e outro para a espôsa, Dona Vera de Carvalho. O assassino era natural do Pará e fôra apresentado àquela família. Naquela sexta-feira, chegando em casa à noite, o major Hélio soube pela empregada Geraldina que sua senhora saíra de automóvel. Dona Vera sòmente chegou cêrca das 22 horas. O marido recriminou-lhe a demora, interpelando o motorista Elias. Patrão e empregado passaram a discutir. Tanto um como outro se inflamaram até que o militar, sacando de um revólver, tentou alvejar o empregado. Êste, mais ágil, desarmou o patrão, alvejando-o mortalmente. A reportagem que abaixo se segue apresenta aos leitores um impressionante relato de Dona Vera de Carvalho sôbre a história da tragédia e os seus antecendentes.

AINDA é recente o chamado «Crime de Cosme Velho», no qual o major do Exército Hélio de Carvalho foi abatido a tiros de revólver pelo seu próprio motorista, no jardim de sua residência. Dois dias após o crime, o empregado, que estêve foragido, apresentou-se às autoridades. A espôsa do oficial, dona Vera de Carvalho, que chegara em casa poucos instantes após verificar-se a tragédia, encontrara o marido já quase sem vida, esvaindo-se em sangue. Dias mais tarde, comparecia ela em cartório a fim de prestar depoimento. Seu relato, conforme a imprensa divulgou amplamente foi dos mais impressionantes que se tem ouvido em matéria de relações passionais. Embora sob relutância, d. Vera fêz revelações tramendas de uma longa vida comum na intimidade. E aos poucos, em cada frase pintando a figura do marido, pintava na realidade a figura de um monstro, possuidor de uma dupla personalidade. Dias mais tarde, entretanto, depoimentos de outras pessoas, parentes do marido e também um ex-motorista da confiança do major, começaram a lançar suspeitas sôbre d. Vera, suspeitas que ganhavam corpo pelo fato, hipotético, de que ela ficaria herdeira de cêrca de trinta milhões de cruzeiros.

Agora, enquanto prossegue a faina policial, que explicará o famoso caso, a reportagem da REVISTA DA SEMANA procurou ouvir dona Vera, obtendo, então, completo relato sôbre os antecedentes, inclusive os mais distantes da tragédia consumada no bairro do Cosme Velho.

O LOCAL

Fica vizinho à estação do trenzinho do Corcovado. Altos muros cercam a residência que não é pròpriamente uma mansão, mas uma casa reformada que se esconde por trás dos paredões. Caía uma chuva densa e o repórter mergulhou às pressas no interior da casa. Dona Vera em pessoa veio à porta. Blusa preta e um «slack» também prêto acentuavam o semblante moreno da viúva.

Na sala, sua genitora e os cinco filhos, todos menores, que se retiraram em seguida para o interior da casa, ficando apenas a viúva, o advogado Arcilino Pessoa, mais um amigo da família do que cau-



Outro flagrante de D. Vera, quando, dias após o assassinato de seu marido, depunha na Delegacia. A mocinha que se vê ao lado é sua fi-



D. Vera de Melo Carvalho, espôsa do major assassinado pelo motorista Elias, é procurada pela reportagem no dia do sangrento episódio. Vêem-se ainda, no flagrante, as suas duas filhas.

sídico. Não encontramos ali, é necessário dizer, a tristeza pela ausência de um ente querido que parte, mas simplesmente o alívio de quem acorda de um sonho pavoroso.

Nota-se que a viúva do major já foi uma mulher bonita. Seu sorriso é simpático em meio à face marcada de dramas. Não reluta mais em revelar abertamente tôda a sua vida com o major Hélio, mesmo os detalhes totalmente íntimos. «Muito repórter já corou, ouvindo minhas explicações», confessou dona Vera, «mas sou forçada, creia, a fazer isso, para fixar a personalidade impressionante de meu falecido marido».

Mas contemos como tudo começou:

CRIADA PELO PADRINHO

D. Vera nasceu no Rio de Janeiro. Cedo, perdeu o pai passando a ser criada pelo padrinho que tudo lhe dava, fazendo-a crescer num ambiente de respeito e honestidade, cercada de todo carinho. Estava então no «Colégio Anglo-Americano», onde fêz o curso ginasial. Pouco depois perdia o padrinho. E deixando a «vida de santuário», que segundo ela, era a casa do seu protetor, tivera que enfrentar a vida.

Conhecera o major Hélio alguns anos depois, então um jovem e impetuoso tenente. O namôro e o noivado não duraram mais do que três meses, casando-se logo a seguir, indo viver num apartamento em Ipanema. Não se casaram na igreja, diz ela, porque o marido se confessava ateu e não se interessava pela união religiosa. Bastava o contrato civil. Conta que desde os primeiros dias de casamento começara a perceber o comportamento de seu marido, que qualificou de violento, irascível e vítima de arroubos inesperados, que a deixavam vexada. Sofria espancamentos, de um dos quais nos exibe a cicatriz na arcada do ôlho direito, que levou-a, segundo narra, a quase perder a razão.

VIZINHOS EM POLVOROSA

Segundo dona Vera, a formação moral de seu marido já veio de berço, produto de uma educação onde não houvera carinho e de um casamento fracassado. Desquitados, pai e mãe do jovem Hélio passaram a levar vidas diferentes e livres. Natural do Rio Grande do Sul, Hélio viu-se muito cedo lançado aos azares da vida. Aos quinze anos, deixando Pôrto Alegre, participava da revolução de 1924 em São Paulo. Segundo confessava à sua mulher, no comêço tinha mêdo de participar da luta, mas em seguida ficava dominado por qualquer fôrça e tinha ímpetos de matar, descarregando a metralhadora numa volúpia de dar tiros.

Essa volúpia, acentuava a viúva, continuando sua narrativa, com uma calma impressionante, continuou por tôda a sua vida. Em casa nunca tinha menos que meia dúzia de armas. Tinha o hábito de treinar tiro ao alvo através mesmo das janelas da residência, alvejando os muros, o que provocava contínuos sobressaltos entre os vizinhos. Por outro lado, a anormalidade sexual ia-se acentuando cada vez mais à medida que passavam os anos. Dominado por sucessivas alucinações (revela dona Vera) êle queria obrigar a mulher viçais da casa. Em três ocasiões à infidelidade com os próprios serdiferentes ela procurou recorrer ao desquite e três vêzes voltou atrás na esperança de uma recuperação moral do marido, tendo em vista, sobretudo, os filhos do casal. Mas foi tudo inútil, confessa-nos agora. Dia a dia entre as verdadeiras loucuras praticadas «pelo tirano» ela observava os perigos a que se vinha expondo a formação dos seus cinco filhos, testemunhas aterrorizadas do comportamento do pai. Desde a algum tempo antes da morte dêste, os garotos já deixaram mesmo de freqüentar a escola, envergonhados com as histórias que corriam em tôrno da vida do major.

A DUPLA PERSONALIDADE

Quando não atacado da anomalia brutal, era homem tímido e até lírico. Dona Vera exibe-nos uma das inúmeras cartas que o marido costumava remeter do gabinete onde trabalhava, para ela em casa, por um mensageiro. Eram cartas simples, escritas de próprio punho, em têrmos de amor de marido para mulher, e que fariam sombra ao mais enamorado dos missivistas.

Quando, entretanto, sobrevinham os acessos brutais, o major se modificava inteiramente, «virava um tipo boçal», como nos disse a viúva. O homem não conseguia articular a frase mais elementar. «Enfim, suspirou ela, a ciência explica claramente tais anomalias».

CINCO E NÃO TRINTA MILHÕES

Sôbre os propalados trinta milhões que o major Hélio Carvalho teria deixado de herança, não passam na verdade de apenas cinco milhões em bens imóveis. Revela ainda dona Vera que as despesas com o entêrro do marido, por falta de dinheiro sonante, na ocasião, foi garantido com a cotização de amigos e vizinhos da viúva, muitos dêstes gente pobre que apreciavam e conheciam os sofrimentos da senhora.

Por fim, refere ela ao repórter, que não teme a campanha que os parentes do major estão tramando contra ela, pois tem a consciência tranqüila, e os treze anos de tremendos sofrimentos e experiências já lhe ensinaram a manter uma calma superior. De tôda essa lama em que está sendo jogada, sublinha a viúva, espera pelo menos salvar os seus cinco filhinhos.



Estas armas, encontradas no solar do Cosme Velho, pertenciam ao major Hélio de Melo Carvalho e foram apreendidas pela perícia policial.

A Semana em Revista

CARTAZES


BARRETO PINTO

● A cidade vive dos que vivem nela. E os que vivem nela, de que viverão? De muita coisa, é claro. Há os que vivem do trabalho honesto, os que vivem de negociatas, os que vivem, simplesmente. De uns tempos para cá, embora o processo seja antigo, entrou em moda viver de atitudes. A atitude, às vêzes cheia de segundas intenções, varia num mundo de diferentes facêtas, trazendo sempre uma constante: manter o cartaz. Ou seria melhor dizer mànter-se no cartaz? Sim, porque ter cartaz é uma coisa, manter-se nêle é outra, muito diferente.

De qualquer maneira, nota-se logo que a atitude só serve e é empregada para o segundo caso, quando o dono dela tem uma necessidade quase doentia de ver seu retrato nos jornais, de saber-se comentado, de sentir-se conhecido, não importando os meios, mas sòmente o fim.

Dona Luz del Fuego, por exemplo, milhares de anos depois de Eva, meteu-se com uma cobra, voltando a formar a dupla bíblica. Com isso, não sofreu — pelo menos aparentemente — o castigo do Criador e ganhou — isto sim — alguns contratos teatrais, o que prova mais uma vez o fato de, infelizmente, não vivermos mais no Paraíso.

O trêfego sr. Barreto Pinto, atualmente em disponibilidade de atitudes, cometeu a leviandade de trocar diversas vêzes seus métodos, o que, sem dúvida, é prejudicial. O atual diretor do Teatro Municipal já se deixou fotografar em cuecas, já vendeu manteiga em praça pública por preço abaixo da tabela e com prejuízo, já fêz diversas outras coisas desconcertantes para manter o cartaz, inclusive mandou, há coisa de alguns meses, pregar uns anúncios nos muros da cidade, explicando que «era do povo», o que deixou muito representante do dito povo encabulado.

Outra atitude digna de registro é a do sr. Tenório Cavalcânti, Natalício para os íntimos, e notícia para os jornais. O povo admira o deputado udenista por ser êle um inimigo do Governador Amaral Peixoto, mas êle adora uma fotografiazinha de revólver a cinta e a tal de «lourdinha» na mão.

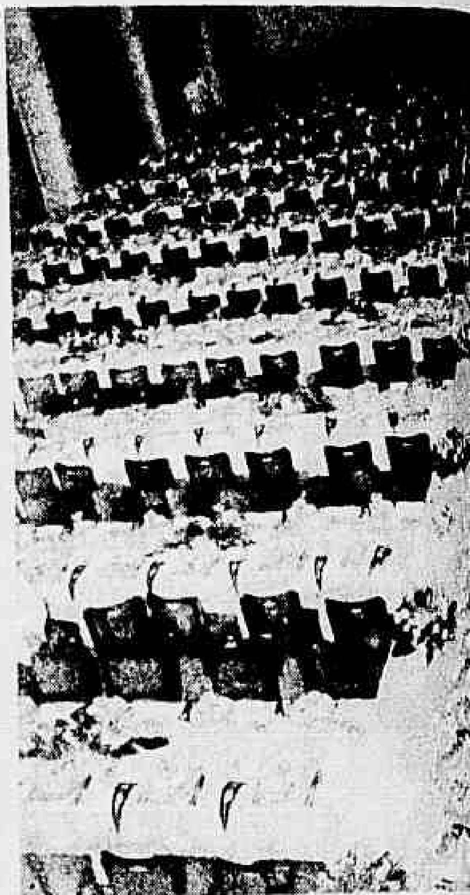
Tenório dá entrevistas quase todos os dias, mas ainda não apareceu um repórter que tivesse a idéia de perguntar-lhe porque só sai no retrato vestindo aquela ridícula capa preta. E' bem verdade que, perguntado, o deputado responderia que é para esconder a arma, esquecido de que ninguém tem dúvidas de que êle anda sempre armado.

Mas aquela capa, quer queiram quer não queiram os admiradores do «cow-boy» de Caxias, é pura atitude, e tanto é assim que êle se deixa fotografar até em casa, de pijama, com a capa por cima. E a sêde de publicidade é tal, que os sedentos chegam a perder a linha, trocando sopapos, ofensas, etc., sòmente para serem citados na imprensa. O caso da Miss Objetiva está aí mesmo para provar. As moças estão embriagadas pela publicidade que se faz em tôrno delas, que chegam a propor um duelo de curvas, um duelo público, despidas, no Maracanã. Tudo atitude, tudo sinal da época.



FALTOU UM CONVIDADO NO BANQUETE DO FLAMENGO

O anunciado encontro (esportivo) do Presidente Getúlio Vargas com o marechal Eurico Gaspar Dutra no banquete monumental oferecido pelo Flamengo na inauguração da sua nova sede, não aconteceu. No último instante, quando os convidados já se acercavam das mesas bem ornamentadas, compareceu o Ministro Tancredo Neves representando o Chefe do Govêrno. Inúmeros repórteres políticos dos jornais cariocas acorreram ao palácio da «Curva das Amendoeiras» na espectativa do encontro, mas foram logrados. O marechal Dutra, no entanto, compareceu sorridente, escanhoado e envergando um bem talhado terno azul marinho. O ex-Presidente foi saudado calorosamente pela multidão presente, e os fotógrafos «fuzilaram-no» com as suas baterias. Dutra estava eufórico e parecia saborear gostosamente os coqueteis que a todo instante lhe ofereciam. O banquete (500 talheres) foi por todos os modos um sucesso, e teve início com o hino do Flamengo ouvido, com reverência pelos convivas, todos em posição de sentido. Altas personalidades da República lá estavam presentes. Falou o sr. Gilberto Cardoso, presidente do Flamengo, que se



referiu às lutas e às glórias do grê[mio] rubro-negro através dos anos, apre[sen]tando aos presentes, à certa altu[ra], mais antigo fundador do glorioso c[lu]be, o sr. Augusto Lopes da Silv[a] que foi acolhido com vibrantes sa[lvas]

DISCOS

● TRIO MARABÁ — «Quatro Horas» e «Mulher» — Coisa rara isso [...] Trio Marabá lançar músicas desconhecidas. Quase sempre grav[a] melodias de sucesso, na tentativa de pegar uma beiradinha no êx[ito] alheio, tal como fizeram tantas vêzes e vêm de fazer agora com [o] chatíssimo «Jambalaya». — (Copacabana)

● OLIVINHA CARVALHO — «Casa Portuguêsa» e «Mariana» — O[li]vinha em melodias de compositores lusos. O primeiro é o já famo[so] êxito de Reinaldo Ferreira, Vasco Sequeira e Artur Fonseca. Quan[to] ao segundo, diz o sêlo que é um fado-fox. Saberá o leitor o que v[em] a ser isso? — (Copacabana)

● GREGORIO BARRIOS — «Plazos Traicioneros» e «Tu verás» — S[ão] mais duas interpretações soluçadas pelo Don Gregorio que, de grand[e] mesmo, só tem as costeletas — (Odeon)

● JOÃO DIAS — «Luzes da Ribalta» e «Padam... padam» — D[uas] versões: a primeira da melodia tema do filme de Chaplin, a outra d[e] uma valsa lançada no Rio pela bela Dany Dauberson. Tudo isso cantado pelo João Dias com aquela voz empostada, imitando o falecido. — (Odeon)

● RADAMÉS GNATTALI — «Fon Fon» e «Apanhei-te cavaquinho» — Quando respeita e procura conservar as características dos autores, Radamés consegue gravar discos agradáveis. Foi assim com aquêle álbum de Sinhô, interpretado por Mário Reis, e é assim agora, quando toca ao piano, acompanhado de orquestra, dois chorinhos de Nazareth. — (Continental)


OLIVINHA CARVALHO

BOITES

★ O que há de novidade no setor das «boites» é a apresentação dos dois novos «shows», «Qu'est ce que tu penses?» e «Esta vida é um carnaval», no Monte Carlo e no Casablanca, respectivamente. Como todos os «shows» empresados pelo senhor Carlos Machado, êstes dois vêm precedidos de muita publicidade, muita palavra pomposa, como «epopéia», «deslumbramento» «suntuosidade», etc.

★

«Qu'est ce que tu penses?», de autoria de César Ladeira e Haroldo Barbosa é o mais fraco dos dois, apesar do nome de Haroldo, que já tem tido excelentes idéias para «shows», estar envolvido na parceria. Como todos os espetáculos de fim e início de ano, êste tem como motivo o carnaval carioca e se o texto não é mau, o mesmo não se pode dizer do elenco, onde Renata Fronzi aparece completamente fora de forma, onde o jovem cômico Ariston tem uma parte pouco propícia aos seus dotes e as coristas estão longe de ser aquêle conjunto de belas garôtas que deu fama ao Monte Carlo. Resta a «verve» de Válter D'Ávila que valeria um «show», não fôssem os preços assustadores dos «night clubes» cariocas.



VALTER D'AVILA

★

Já «Esta vida é um carnaval» consegue impressionar mais favoràvelmente, coisa, de resto, esperada, tal foi o elenco contratado para vivê-lo. Ataulfo Alves, que no ano passado brilhara no mesmo Casablanca, desta vez não traz um samba como aquêle «Vai na paz de Deus», além de cometer a leviandade de participar dos textos, o que não se explica, absolutamente. Grande Otelo, sempre igual, não pode mais agradar a uma platéia que está acostumada a vê-la, há mais de dez anos, fazendo as mesmas coisas.

Mas « Esta vida é um carnaval» tem um mérito, qual seja o de reviver os tempos do Cassino da Urca, época áurea da vida noturna do Rio. E isto o «show» consegue fazer, graças ao movimento impressionante das cenas, que a gente custa a acreditar possa ser conseguido no pequeno palco da «boite» da Praia Vermelha, e graças também às «girls», aqui numa aquipe mais harmoniosa; aos atores, que são muitos, inclusive a versátil Terezinha Austregésilo, o incrível Russo do Pandeiro, e alguns outros nomes famosos.

TEATRO

★ Quando êste número estiver circulando, a Cia. de Silveira Sampaio já terá deixado o palco do Teatro Serrador, depois de uma temporada das mais brilhantes, em que o ator não só apresentou algumas de suas peças que vinham de obter êxito em Copacaban, como também, graças à acorrência de público, viu-se obrigado a lançar dois cartazes inéditos, tais como «O Diabo em Quatro Corpos», a peça mais vista neste fim de ano, e «Reginaldo o Costureiro», esta última apenas por uma semana, prejudicada que foi a sua programação pela permanência da anterior.

★



LUZ DEL FUEGO

O Carlos Gomes, depois de hospedar algumas companhias de revistas quase fracassadas, apresenta, agora, Dulcina e Odilon, numa rápida temporada a preços populares. «O Imperador Galante» que, segundo parece seria a única peça a ser ali encenada, já foi substituída por outra : «As árvores morrem de pé».

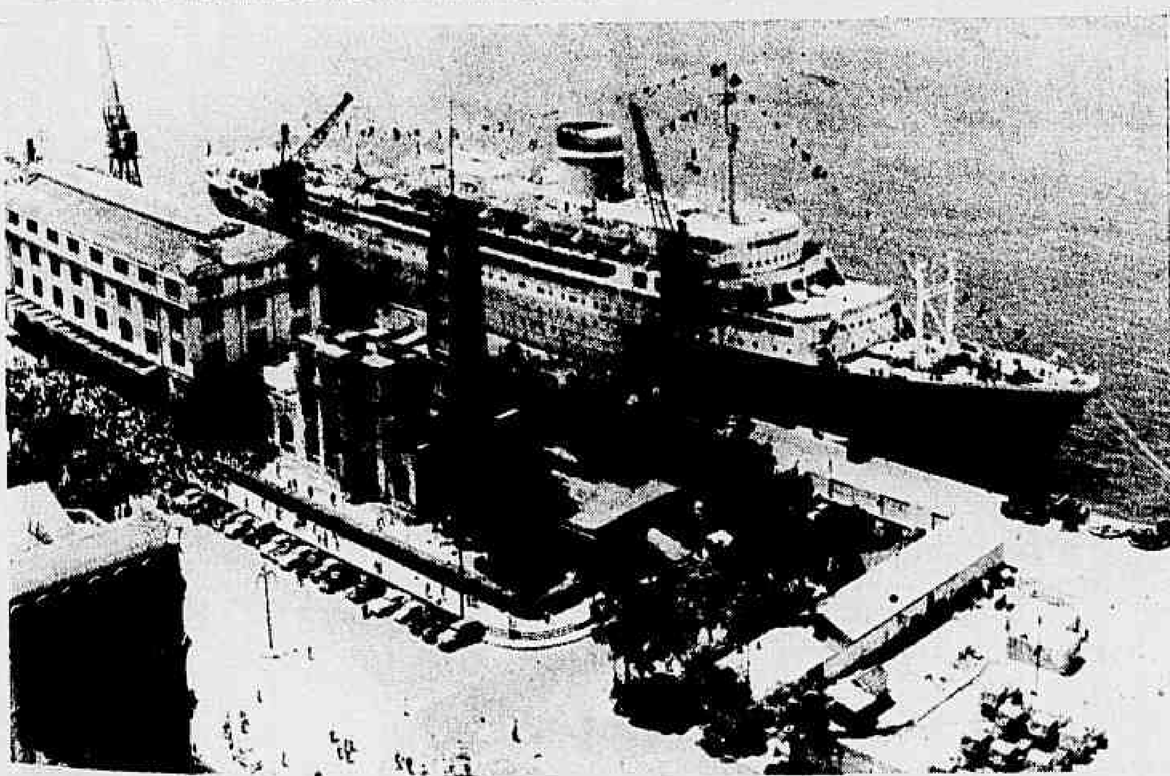
Ainda no setor da Praça Tiradentes, temos «O que é que o bikini tem», revista que tem dado o que falar, não por seus méritos, que são poucos, mas em virtude da ordem do Juiz de Menores proibindo a participação do cômico Daniel Filho, cujo cartaz era grande em S. Paulo.

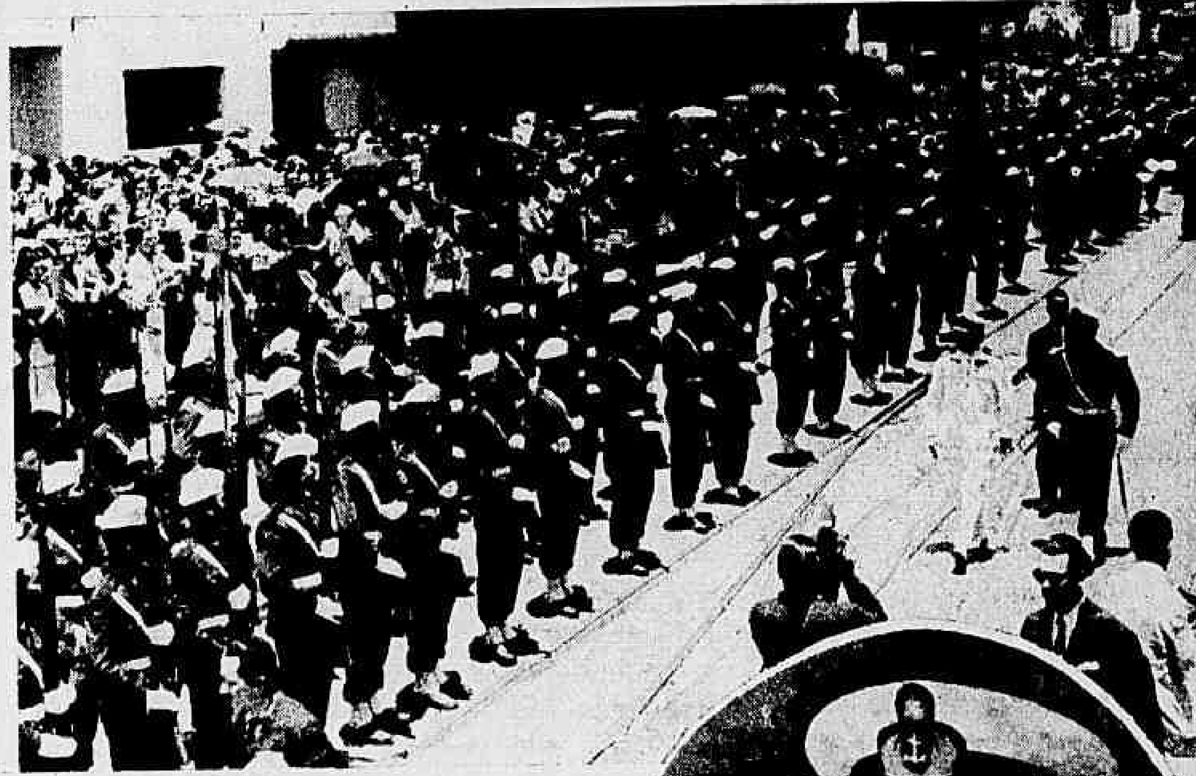
O fato do rapaz estar proibido de atuar enquanto não atingir a maior idade, foi comentado pelos jornais, vindo daí uma publicidade extra que, no entanto, em nada aumentou o nível artístico dêsse que é mais um espetáculo de chanchada.

★

Quanto aos demais cartazes da cidade, temos «Obrigada pelo amor de vocês», no Dulcina; no Rival um novo espetáculo de Marlene e Luís Delfino, «Depois do Casamento»; no Glória continua Oscarito e Família, com «Cupim», bichinho que, se ainda não deu, já devia ter dado naquele espetáculo; e, finalmente, o República, que tem ainda o seu palco ocupado pelos Artistas Unidos, apresenta a peça que há três anos vem sendo um grande sucesso em Paris, «Daqui não saio».

O ALMIRANTE E O «SANTA MARIA» ACLAMADOS NO CAIS DO PORTO







Constituiu um espetáculo soberbo a chegada domingo pela manhã, dia 22 último, da mais nova unidade mercante portuguêsa, o transatlântico «Santa Maria». Milhares de espectadores, povo carioca e a colônia portuguêsa, acorreram ao cais da Praça Mauá, fronteiro ao Touring Club do Brasil, para saudar o belo navio em sua viagem inaugural, que nos trouxe em visita o Ministro da Marinha Portuguêsa, almirante Américo Rodrigues Tomaz, o primeiro ministro naval lusitano a visitar o Brasil oficialmente. Ao local compareceu o Ministro Renato Guilhabel e altas autoridades nacionais, tendo desfilado o Corpo de Fuzileiros Navais em presença do ilustre visitante. A curiosidade foi geral em conhecer as instalações da moderna unidade da marinha portuguêsa. O «Santa Maria» desloca 21.750 toneladas e mede de comprimento 185,75 metros. O luxuoso «linner» possui belíssimas decorações interna e possui capacidade para quase dois mil passageiros. Nesta viagem, trouxe o «Santa Maria» 850 passageiros portuguêses, alguns dêles em viagem de retôrno ao Brasil, e outros em visita pela primeira vez à nossa terra. Abraços saudosos, beijos e apresentações às centenas representaram a nota comovedora do desembarque, num símbolo do congraçamento cada vez maior das duas pátrias irmãs que o Atlântico já não separa mais.

Semana POLÍTICA

A FUTURA CONVENÇÃO DO P. S. D.

PSD vai examinar a sua posição nos Estados. Quis fazê-lo na última Convenção. Pelo menos, era esta a intenção de alguns dos seus dirigentes quando pensaram na convocação da grande assembléia, então realizada. Especialmente depois da organização e do trabalho da apelidada Comissão de Queixas, cujo objetivo real foi medir a extensão e a profundidade do prestígio político-eleitoral do PSD no interior do país, comparando-se aos dos outros grêmios.

Mas, receiou o PSD abrir, antes de tempo, o debate das respectivas eleições estaduais. O preferível teria sido — tal como imaginaram alguns categorizados dirigentes — examinar a situação de cada Estado e aconselhar prèviamente, os correligionários locais a esta ou aquela aliança.

Tal, porém, não foi possível fazer. O partido, sem perder, no seu todo, aquêle tradicional e característico sentido de conservação e, o que é mais curioso, a sua irrecusável vocação de Poder, viu brotar nos seus quadros, medrosamente, a semente da rebelião, que não lhe era comum. Agremiação madura, que só concebe o pronunciamento unânime, do todo, embora admitindo os maiores debates entre as quatro paredes da vida partidária — o PSD sentiu, desde o primeiro momento da Convocação, que não lhe bastaria tempo para o exame das situações estaduais, além da inoportunidade do momento para agitar assunto dessa natureza.

Agiu, então, de maneira tipicamente pessedista: adiou o problema, com uma conversa ao pé do ouvido, sem nada deixar escrito, como é do gôsto da prudência política.

Agora, entretanto, agita-se no partido a onda de uma nova Convenção, desta vez em fins de janeiro, para examinar as situações estàduais...

Como se sabe, os gaúchos não se pretendem render, sem mais aquela, e desejam, mais do que debater, aliciar correligionários para a sua tese política. Para isso, tentam conquistar o sr. Etelvino Lins, cujo esquema político não resistiu ao contato da realidade. Coagulou-se.

Que desejam, afinal, os pessedistas gaúchos? Polarizar no sr. João Goulart a sua luta contra o sr. Getúlio Vargas. Porque contra êste, o PSD já demonstrou que não vai assim, sem grandes razões...

HUMBERTO ALENCAR



RAUL BARBOSA



HUGO BORGHI

A CONCILIAÇÃO CEARENSE

● No momento em que escrevemos es- tas, políticos cearenses, dos mais categori- lutam por pacificar o Estado. Desde que p o Govêrno, com a vitória do sr. Raul Barbo UDN vem tentando construir um sistema de ças que lhe dê, novamente, o contrôle do C

De outra face, o sr. Raul Barbosa, da cha ala moça do PSD cearense, investiu para o i rior, procurando atrair elementos prestigiosos outros partidos, de maneira a assegurar uma lução satisfatória para o pessedismo.

Ora, na oposição, muito mais fácil seri udenismo oferecer vantagens para uma co ção. E assim aconteceu: a UDN deixou-se com o candidato a Governador e ofereceu PTB tudo o mais, as cadeiras de senador, vice-Governador, o compromisso para a e de dois deputados federais e dois estaduais, ticipação no Secretariado e ainda a prom do Governador eleito não criar maiores em raços à ação do PTB na esfera federal, q da sucessão do sr. Getúlio Vargas.

Está claro que todos êsses oferecimentos riam revistos quando outras fôrças se dispu a entrar para o acôrdo. Nessa condicional ria o sr. Olavo Oliveira, que, segundo se mava, abandonaria a aliança com o PSD, se coisas estivessem pretas, a fim de garantir a cadeira de senador.

O sr. Raul Barbosa desfraldou, porém, a ban deira da pacificação geral. Nesta hora, o no do sr. Menezes Pimentel surge novamente co o que mais harmoniza as fôrças em entendim A política cearense, contudo, é uma caix de surprêsas. Difícil mesmo será qualquer pr nóstico, pois sòmente no comêço do ano é q as fôrças estaduais tomarão definitiva posiç

BORGHI

● O sr. Hugo Borghi está preparando a s «reentrée» em grande estilo. Depois que reg sou ao PTB, passou a fazer, silenciosamente, política trabalhista municipal. Hoje, segu afirmam alguns observadores, o célebre ma teiro já está de malas arrumadas para empolg novamente, o partido em São Paulo, desfec do uma campanha sem precedentes, visando Govêrno do Estado. Acontece, entretanto, q fôrças ponderáveis no caos político paulista f tam uma pacificação, inclinando-se pelo nome sr. Marcondes Filho, que se encontra sepul no Senado.

POLÍTICOS EM PASSO DE MAMBO

● A contra-dança dos políticos, à procura de legendas, mal satisfeitos nas que se abrigaram, está em plena efervecência. Desajustados nos grêmios que de taram, anseiam por outra agremiação, para renovarem a aventura. Os program via de regra, se parecem, e todos os caminhos são bons quando levam à font Sobe, dia a dia, na Câmara, o número dos representantes sem legenda, como s bolizando a viva contradição existente entre essa posição e o regime de p tidos nacionais...

Perfil político

LEANDRO Maciel nasceu no Rosário do Catete (Sergipe), em 1897. E' bastante moço: 56 anos. Ainda assim, o político sergipano foi eleito quatro vêzes para a Câmara Federal (duas na Constituinte) e uma para o Senado. Herdou a veia política do pai, que, também, foi Constituinte em 91. Já estêve na bica para ser Governador do seu Estado, naquela eleição famosa ganha no apito: 60 votos na apuração do Tribunal. O deputado não tem mágua, mas confessa que estava convencido da vitória, porque fôra eleito pelo povo. Apesar das vitórias consecutivas na vida pública, Leandro acha que nunca devia ter deixado a Engenharia. Na sua opinião a Política tem uma porta larga para entrar e estreita para sair, mesmo quando se julga chegada a hora da retirada. O sergipano gostaria mais de estar no sossêgo da sua fazenda. Sem rádio e desligado do mundo. Para não sentir o desencanto político — diz êle — onde parece que há a permanente conspiração e nós mesmos procuramos cada dia desacreditar a vida pública. Para o deputado udenista, seu partido é um agrupamento político que abriga muita gente sabida. Na U.D.N. há de tudo: os líricos e os espertos. O Partido do Brigadeiro — depois das lições anteriores — precisa aprender a ganhar. No dia 3 de outubro de 54, Sergipe terá as eleições gerais. Ainda não há candidatos. Mas é possível um nome de conciliação — diz Leandro — tudo é possível em política: até mesmo o entendimento entre os diferentes partidos de Sergipe. Se o repórter arriscar alguma pergunta sôbre a sucessão presidencial, fatalmente ouvirá esta resposta do deputado: você já viu um político do pêso eleitoral de Sergipe dar palpite sôbre a sucessão presidêncial? O engenheiro Leandro Maciel é franco e costuma pôr as cartas na mesa: anda impressionado com o êxodo do capital e dos aventureiros das cidades do norte. Seu Estado tem sido esquecido da Federação. Mas, no setor da Agricultura, da Viação e da Saúde — graças ao Lourival Fontes — tem recebido alguma ajuda. Dos cinco filhos do deputado, o mais velho já foi apontado para deputado estadual, numa eleição que era macuco no embornal. Mas o pai costuma dizer aos amigos: não gosto de política doméstica, mas se puder evitar que meus filhos penetrem na outra política eu o faço. No Sergipe êle tem inúmeros amigos do peito. Aos daqui — que não são poucos — o Leandro Maciel costuma dizer: eu voltarei à Câmara quando quiser, eleito não pela fôr do dinheiro, mas, pelos amigos de Sergipe que já me elegeram das outras vêz



DICIONÁRIO POLÍTICO NACIONAL

ADERIR

VERBO REGULAR, REGULARÍSSIMO NA GRAMÁTICA POLÍTICA. Da primeira conjugação, porque é o primeiro a ser conjugado pelos que ficam por baixo. A adesão tem muitos apelidos na prática política brasileira. Geralmente aparece com os nomes de «acôrdo», «coligação», «pacto», «conciliação», «composição» e outras máscaras honrosas. As adesões de primeira categoria valem ministérios, presidência do Banco do Brasil e secretarias de Estado. As mais baratas custam embaixadas, cartórios e comissões no estrangeiro, sendo que Paris abala qualquer missões no estrangeiro, sendo que Paris abala qualquer dignidade. E' negócio, como os demais, sujeito às leis da oferta e da procura.

UDN

SUBSTANTIVO BRIGADEIRISTA, COM PRURIDOS DE INTERJEIÇÃO HERÓICA. A U. D. N. é um partido de Oh! posição, ou seja, uma oposição puramente exclamativa. Por isso tem três ministros (há quem diga quatro) no govêrno e trezentos impacientes na fila. Faz uma oposição multicor, que vai do rubro apoplético à brancura tísica. Chamam-no «partido de gravata e lenço branco».

ROMPIMENTO

SUBSTANTIVO MUITO COMUM. E' o artigo segundo de tôda aliança política que se conserte neste país. Os que rompem forma «dissidências» e as dissidências formam novos partidos, de onde saem novas dissidências. Um dia o govêrno trabalhista do Brasil exigirá aviso prévio e indenização para os rompimentos, que serão equiparados à rescisão do contrato de trabalho. Teremos, então, o rompimento industrializado e também neste setor o nosso país será o avançado do mundo.

VEREADOR

SUBSTANTIVO ORDINÁRIO COM PRETENSÕES A ADVÉRBIO. Os vereadores do Distrito Federal desmoralizam a classe, mas em outros locais mais bem policiados da República ainda conservam uma certa substância de inocência. Primeiro degrau da militância política, a vereança é também o degrau onde tropeçam a boa-fé e o espírito público dos afoitos. Depois é a deputação, a senatória, um ministério, a deterioração completa e irremediável.



ADEMAR

ADEMAR DE BARROS

SUBSTANTIVO UM TANTO IMPRÓPRIO. Quando êle fôr Presidente da República promoverá várias inovações. Por exemplo: a Caixa Econômica Federal passará a chamar-se «Caixinha Econômica». E teremos, também, os Institutos e Caixinhas de Aposentadoria e Pensões.

REFORMA

VERBO QUE PEDE OBJETO SUSPEITO. Reformar, na política nacional, quer dizer ajustar uma coisa aparentemente boa a certos interêsses e intuitos inconfessáveis. Todos os males, do Estado Novo ao trânsito na avenida Rio Branco, têm resultado de reformas.

PLANO

SUBSTANTIVO CHATO. O plano é a materialização do delírio nacional. Os planos jamais são executados, mas isso já faz parte dos planos. O único plano que deu resultado, até agora, o Plano Cohen, era um plano falso. Como somos um país formidável, cada govêrno tem, pelo menos, dez planos diferentes e antagônicos. Do Plano Láfer ao Plano Aranha, por exemplo, vai uma distância que os astrônomos não ousariam medir.

CABO ELEITORAL

SUBSTANTIVO DE SUSTENTAÇÃO. E' um instrumento levantador de anônimos e mofinos. Cumpre o destino das alavancas. Quando a alavanca está velha, enferruja e acaba no ferro velho. O cabo eleitoral envelhece e, no máximo, acaba vereador.

TRABALHISMO

SUBSTANTIVO IMPORTADO E NATURALIZADO, SEM GÊNERO E NÚMERO DEFINIDOS. Em matéria de trabalhismo, deixamos os inglêses boquiabertos. Êles (coitados) só dispõem de um partido trabalhista, ao passo que a nossa exuberância tropical, nestes oito anos de democracia renascente, já produziu quatro: o Partido Trabalhista Brasileiro, diferente — tão sutil é a malandragem patrícia — do Partido Trabalhista Nacional, e mais ainda o Partido Social Trabalhista e o Partido Republicano Trabalhista. Não há trabalhadores para tantos partidos trabalhistas, nem a massa obreira dêste país essencialmente agrícola é mais feliz com ser tão fartamente representada. O trabalhismo, no Brasil, é o apelido britânico do getulismo e entre os seus líderes se contam alguns dos mais amplos e sólidos milionários da nossa praça. São trabalhistas porque vivem do trabalho... alheio.

VOTO

SUBSTANTIVO MASCULINO E FEMININO, DEPOIS DO SUFRÁGIO UNIVERSAL. Universal, secreto, direto e variável no preço, segundo a região, o custo de vida e outros fatôres ocasionais. Contrariando o conceito getuliano, tem enchido a barriga de muita gente, eleitores e eleitos. No Brasil os analfabetos não podem votar. Nada impede, entretanto, que sejam votados. Para dizer melhor: que sejam os mais votados.



GÓIS

SENADOR

O DEPUTADO toma café, o senador toma chá. O deputado cochila, o senador ronca. O deputado fala, o senador geme. O deputado protesta, o senador pigarreia. O deputado vota, o senador acomoda. O vereador bebe cachaça, o deputado bebe whisky e o senador já não está em idade de beber. (O suplente de senador paga a conta).

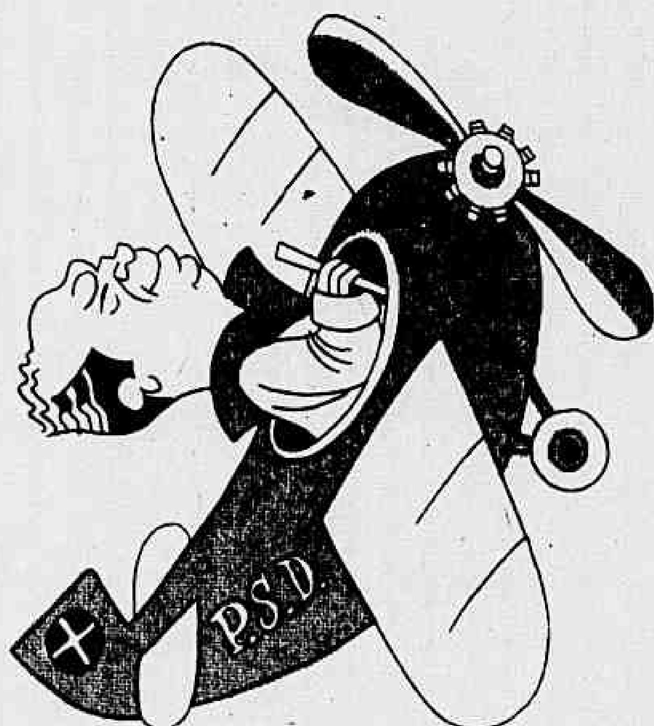
NOVO CARTAZ DE MOZART LAGO

Das campanhas a que se vem dedicando, no Senado, o sr. Mozart Lago, deu-lhe mais forma a defesa intransigente dos direitos da mulher. Assim foi quando pretendeu fazê-las comissárias de polícia, numa tarefa até hoje entregue só a homens... Repetiu-se, com alarido, no país inteiro, o cartaz do senador, quando também pretendeu que as saias viessem a povoar a diplomacia.

Mas, agora, vai o nome do senador carioca — se já não o fêz — furar o interior do Brasil, como autor de um projeto da maior importância na luta político-eleitoral que estamos em vésperas de travar.

Diz o Projeto, em seu artigo primeiro: «É facultado aos escritórios eleitorais, em todo o território nacional, **intedependentemente de intervenção dos partidos**, mas após inscrição na zona eleitoral da respectiva sede, requererem aos Tribunais Regionais, a nomeação de um delegado ou procurador que sob responsabilidade dos mesmos se incumba de dar entrada e acompanhar o processo das petições de alistamento em quaisquer varas, até emissão do título, com poderes para juntar e reaver documentos, suprir faltas e emissões, completar provas e recorrer dos indeferimentos ocorrentes».

Os outros artigos da proposição são decorrência do anunciado no primeiro.



KUBISTCHEK

Como se vê, o representante carioca procura legalizar uma situação já existente, de fato, especialmente aqui no Rio de Janeiro. De outra face, porém, o Projeto retira, um pouco, a autoridade dos partidos políticos, parece que arranhando o princípio da aglutinação dos eleitores em agremiações nacionais. Será uma **espécie de alistamento avulso**, aonde vale mais o cabo eleitoral do que o partido...

Não há dúvida de que o projeto do senador Mozart Lago está destinado à mais ampla repercussão e ao mais amplo debate. Os seus efeitos, no interior do Brasil, são imprevisíveis.

A LÓGICA DE CERDEIRA

Comentava-se o discurso do sr. Carmelo D'Agostino a respeito do ex-chefe do seu partido, o sr. Ademar de Barros. O orador descrevera todo o processo utilizado pelo ex-governador para engorda da sua famosa «caixinha».

Escutando as observações, com aquêle sorriso fácil de milionário, queimando o seu havana, o sr. Arnaldo Cerdeira retrucou: — Tôdas as acusações formuladas agora contra Ademar, são as mesmas, as de todos os tempos, desde a interventoria. Ladrão, peculatário, inventor da caixinha — tudo isso foi levantado contra êle, nas lutas em que se envolveu em São Paulo. Como é que agora se pretende abandonar o partido sob a alegação de que Ademar é isso que se diz, quando não há uma acusação nova, tôdas elas são velhas como a Sé de Braga?

ÚLTIMO FLASH



O SENADO E O ESPAÇO VITAL — Nos últimos dias da semana passada os transeuntes cariocas, ao passarem em frente ao edifício do Senado, foram surpreendidos com uma armação de andaimes e mais uma placa, com nome e enderêço de conhecidos arquitetos da praça, o que indicava ir o velho edifício entrar em obras. O espanto foi geral, pois o que se sabia do Senado é que, apertado ali nas já exíguas acomodações do Palácio Monroe, estava prestes a ganhar sede nova — um grande e espetacular edifício a ser erguido num dos melhores pontos da Esplanada do Castelo.

Parece, contudo, que o problema do espaço vital no Monroe chegou ao limite extremo, não podendo mais esperar por uma solução que ainda está na «planta»... Daí o recurso de envidraçar as suas belas e curvas varandas, que até então eram apenas ornamento arquitetural e moradia de andorinhas e pardais. É o que os arquitetos vão fazer com o Monroe, num arranjo de emergência: ganhar mais salas com o envidraçamento das quatro amplas varandas laterais.

Vê-se, portanto, que a Câmara Alta imita a Câmara dos Vereadores, que também teve, premida pela avalanche de funcionários novos, cada qual disputando um lugar na Casa, de construir nos fundos de sua sede todo um edifício de seis andares.

(Foto Alexandre Miranda)

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

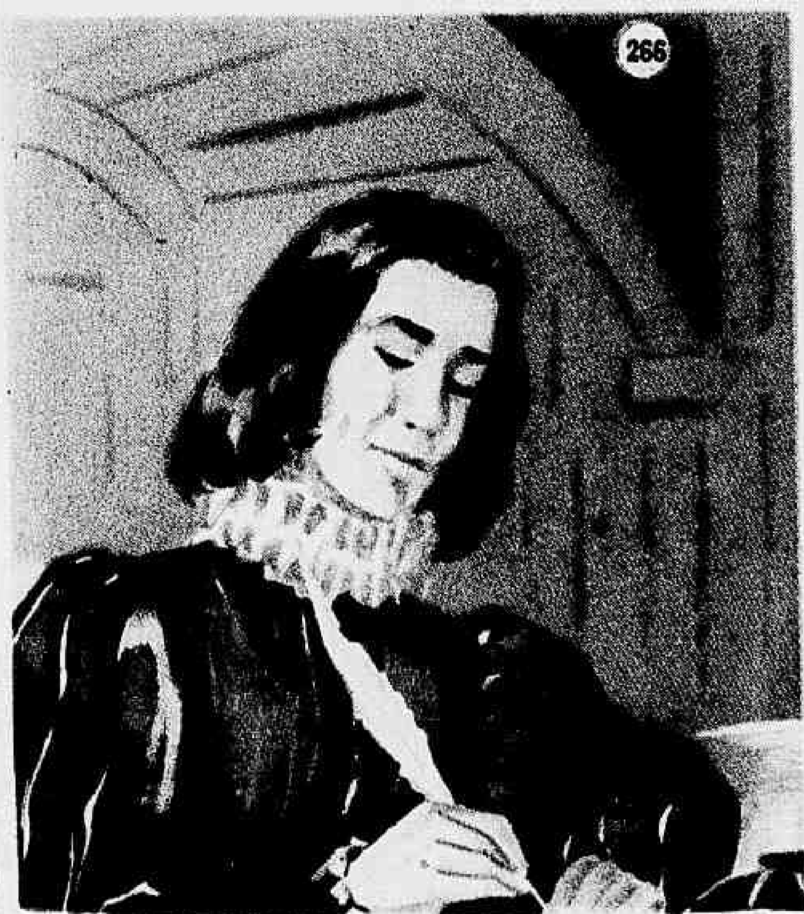
MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM; a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.



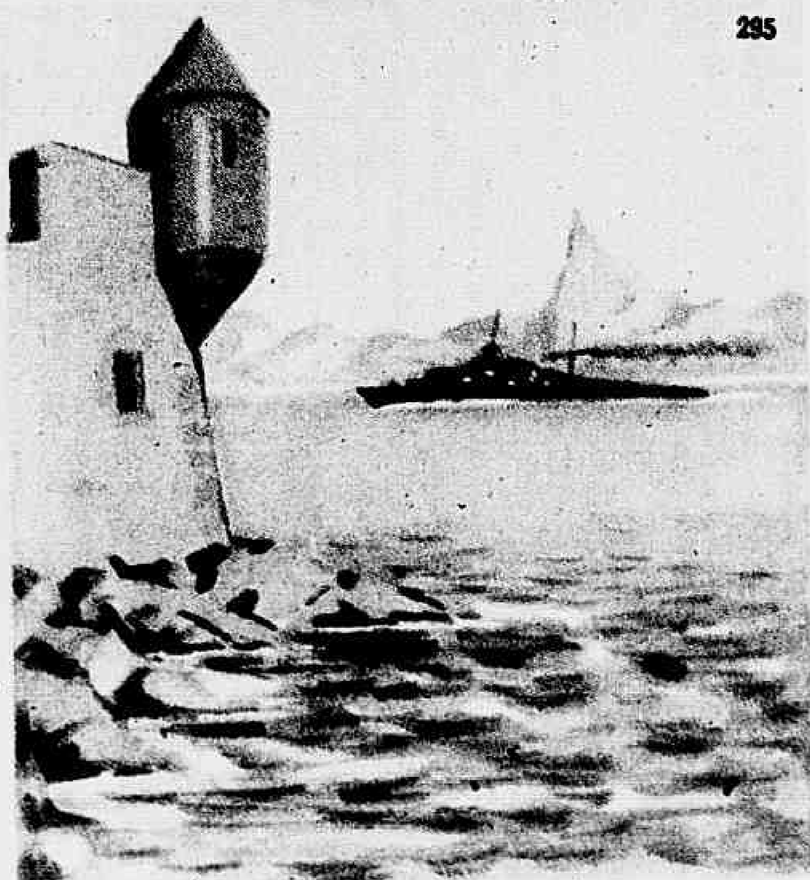
Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro.

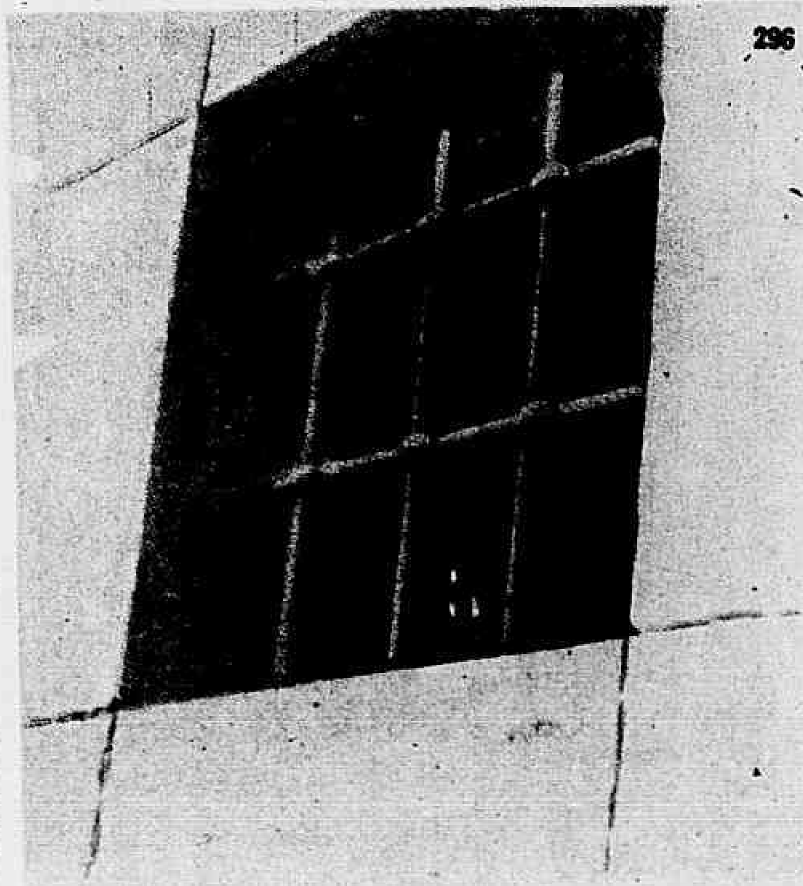












Uma tradição de bom gôsto





CIGARROS

hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ